

# LIVRO DO GÊNESIS

*AD EXPERIMENTUM*

Texto provisório,  
destinado à recolha de contributos dos leitores,  
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.  
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:  
**[biblia.cep@gmail.com](mailto:biblia.cep@gmail.com)**

Versão de 1 de junho de 2025



## INTRODUÇÃO

A importância e atualidade do livro do Gênesis não precisa de ser encarecida. As discussões sobre a responsabilidade do judaísmo-cristianismo na inquinação do planeta Terra, a relação da ciência com a Bíblia e as teorias do evolucionismo e do criacionismo, bem como as do *big bang*, têm a ver com as narrações da criação do mundo e da humanidade nos primeiros onze capítulos do Gênesis. Dele partem várias linhas de força teológicas: a da religião bíblica, os primeiros traços da aliança e da imagem de Deus (criador, onnipotente, “Deus dos pais”). A religião, a arte e a cultura recorrem à inspiração do Gênesis para explorar e articular conhecimentos sobre a vida humana.

### **Título e conteúdo**

No judaísmo é designado pela expressão inicial, *bereshit* (*No princípio*). O título *Gênesis* vem da tradução grega dos *Setenta* (assumido pela tradução latina) e resume o seu conteúdo: *origem* do universo, da humanidade e de Israel. Podem distinguir-se nele duas partes, temática e literariamente desiguais:

a) *Gn 1-11: História das origens*. A criação do universo, do ser humano e das realidades conotadas com a sua vida é situada “no princípio” de tudo e nos alvares da humanidade, antes da história, em tempo primordial. Desenrola-se num horizonte universalista que abrange toda a humanidade. Reunindo várias narrações, primeiramente autônomas, a história das origens foi compilada com a intenção teológica de ser anteposta à história de Israel propriamente dita e de entroncar a história particular de um pequeno povo na grande história universal da humanidade, com transição suave de uma para a outra no final de Gn 11. A sua colocação editorial nas primeiras páginas do Gênesis e do Pentateuco manifesta a consciência de que as origens eram a chave para descobrir o significado de tudo o que se segue. São, pois, um prólogo teológico, não apenas ao Gênesis, mas à história da salvação desenhada nos restantes livros do Pentateuco, que desde Abraão leva os hebreus até ao limiar da “terra prometida”. O chamamento de Abraão para pai do povo que se sentiu eleito por Deus ganhava assim alcance e poder salvífico mais amplo, não só para Israel, mas para toda a humanidade. É com esse propósito que os redatores põem Deus a dizer a Abraão no início desta história que ele “será bênção” para “todas as linhagens da terra” (12,3; 17,4-5; 8,18; 22,18). Para fazer ressaltar a eleição e a aliança divinas, a reflexão teológica de Israel projetou positivamente as suas origens de povo sobre o pano de fundo das origens da humanidade.

b) *Gn 12-50: Tradições patriarcais*. Os ciclos de Abraão, Isaac e Jacob (12-36) distinguem-se bem da história de José (37-50). Descrevem a história dos antepassados do povo de Israel, os “pais”, e inscrevem-se num tempo de teor histórico propriamente dito. Os relatos aparecem enquadrados pelos temas da promessa da terra (12,7 e 50,24; 48,21) e da bênção (12,2-3 e 49,28). Da sua leitura conclui-se que as

tribos que constituíram Israel absorveram grupos familiares e tribais de origens diferentes. Vagas sucessivas, nomeadamente da Mesopotâmia, penetraram nas terras de Canaã. Trouxeram tribos com elementos do mesmo sangue ou que se uniram entre si por meio de alianças, adoções, proximidade geográfica, vizinhança, para proteção do mais fraco pelo mais forte, antes de constituírem um povo. Da diversidade inicial as uniões de tradições particulares fizeram emergir três figuras patriarcais: Abraão, Isaac e Jacob. As relações e os laços que se foram estabelecendo entre estes grupos exprimiram-se sob a forma de genealogia, fazendo com que “os filhos de Israel” descendessem de Abraão por Isaac e por Jacob. Pela maior concentração narrativa, distinguem-se nestas tradições os ciclos e as personagens de Abraão (12,1-25,18) e de Jacob (25,19-36,43). A história de Isaac está incluída na do pai Abraão (21; 22; 24) e na dos filhos Esaú e Jacob (25,19-28; 27; 28,1-9; 35,27-29); só em Gn 26 Isaac atua como personagem principal. O interesse da história das suas famílias está centrado na descendência, o que justifica o importante papel atribuído às mulheres, como Sara, Agar, Rebeca, Raquel, Lia e outras.

As tradições sobre Jacob são as mais complexas, com diferentes linhas que se entrecruzam. Particularmente emaranhada é a de Jacob com Israel. A lenda sobre a luta com o ser misterioso durante a noite (32,23-33) e a aparição divina em Betel (35,9-10) contam a mudança do nome de Jacob para Israel. Israel é originariamente nome do antepassado de um grupo diferente do de Jacob. Também em 35,21-22 e na história de José, Jacob é chamado Israel com a valência de nome pessoal, como em Ex 32,13: “Abraão, Isaac e Israel, teus servos”. A autonomia entre os patriarcas Israel e Jacob teria sido conservada até o grupo e as tradições de Jacob se fundirem com as de Israel, em busca de identidade para o povo.

A história de José em 37-50 faz ressoar o grande final da sinfonia patriarcal, com sonoridades egípcias a anunciarem a primeira parte do livro do Êxodo. Os versículos finais apontam para as tradições do êxodo do Egito, que abre o caminho para a “terra prometida”. José garante aos irmãos que “Deus vos fará subir deste país ao país que Ele prometeu em juramento a Abraão, a Isaac e a Jacob”. O Egito foi uma etapa de prosperidade. O entrançado da história de José é uma explicação razoável da referência bíblica à descida dos “filhos de Jacob” ao Egito. Há quem a associe ao movimento dos hicsos. Realmente, a história universal assegura que vários grupos de beduínos ou pastores que fugiam da aridez do deserto do Sinai com os seus rebanhos conseguiam passar para o Egito. Se normalmente se limitavam a incursões na zona limítrofe do deserto, alguns penetravam até ao delta do Nilo, onde se estabeleciam por algum tempo. Foram estas incursões que prepararam a tomada do poder no Egito pelos hicsos, “governantes estrangeiros”, no II Período Intermédio. Esses imigrantes asiáticos instalaram-se no nordeste do delta e a partir daí dominaram e governaram uma parte do Egito aproximadamente entre os anos 1720 e 1552 a.C. Ora, essa é a região onde, segundo 47,6, se instalou um grupo de parentes de José. Historicamente não é impossível que uma entrada de grupos tribais de Jacob, pouco

numerosos, tivesse acontecido pouco antes da dominação dos hicsos. Mas isto não se pode comprovar, como não se pode reconstruir o fundo histórico da sua presença no Egito. Certo é que não houve “povo de Israel” no Egito; as tribos só se constituíram e federaram lentamente. Por isso, não sabemos que tribos desceram ao Egito e ali permaneceram. A história de José passa a mensagem subliminar de que o homem põe e Deus dispõe, Deus escreve direito por linhas tortas e tira o bem do mal (50,20; cf. 45,5-8 e Rm 8,28). O relato nota que Deus estava com José e “fazia prosperar tudo o que empreendia” (39,3.23). A interpretação dos sonhos é atribuída a Deus (40,8; 41,16.25.28.32), que abençoa o faraó e lhe dá êxito (39,2-5.21). As virtudes humanas que revestem José são as da sabedoria de Israel; a longanimidade (Pr 14,29; 15,18), o perdão das ofensas (Pr 24,29) e a integridade fazem dele modelo de vida.

### **Composição literária**

A análise literária de Gn 1-11 revela uma composição com materiais heterogêneos, de origem diversificada e com um desenvolvimento complexo. O conjunto representa a fase final de uma secular elaboração literária em rede, de diversos círculos culturais e religiosos da tradição de Israel, na qual tomaram parte sucessivos autores. Está constituído por várias narrações das origens, todas elas narrativas de criação, de fontes autónomas. Em Gn 1-3 temos dois relatos paralelos, com estreitas semelhanças e grandes diferenças. Gn 4 contém a história de Caim e Abel, com uma genealogia primordial. Gn 5 desenha uma genealogia de personagens anteriores ao dilúvio. Gn 6,1-4 introduz o tema da multiplicação da humanidade, que também antecipa o relato do dilúvio, que vai de 6,5 até 9,17. Depois do episódio sobre os filhos de Noé em 9,18-29, o cap. 10 conta o repovoamento universal da terra depois do dilúvio. Gn 11 descreve a diversificação das línguas da humanidade, lançando depois a ponte para a história propriamente dita por meio de uma genealogia de figuras pós-diluvianas, cujos últimos elos são apresentados como antepassados de Abraão. Todas estas narrações terão sido unidas pelo tema das origens, numa sequência com certa coerência narrativa, obra de um redator ou compilador final. Esse longo processo de redação faz pensar que a “história das origens” não terá tido nunca autonomia própria, mas terá sido articulada em função do Génesis e do Pentateuco.

A composição literária das tradições patriarcais (12-50) aconteceu de forma lenta e complexa, com etapas sucessivas de redação e compilação. Cada tribo terá conservado e transmitido oralmente durante séculos a recordação longínqua do seu antepassado e de personagens fundadoras da sua história, narrando acontecimentos com fundo histórico. Num processo gradual de composição, a tradição de cada patriarca foi crescendo até formar conjuntos mais amplos. Com a progressiva fusão de distintos grupos até formarem o povo de Israel, estes relatos foram postos por escrito, como testemunho das suas raízes, fazendo-o remontar às origens. Nesse retorno às fontes, factos representativos, episódios e personagens foram recolhidos, ampliados e incorporados em forma de história da relação de Israel com Deus por

pessoas preocupadas em conservar viva a memória do povo. E em todos os períodos da história israelita, as tradições/fontes, orais e escritas, foram comentadas, cruzadas, alargadas e retocadas, para se adequarem a novas situações sociais e para se tornarem comuns a “todo o Israel” (Dt 1,1; 5,1). Não são, pois, obra do rasgo genial de um só autor nem produto de uma só época, mas construção secular feita sobre a base de diversas tradições dentro de variados círculos de fé do povo de Israel, em sucessivas gerações de pensadores e escritores. Todos estes materiais literários da tradição terão sido articulados num fio narrativo continuado e numa sequência cronológica por um redator final, num tempo relativamente recente, depois de as tribos se constituírem como povo na “terra prometida”. Selecionando, combinando e atualizando os materiais, esse redator fez com eles a expressão da sua própria visão da história patriarcal.

### **Contexto cultural, literário e religioso**

O desconhecimento do contexto em que nasceram os textos do Génesis gerou tensão entre o seu sentido original e as interpretações posteriores. Estas mantiveram viva e fresca a força dos relatos, mas divergem significativamente do horizonte cultural que produziu o seu sentido original. O seu estilo narrativo, com páginas magistrais na arte da narração, e a sua força antropológica denunciam um fundo cultural, literário e religioso, que deve ser tido em conta na sua interpretação, pois o que um texto quer dizer depende também daquilo que está por trás dele e que o ilumina.

*Fundo cultural e literário de Gn 1-11.* A descoberta das narrações das origens, a partir de meados do séc. XIX nas escavações arqueológicas no antigo Próximo Oriente, teve consequências decisivas para a compreensão dos primeiros onze capítulos do Génesis. De facto, motivos literários, temas, conceções cosmológicas, religiosas e culturais (criação de todos os seres pela divindade, o conhecimento como distintivo do ser humano em relação aos outros seres, a grandeza e os limites da vida humana, união sexual entre seres divinos e mulheres, um dilúvio, genealogias...) remetem para o contexto histórico do Próximo Oriente antigo, o chamado mundo bíblico. Embora as componentes temáticas de Gn 1-11 se encontrem nas culturas e nos povos mais diversos, elas remetem mais diretamente para a Mesopotâmia: a cosmogonia (1,1-2,4a), as origens da condição humana (2,4b-3,24), os antepassados pré-diluvianos (4-5), o relato do dilúvio (6-9) e a torre de Babel (11,1-9), as referências à Assíria e aos rios Tigre e Eufrates (2,14) e aos reinos e às cidades de Nímerod (10,10) e ainda a Ur e Haran (11,31); e as listas genealógicas têm estreitos paralelos em numerosos documentos cuneiformes. Nem é de estranhar que assim tenha acontecido. Corredor de passagem obrigatória para os exércitos conquistadores das superpotências imperialistas da região (Assíria, Babilónia, Hititas e Egito), a Síria e a Palestina tornaram-se ponto de encontro, de cruzamento e de cristalização das tradições culturais e míticas desses povos que rodeavam Israel. Conhecedores desses relatos das origens então em voga e das tradições literárias que os faziam circular,

tê-las-ão usado de forma natural, também porque partilhavam com esse mundo compreensões semelhantes e culturas afins, embora com especificidades culturais e religiosas. Os muitos textos extrabíblicos que conservam essas tradições e que agora conhecemos oferecem uma decisiva ferramenta hermenêutica para a compreensão de Gn 1-11.

*Fundo cultural e literário de Gn 12-50.* As informações históricas, geográficas e culturais implicadas nas narrações patriarcais estão relacionadas com documentos paralelos do contexto histórico do II milénio a.C., de Ebla, Mari, Nuzi, Ugarit, Suméria, Acad. Pelos nomes, os patriarcas estão ligados aos amorreus, povo cujo núcleo se encontra na zona norte de Canaã, mas cuja presença histórica se nota em várias outras regiões, também porque são nómadas, pastores de gado miúdo e viviam em tendas. Aproximadamente a partir de 2500 a.C., penetraram na Babilónia, vindos do noroeste, do deserto da Síria, entre Palmira e o Eufrates. O seu movimento chegou até Ur dos sumérios, nos finais do III milénio. Depois de terem invadido o centro e o sul da Mesopotâmia, boa parte deles tornou-se sedentária. Mas alguns continuaram nómadas e seminómades nas regiões que lhes ofereciam pastagens para os rebanhos. Segundo a descrição do Génesis, os patriarcas pertenceriam a esse grupo: pastores nómadas de gado miúdo. A presença de Abraão em Ur poderia associar-se às vagas de migrações de amorreus para a Suméria. E a migração de Abraão, de Ur para Haran, está de acordo com as condições históricas e geográficas em que ela é situada, levando também em linha de conta as duas rotas principais que ligavam Ur com Haran, ao longo dos dois grandes rios da Mesopotâmia. Abraão e os outros patriarcas aparecem como semitas descendentes dos amorreus que teriam entrado pacificamente em Canaã pelo séc. XIX ou XVIII a.C. O facto de outros traços (nomes, costumes e deslocações) se enquadrarem igualmente bem numa época mais recente da mesma geografia não obriga só por si a pensar uma proveniência diferente para os patriarcas. Realmente, as tradições do Génesis não relacionam os patriarcas com os amorreus mas com os arameus, que só surgem nos textos cuneiformes pelo ano 1100 a.C. Mas é um anacronismo. O narrador, que escrevia depois do séc. IX a.C., deu à região de procedência dos patriarcas bíblicos o novo nome com que era conhecida no tempo dele e dos seus leitores. O mesmo se diga das referências aos caldeus (11,31; 15,7; cf. Jd 5,6): não encaixam no II milénio, pois são tribos aramais do sul da Mesopotâmia que só aparecem nos registos históricos neo-assírios no séc. IX a.C. e são desconhecidos da Bíblia antes do séc. VI a.C. A compilação final do livro do Génesis pode ter acontecido entre os séculos VII e V a.C.

### **Linguagens do livro do Génesis**

A compreensão do sentido das narrações, temas e conteúdos do Génesis depende da interpretação da linguagem usada.

*Gn 1-11.* A análise das narrações comprova os estreitos contactos literários e as incontestáveis semelhanças com as narrativas de criação que vieram à superfície nas

escavações arqueológicas no antigo Próximo Oriente. Ora, essas narrações extrabíblicas são reconhecidamente mitos de origem. É este o género literário de cada uma das narrativas de Gn 1-11. Atender ao contexto cultural e literário das narrações e cotejá-las com textos análogos desse ambiente é o caminho para descobrir a sua clave de leitura em vista da percepção do seu sentido original. É a metodologia recomendada pelo magistério da Igreja: “O intérprete deve transportar-se com o pensamento àqueles antigos tempos do Oriente e, com o auxílio da história, da arqueologia, da etnologia e de outras ciências, examinar e distinguir claramente que géneros literários... empregaram os escritores daquelas épocas remotas” (Pio XII, *Divino afflante Spiritu*, 18-22).

Que as narrativas de Gn 1-11 sejam mitos de origem é uma conclusão positiva e fecunda para a sua compreensão. Só é preciso ter presente uma ideia correta de mito. De facto, até fins do séc. XX, ao falar das linguagens usadas pela Bíblia na comunicação da sua mensagem, excluía-se o mito: tinha ressonância negativa pela sua suposta incompatibilidade com a verdade da Bíblia. Entretanto, renovados estudos científicos em várias áreas mudaram a atitude face ao mito e à sua presença na Bíblia, descobrindo o valor do pensamento simbólico, favorito do mito, e resgatando as suas grandes potencialidades como meio de expressão, mostrando a sua forma específica de comunicar uma mensagem.

Convém redescobrir a rica espiritualidade do mito, abordado de vários pontos de vista, sociológico, psicológico, literário, religioso, antropológico. Importa sobretudo como narração: põe a fundação de todas as coisas antes do tempo histórico, com imagens encadeadas para meditar nas grandes questões da sociedade, para as integrar na totalidade da vida humana. Relata as origens do mundo e da vida, acontecimentos fundadores, aspetos bons e maus da vida, as bases da experiência cultural, a dimensão masculina e feminina da humanidade, mas também a beleza e a grandeza da existência humana, a relação do género humano com o divino, o seu relacionamento com o mundo e com o trabalho, etc. Os mitos são expressão autêntica de estados concretos da consciência humana. Não pretendem conhecer o incognoscível, mas exprimir realidades que escapam ao controlo do raciocínio abstrato e à experiência sensível. São essencialmente religiosos e veem todas as coisas à luz do divino. Por eles o ser humano sente-se vinculado ao sagrado, em que tudo assenta e cobra sentido. Nesse contexto das literaturas vizinhas, também os vários relatos que compõem os primeiros onze capítulos do Génesis são mitos de origem. Foram escritos dentro do contexto monoteísta de Israel, que já divergia muito da religiosidade que produziu os mitos de origem politeístas. Essa é a grande diferença em relação a eles. Através das narrativas de criação tecidas de símbolos, o que o israelita entrevia e contemplava pela fé era a presença de Deus enquanto criador das coisas, transcendente a elas.

Em Gn 1-11 também encontramos genealogias míticas, um género de historiografia pré-científica. São narrações das origens, descendências genealógicas e referências

antigas das famílias notáveis, fazendo-as remontar a tempos primordiais, heroicos. Nesses relatos do passado sobrepunham-se o mito, a epopeia, a lenda e o que chamamos factos históricos. A sua intenção primeira não era contar a objetividade dos factos e das pessoas que descreviam, mas suscitar nos leitores a consciência da firmeza, da nobreza e da antiguidade da sua ascendência e identidade, da sua etnia ou cidade. Estas histórias aproveitavam livremente as tradições culturais conhecidas, reelaborando-as por meio de novas narrações. Estas genealogias não são história: estabelecem o fundamento da história, narrada a partir de Gn 12.

*Gn 12-36 e 37-50.* As tradições patriarcais contêm memórias de personagens e de acontecimentos nos quais se pode vislumbrar um fundo de realidade histórica e podem dar uma boa imagem da origem e das migrações dos antepassados de Israel, das suas ligações geográficas e étnicas e do seu comportamento moral e religioso, mesmo que não garantam que os episódios a eles ligados sejam todos factuais. São numerosos os anacronismos. O mais notório é o de o narrador chamar Javé ao Deus dos patriarcas (Gn 15,2-3), em contradição com a indicação de Ex 6,2-3. O narrador fala do Deus dos patriarcas (séc. XVIII a.C.) com o nome com que era conhecido no tempo da redação das narrações (a partir do séc. IX a.C.). Por outro lado, os acontecimentos narrados estão envolvidos numa atmosfera de prodigioso, de maravilhoso e de sobrenatural.

Ora, estas características são próprias do género literário *lenda (legenda)*. Era “o que devia ser lido” e contado a outros. Situa-se entre a história e o mito. Lenda e mito têm em comum o ambiente sobrenatural e a intenção de compreender as coisas conhecidas, dando-lhes sentido humano e religioso. A lenda ocupa-se de episódios de nível restrito e familiar em tempo histórico; tem a ver com a história, na medida em que se refere a um facto passado: enraizada na vida de um povo, era uma forma de fazer a história das suas origens, enriquecendo o presente. É uma maneira de aceder à história. Conserva memórias que passam despercebidas à grande História. Como outros povos, que, ao despertarem para a consciência histórica, depararam com tradições que circulam na comunidade, organizadas no quadro de uma personagem heroica, também as lendas patriarcais de Gn 12-36 refletem a experiência histórica de uma comunidade que se prolonga até ao narrador, com todos os ingredientes que fazem a consciência de um povo. Israel agrupou alguns factos à volta dos antepassados fundadores da sua história para demonstrar uma tese: temos um Deus que fez de nós um povo e nos deu um país. Neste contexto, as matriarcas são integradas numa história e num projeto divino, que torna fecundas as estéreis. Portanto, a linguagem das tradições patriarcais não é a da historiografia. Nem os testemunhos que as transmitiram são documentos históricos. Quem quer compreendê-las não pensa em exatidão factual; adota antes um conceito mais profundo de história.

A história de José aparece em 37-50 como continuação das anteriores. Embora seja parte da história de Jacob e o tema da herança patriarcal continue bem presente, tem características literárias próprias e distintas, que a colocam à parte do resto da

história dos antepassados de Israel. As promessas divinas, que tecem a história dos patriarcas e matriarcas, só aparecem no fim. Enquanto os relatos com as tradições patriarcais de Abraão, Isaac e Jacob são formados de lendas e genealogias originariamente independentes e desconexas, a história de José constitui uma narrativa unitária e homogênea. Nela, Deus não aparece nem fala, como aos patriarcas. Com uma trama narrativa conduzida à perfeição, pondo em evidência as emoções e os sentimentos humanos, sem intervenções sobrenaturais, mas com uma nota de sabedoria universal, é um conto histórico, comparável ao romance. Obra-prima da narrativa bíblica, está entretecida com elementos culturais que refletem o ambiente egípcio: situação política, costumes e instituições, palavras e nomes e a eminente posição de José. A palavra “irmão” cadencia a narrativa. O protagonista José é tratado com arte literária consumada. A narrativa sustenta com habilidade e tensão psicológica eletrizante o desconhecimento do “homem que é senhor do país”, por parte dos irmãos (42,33), e vai crescendo até atingir o clímax, ao pôr José a chorar, dando-se a conhecer aos irmãos (45,4-5.14-15).

### **Religião dos patriarcas**

O que distingue os patriarcas hebreus de tantos seminómades que calcorreavam o Próximo Oriente é o facto de serem os antepassados do povo de Israel. Como outras religiões, também a dos patriarcas não partiu de um começo absoluto, mas foi-se compondo sobre ideias já existentes, numa interação do antigo com o novo. Qual era então a religião dos patriarcas? Que deus ou deuses adoravam? Partimos de um dado de facto. O relato da vocação de Moisés (Ex 3,1-4,17) dá a entender que o Deus que lhe revela o nome de Javé no episódio da sarça ardente é o mesmo que já antes tinha chamado Abraão e já tinha sido adorado pelos patriarcas (Ex 3,6.13.15-16); uma tradição liga o culto de Javé a Abraão (12,7-8; 13,18); coerentemente, no Génesis aparece o nome de Javé desde a vocação de Abraão (12-50). No entanto, outra tradição, identificando o Deus revelado a Moisés com o Deus que se tinha revelado aos patriarcas, também sublinha a diferença: “Eu apareci a Abraão, a Isaac e a Jacob como El Shadday, mas o meu nome de Javé não lho dei a conhecer” (Ex 6,2-3). Javé é um nome novo, que substitui aqueles que os patriarcas usavam. De facto, o livro de Josué afirma que os antepassados tinham adorado na Mesopotâmia deuses estrangeiros, com uma fé diferente da fé em Javé; isso mesmo é secundado pelo Génesis (35,2-4; e Js 24,2.14-15).

Apesar da simplificação e generalização posterior das tradições que se fixaram em Gn 12-50, uma leitura mais atenta de algumas narrações patriarcais encontra nelas vestígios de uma religião tipicamente familiar. Se os redatores das tradições religiosas do Génesis atribuíram, de forma anacrónica, às primitivas famílias da tribo práticas que eles conheciam na religiosidade familiar da sua época, também as apresentam como portadoras autênticas de elementos da religião patriarcal, onde o patriarca exercia funções semelhantes às de sacerdote (13,18; 22,9-14; 35,7); o culto

era familiar e as experiências e ideias religiosas estavam de acordo com as aspirações da vida da tribo.

É o que se percebe na conceção de Deus. Era invocado, mencionado ou captado como “o Deus do meu/teu/seu pai”, o Deus do antepassado mais afastado, considerado pai do clã e sem qualquer especificação. Esta fórmula no singular (31,5.29.42; 43,23; 46,3; 49,25; 50,17; Ex 3,6; 15,2; 18,4) está mais bem testemunhada e é mais primitiva do que a fórmula no plural, “o Deus dos nossos/vossos pais”, que só se encontra fora do Génesis (Ex 3,13.15-16; 4,5). Outras fórmulas empregam um nome próprio de pessoa, sem acrescentar nome próprio de divindade: “o Deus de Abraão” (31,42.53); “o Deus do teu/meu pai Abraão” (26,24; 28,13; 32,10); “o Deus de Isaac” (28,13); “o Deus do meu/seu pai Isaac” (32,10; 46,1); “o Deus de Naor” (31,53). O “Deus do pai” é, portanto, um Deus pessoal, invocado como “meu Deus”. Esta piedade estava difundida nas civilizações do Próximo Oriente antigo, no II milénio. Supunha que o Deus pessoal protegia e ajudava o orante em situações difíceis.

Este culto ao “Deus do pai” fica iluminado por paralelos próximos extrabíblicos. A fórmula anónima “deus do meu/teu/seu pai” aparece nas tabuinhas da Capadócia, do séc. XIX a.C. Os mercados das colónias assírias na Ásia Menor punham por vezes como testemunhas dos seus tratados o seu deus Assur e um deus designado como “o deus do meu/teu/seu/nosso pai” ou simplesmente “o meu deus”, “o teu deus”. A expressão “deus do nosso pai” ou “deus do pai” é comum nos textos assírios e babilónicos antigos. Às vezes, este deus permanece anónimo, tal como aparece originariamente na Bíblia; outras vezes, a fórmula aparece como aposto ao nome de várias divindades.

Considerando que cada clã tinha o seu deus familiar e que os antepassados de Israel pertenceram a vários clãs, os patriarcas no seu conjunto tiveram vários ‘deuses do pai’. Cada clã venerava o seu e não se preocupava com os dos outros. Este tipo de religião não é monoteísmo. Era henoteísmo ou monolatria; a ligação ao “deus do pai” não excluía o reconhecimento de outras divindades. Esta religião do “Deus do pai” está associada aos antepassados de Israel, vindos da Mesopotâmia para Canaã.

Eis os seus traços mais característicos: o “Deus do pai” era uma divindade nómada. Não estava ligado a um santuário, mas a um grupo de pessoas, através do nome do antepassado, por quem fora reconhecido. Conduzia, acompanhava e guardava o grupo que lhe era fiel. A designação “Deus do meu/nosso pai” exercia função estabilizadora nas pessoas e dava unidade à família inteira ao longo de gerações, vinculando-as umas com as outras (Sb 9,1; At 5,30), integrando o processo de tradição dentro da tribo e irmanando todos os seus membros. De facto, do “Deus do pai” comprometia-se com os seus fiéis por meio de promessas, como a de uma descendência e a de uma terra. A história dos patriarcas abre-se precisamente com bênçãos e promessas divinas dirigidas a Abraão (12,1-3). À medida que os clãs saíam do deserto e conseguiam instalar-se numa terra, consideravam esse facto positivo

como princípio da realização da promessa feita outrora pelo deus do antepassado do clã. Por outro lado, a geração de um filho associava-se a uma manifestação de Deus e a uma sua promessa (16,7.11).

Originariamente estas promessas de salvação não iam além dos horizontes da vida de cada clã e situavam-se no plano terreno. Se, na redação definitiva, as narrações do Génesis estendem a promessa de uma posteridade a todo o povo de Israel e a promessa de uma terra a toda a ‘terra prometida’, isso é fruto de reflexão demorada e de uma síntese teológica e literária levada a cabo depois dos patriarcas, através de ampliações das tradições primitivas. O Novo Testamento fez uma hermenêutica análoga com as tradições patriarcais escritas: reinterpreto-as, atualizou-as, fazendo-as iluminar a fé cristã em Jesus Messias (Gl 3,6-29; 4,21-31; Rm 4; Act 3,25-26; Jo 8,30-58).

A partir do acontecimento do êxodo, os vários adoradores do “Deus do pai” deram-lhe no Sinai, mediante o grupo de Moisés saído do Egito, o nome próprio de Javé, que atrairia e reuniria em si as prerrogativas do “Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob” (Ex 3,6). Continuava a ser o mesmo Deus, agora com um nome próprio, adorado por todo o Israel na religião depois chamada javista.

### **O Génesis e o Pentateuco**

O Génesis é o único livro do Pentateuco que não é dominado pela figura de Moisés, que é apresentado apenas a partir de Ex 2. Este livro, entretanto, está ligado a acontecimentos mencionados nos livros que seguem e está construído como início de uma história extensa, que engloba toda a humanidade e o mundo. É o livro da bênção (12,1-3) que estende a sua eficácia aos acontecimentos narrados nos livros seguintes; é o livro da promessa aberta ao futuro (15,1-21), como um programa a preencher com a história de Israel. Instaura a identidade do povo e do seu Deus, embora só se fale de povo a partir do livro do Êxodo. Génesis é o necessário prelúdio para os grandes acontecimentos associados à saída do Egito, acontecimento fundador da história e da fé israelita. Apresenta ao leitor o Deus criador do mundo e da humanidade, mas também o Deus que se revela com intensidade singular aos “pais” do povo que o escolherá para seu Deus por se sentir escolhido por Ele, para ser sua propriedade especial: será para sempre o “Deus dos vossos pais” (Ex 3,13.15-16).

## I. NARRATIVAS DAS ORIGENS

### 1 Primeira narrativa da criação do mundo e da humanidade<sup>a</sup>

<sup>1</sup>No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, <sup>2</sup>a terra estava caótica e vazia<sup>b</sup>, as trevas pairavam por cima do abismo e um vento impetuoso soprava sobre a superfície das águas<sup>c</sup>. <sup>3</sup>Deus disse: «Exista a luz». E a luz existiu. <sup>4</sup>Deus viu que a luz era boa. E Deus fez a separação entre a luz e as trevas<sup>d</sup>. <sup>5</sup>E Deus chamou à luz dia e às trevas chamou noite. E houve tarde e houve manhã: primeiro dia<sup>e</sup>.

<sup>6</sup>E Deus disse: «Exista um firmamento entre as águas. E exista separação entre umas águas e as outras». <sup>7</sup>E Deus fez o firmamento e fez a separação entre as águas que estão debaixo do firmamento e as águas que estão por cima do firmamento. E assim foi. <sup>8</sup>E ao firmamento Deus chamou céus. Houve tarde e houve manhã: segundo dia.

<sup>9</sup>E Deus disse: «Juntem-se as águas que estão por baixo dos céus num único sítio e apareça a terra seca<sup>f</sup>». E assim aconteceu. <sup>10</sup>À terra seca Deus chamou terra e ao ajuntamento das águas chamou mares. E Deus viu que era bom. <sup>11</sup>E Deus disse: «Que a terra faça brotar verdura, ervas que gerem semente, árvores frutíferas que produzam fruto segundo a sua espécie e que contenham a sua semente, sobre a terra». E assim foi<sup>g</sup>. <sup>12</sup>A terra fez brotar verdura, ervas que geram semente, cada uma, segundo a sua

<sup>a</sup> A linguagem e os temas usados, o contexto das origens, a organização narrativa e a forma de escrever denunciam estreitos contactos literários com mitos de origem do Próximo Oriente antigo. Gn 1 é um mito de origem, que, não descrevendo o que sucedeu no começo do mundo, diz a mais profunda verdade do mundo e do ser humano. Para os compreender religiosamente e explicar antropologicamente, desenvolveu a sua intuição de fé numa narração mítica, no quadro imagético de uma semana.

<sup>b</sup> A expressão *caótica e vazia (tohu wa-bohu)* significa uma vastidão sem fim, sem qualquer organização ou ordem. A obra de Deus consiste precisamente no domínio e no ordenamento do estado caótico das coisas.

<sup>c</sup> Esta concepção mítica de um abismo primordial encontra-se nos mitos de origem sumérios, acádicos e egípcios. Difundida em todo o antigo Oriente, seria bem conhecida do narrador, que a adotou para exprimir a sua fé em Deus criador, como representação da ausência total de ordem cósmica antes da criação, situação refletida nas *trevas por cima do abismo*. Em muitas cosmogonias do Próximo Oriente antigo descreve-se a escuridão absoluta a preceder a criação divina. A tradução mais frequente e tradicional da expressão *ruah 'elohim é espírito de Deus*, entendido como anúncio da criação que vai seguir-se. A tradução *um vento impetuoso* entende a palavra *Deus ['elohim]* como elemento de formação de um superlativo, uso bem atestado em hebraico. Neste caso, *vento impetuoso* faria parte do caos inicial.

<sup>d</sup> A metáfora da *separação* como forma de criação divina é frequente nos mitos de origem mesopotâmicos. Cobre todo o primeiro relato bíblico de criação, em que Deus é posto a superar a indefinição do caos original, separando sucessivamente luz e trevas, águas superiores e inferiores, mares e continentes, terra firme e firmamento. A criação da vegetação e dos animais vivos é continuada como separação *segundo as suas espécies*; o ser humano é separado em macho e fêmea; o sétimo dia, o do descanso do Criador, é separado dos seis dias de trabalho. A criação, concebida como distinção dos seres que povoam o universo, sublimava o ordenamento, especificação e organização dos seres como eram conhecidos.

<sup>e</sup> Para os hebreus, o dia começava à tarde, ao pôr do sol.

<sup>f</sup> Um texto sumério de criação põe o deus criador a juntar as águas de todas as regiões e a repartir os sítios habitáveis.

<sup>g</sup> Como nos mitos de origem egípcios e mesopotâmicos, Deus cria pela sua palavra onipotente, significando-se assim a sua transcendência relativamente aos seres criados.

espécie, e árvores que produzem fruto, que contém em si a sua semente, segundo a sua espécie. E Deus viu que era bom. <sup>13</sup>Houve tarde e houve manhã: terceiro dia.

<sup>14</sup>E Deus disse: «Existam luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite, e sirvam de sinais para as estações, os dias e os anos; <sup>15</sup>e que eles sirvam de luzeiros no firmamento dos céus para alumiar sobre a terra». E assim foi<sup>a</sup>. <sup>16</sup>Deus fez os dois luzeiros maiores: o luzeiro grande para governar o dia, o luzeiro pequeno para governar a noite, e as estrelas. <sup>17</sup>Deus pô-los no firmamento dos céus para alumiar sobre a terra, <sup>18</sup>para governar o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. <sup>19</sup>Houve tarde e houve manhã: quarto dia.

<sup>20</sup>Deus disse: «Fervilhem as águas de seres vivos e voem aves sobre a terra, pelo firmamento dos céus». <sup>21</sup>Deus criou os grandes monstros marinhos e todos os seres vivos, os que rastejam, os que fervilham nas águas segundo as suas espécies e todas as aves aladas segundo as suas espécies. E Deus viu que era bom. <sup>22</sup>E Deus abençoou-os dizendo: «Sede férteis e multiplicai-vos e enchei as águas nos mares e que as aves se multipliquem na terra». <sup>23</sup>E houve tarde e houve manhã: quinto dia.

<sup>24</sup>Deus disse: «Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selvagens segundo a sua espécie». E assim foi. <sup>25</sup>Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais domésticos segundo a sua espécie e todos os répteis do solo segundo a sua espécie. E Deus viu que era bom. <sup>26</sup>Depois Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, segundo a nossa semelhança<sup>b</sup>. E que eles dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra».

<sup>27</sup>Deus criou o ser humano à sua imagem; à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou<sup>c</sup>. <sup>28</sup>Deus abençoou-os. E Deus disse-lhes: «Sede férteis e multiplicai-vos,

<sup>a</sup> Com a intenção generalizada de justificar as diversas funções dos seres, os astros aparecem criados com a função que lhes era reconhecida: a de iluminar a terra e a de estabelecer o calendário, marcando as festas.

<sup>b</sup> Como nos mitos de origem mesopotâmicos, depois da criação do mundo e como seu ponto culminante, diz-se que foi criada a humanidade. A sua importância é sublinhada pelo tom solene da deliberação divina: *Façamos...* O plural exortativo justifica-se como indício do motivo mítico do concílio dos deuses, reunido sob a presidência do deus criador para o momento mais solene da criação do ser humano. Essa tradição mítica ainda se deixa entrever em textos bíblicos na ideia da corte celeste que aparece a rodear Deus (Jb 1,6; 2,1; 38,7). *Façamos o ser humano (adam)*. Este singular coletivo designa o género humano; daí o plural: *dominem*. Também na expressão *à nossa imagem* ecoam paralelos das literaturas míticas do Próximo Oriente antigo, segundo as quais o ser humano foi formado à imagem de uma divindade. Esta conceção alarga-se a outros contextos, em que o rei é chamado imagem de um deus e em que os soberanos erigiam nos territórios por eles conquistados a sua imagem/estátua como símbolo do seu domínio. Enquanto as mitologias orientais tendiam a desembocar na instituição de uma realza e na consagração de uma capital, a criação do ser humano aqui descrita constitui uma visão antropológica em que o ser humano é dotado de poderes e tarefas semelhantes às de Deus e se torna seu representante na terra.

<sup>c</sup> A distinção em *macho e fêmea* justifica etiológicamente a realidade conhecida da diferença complementar dos sexos, fazendo-a remontar à criação de Deus nas origens. Também se sugere que a imagem de Deus não é o homem entendido na sua masculinidade, mas a complementaridade que vincula masculino e feminino. A subestimação histórica do feminino como menos válido do que o masculino perde

enchei a terra e conquistai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os seres vivos que rastejam pela terra»<sup>d</sup>. <sup>29</sup>Disse Deus: «Eis que vos entrego todas as ervas que geram semente sobre a face de toda a terra, bem como todas as árvores frutíferas que geram semente; hão de servir-vos de alimento; <sup>30</sup>e a todos os animais selvagens, a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra que têm alento de vida dou como alimento a erva verde». E assim foi. <sup>31</sup>Deus viu tudo o que tinha feito e eis que era muito bom<sup>e</sup>. Houve tarde e houve manhã: sexto dia.

**2** <sup>1</sup>Foram assim concluídos os céus e a terra e todo o seu exército<sup>f</sup>; <sup>2</sup>e Deus concluiu no sétimo dia a obra que realizou; e descansou<sup>g</sup> no sétimo dia de toda a obra que realizou. <sup>3</sup>E Deus abençoou o sétimo dia e consagrou-o, porque nele descansou de toda a sua obra, obra que Deus criou e fez. <sup>4</sup>Esta é a história dos céus e da terra quando foram criados.

## Segunda narrativa da criação do mundo e da humanidade

### Situação primordial de harmonia

<sup>4b</sup>No dia em que Deus, o SENHOR, fez a terra e os céus, <sup>5</sup>ainda não havia na terra nenhuma planta do campo e ainda não tinha brotado nenhuma erva do campo, porque Deus, o SENHOR, ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. <sup>6</sup>Um manancial subia da terra inundando toda a superfície do

---

aqui qualquer justificação antropológica. Essencial na concepção bíblica de ser humano é contemplá-lo como ser para a comunhão, não só com Deus, mas também com o semelhante.

<sup>d</sup> O *domínio* sobre os outros seres concedido ao ser humano reconhece a sua superioridade, mas não o poder ou o direito de os votar ao extermínio e ao inquinamento. Este *domínio* sobre a terra é uma expressão e a consequência de ele ser designado *imagem* de Deus no mundo. O *dominai* inspira aos humanos a vocação de humanizarem o cosmo com sabedoria e de não abusarem dele. O facto de o resto do mundo também aparecer criado por Deus retira ao ser humano o afã de exploração descontrolada da natureza.

<sup>e</sup> A expressão hebraica que é traduzida por *bom* (1,4.10.12.18.21.25.31) pode também significar *belo*. Estes dois aspetos frequentes no uso do termo hebraico *tob* representam uma confissão sobre a bondade do mundo e da vida.

<sup>f</sup> *Exército* é a tradução literal e significa uma visão dos astros como um universo orgânico instaurado por Deus. Esta é uma das bases que justificam a tradução habitual do título *Deus dos exércitos* como *Deus do universo*.

<sup>g</sup> Lit.: ... *cessou*. Neste relato de carácter etiológico que termina com a referência ao descanso de Deus (*shabat*), o leitor associava a ideia de criação no sétimo dia com o descanso. A metáfora do descanso de Deus no sétimo dia depois de criar o mundo e a humanidade tem um estreito paralelo na concepção mítica mesopotâmica do descanso da divindade criadora depois da vitória sobre o caos. Como a semana hebraica era um período completo que encerrava dentro dela a criação divina de todas as coisas e da humanidade, a narração justificava antropológica e religiosamente a atividade humana e o descanso sabático, que na Bíblia são o principal motivo para a observância do sábado. Contando que Deus *consagrou o sétimo dia*, distinguindo-o dos dias laborais e separando-o para o culto (Is 66,23), a narração também entusiasmava à observância e à celebração do sábado como dia sagrado, voltando as pessoas para Deus pela contemplação.

solo<sup>a</sup>. <sup>7</sup>Então Deus, o SENHOR, modelou o homem, pó do solo<sup>b</sup>, e soprou nas suas narinas alento de vida e o homem tornou-se ser vivo. <sup>8</sup>Deus, o SENHOR, plantou um pomar numa planície fértil<sup>c</sup> a Oriente e colocou lá o homem que tinha modelado.

<sup>9</sup>Deus, o SENHOR, fez brotar da terra toda a espécie de árvores agradáveis à vista e boas para alimento e ainda a árvore da vida no centro do pomar e a árvore do conhecimento do bem e do mal<sup>d</sup>. <sup>10</sup>Um rio saía da planície para irrigar o pomar e a partir dali dividia-se, formando quatro braços: <sup>11</sup>o nome do primeiro é Pichon, que contorna toda a terra de Havilá, onde há ouro; <sup>12</sup>e o ouro dessa terra é fino; é lá que há bdélio e pedra esmeralda; <sup>13</sup>o nome do segundo rio é Guion: esse contorna toda a terra de Cuche; <sup>14</sup>o nome do terceiro rio é Tigre: este corre a oriente de Assur; o quarto rio é o Eufrates<sup>e</sup>. <sup>15</sup>Deus, o SENHOR, tomou o homem e estabeleceu-o no pomar da planície para o cultivar e o guardar<sup>f</sup>. <sup>16</sup>Deus, o SENHOR, deu uma ordem ao homem, dizendo: «Podes comer à vontade de todas as árvores do pomar. <sup>17</sup>Mas

<sup>a</sup> O começo deste relato das origens faz ecoar o de vários mitos de origem da Mesopotâmia. Declarando *o dia* em que *ainda não havia* coisa alguma das que lhe eram familiares, o narrador fazia-as remontar ao ato criador de Deus e dava o máximo relevo a esse momento arquetípico.

<sup>b</sup> Esta descrição da criação do homem tem estreito paralelismo nos mitos de origem mesopotâmicos e egípcios, antes de Israel. Adotando essa visão, o narrador filtrou-a para o seu meio cultural e em harmonia com a sua fé monoteísta. Representando o homem como *plasmado* por Deus, ligava a sua existência ao divino, sugerindo que não existia sem o divino. Como o sentido *último* do ser se liga ao seu *princípio*, contar que Deus está na origem absoluta do homem significava que ele é o seu sentido último. Dizendo o *homem* [*ādām*] *modelado do húmus* [não do pó] *a partir do solo* [*\*dāmāb*], apontava para a sua condição *humana*, terrena. Com este jogo de palavras hebraicas, o homem que vivia no solo, cultivava o solo, alimentava-se do solo e era sepultado no solo, é imaginado a ser criado do solo. Esta associação do *homem* ao *solo*-terra não era entendida em Israel no sentido negativo de que o homem seria efêmero e mortal, mas no sentido positivo de que se tornou vivo porque vinha da terra, porque da «Terra-mãe» nasceu e ao interior do seu seio torna, como diz 3,19 (*porque és húmus e em húmus te tornarás*), significando, aqui sim, também a limitação do homem.

<sup>c</sup> *Um pomar numa planície fértil* ou: ... *um pomar em Eden*. O termo hebraico *gan* é mais *pomar* do que *jardim*. Trata-se de um lugar de trabalho para sustento do homem (vv. 15-16). O termo *ēden* tem a conotação de fertilidade e prosperidade. O entendimento tradicional vê na palavra *ēden* uma região mítica onde Deus plantou um pomar para o homem. A expressão não conota em si o sentido religioso de um paraíso no futuro, lugar ideal de vida depois da morte. Esse sentido foi-lhe dado posteriormente por escritores influenciados pela concepção judaica do paraíso, que se encontra nos apócrifos. Este é o paraíso celeste de que fala o Novo Testamento (Lc 23,43; 2Cor 12,2,4).

<sup>d</sup> Na antiguidade oriental as regiões habitadas tinham um centro, às vezes assinalado por uma árvore especial que o ligava ao mundo divino. Isso é muito significativo em Gn 2-3. O *centro do pomar* é símbolo do centro do mundo conhecido. As duas árvores no centro, símbolos de aspirações humanas essenciais e de atributos divinos distintos, punham em relação um mundo com o outro.

<sup>e</sup> A indicação *a Oriente* e a menção dos rios Tigre e Eufrates e da Assíria apontam para uma região da Mesopotâmia. Mas a imagem do mundo aqui sugerida não é geografia física numa região definida. Tem cores míticas. Os mitos de origem não se interessam pela geografia objetiva. Nem os dois rios conhecidos e a reconhecível Assíria diminuem o tom mítico da localização do *pomar*. Com os outros dois rios, para nós desconhecidos, o narrador propunha uma visão da totalidade do mundo, tradicionalmente descrita como tendo quatro partes.

<sup>f</sup> O *pomar da planície* é funcional: está ao serviço da sublimação do trabalho penoso conhecido, ligando-o a Deus criador, que o atribui ao homem em 3,17-19.23. Neste caso, a narração explica-o miticamente como punição divina devida à quebra da situação harmoniosa em que o homem primordial aparece destinado ao trabalho fácil *no pomar da planície*.

da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não deves comer, pois, no dia em que dela comeres, morrerás<sup>g</sup>». <sup>18</sup>Então Deus, o SENHOR, disse: «Não é bom que o homem esteja só; vou fazer-lhe uma companhia adequada a ele<sup>h</sup>». <sup>19</sup>Então Deus, o SENHOR, modelou da terra toda a espécie de animais do campo e toda a espécie de aves dos céus e conduziu-os ao homem para ver que nome ele lhes dava; e, tal como o homem chamava a cada ser vivo, esse é o seu nome.

<sup>20</sup>O homem deu nomes a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais do campo; mas para o homem não encontrou uma companhia adequada a ele<sup>i</sup>. <sup>21</sup>E Deus, o SENHOR, fez cair um sono profundo sobre o homem e ele adormeceu. Então tomou uma das suas costelas<sup>j</sup> e fechou a carne no seu lugar. <sup>22</sup>E, com a costela que tinha tomado do homem, Deus, o SENHOR, construiu a mulher e conduziu-a ao homem.

<sup>23</sup>E o homem disse:

«Desta vez, é osso dos meus ossos  
e carne da minha carne.  
A esta chamar-se-á mulher,  
pois esta foi tomada do homem<sup>k</sup>».

<sup>g</sup> Esta proibição divina de obter o *conhecimento do bem e do mal* assemelha-se a proibições divinas nos mitos de origem mesopotâmicos e gregos, com a mesma função de integrar na vida humana a inevitabilidade da morte, justificando-a e dando-lhe sentido. A proibição divina anuncia e prepara a transgressão humana, com as consequências em forma de punição. Significa que o homem não pode mesmo ser *como deuses*; ele é e tem de permanecer limitado e diferente de Deus. Sugeriria a inultrapassável diferença relativamente ao divino.

<sup>h</sup> A expressão hebraica traduzida por *companhia adequada a ele*, significa literalmente *uma auxiliar como estando em frente dele*. Exprime o contraste entre a mulher, que é complemento adequado do homem, e os animais, que não o são. Ela não é um elemento funcional relativamente ao homem. É o acabamento necessário do ser humano a todo o nível e da mesma natureza que o homem. Ambos são fatores da harmonia essencial do género humano.

<sup>i</sup> A criação dos animais associada à do homem tem paralelos nos mitos de origem mesopotâmicos e egípcios, integrando o homem no seu mundo, que inclui a relação ecológica com os animais. Mas aqui, pela sua ligação à construção da mulher primordial como complemento adequado do homem só, significa que o ser humano só é tal em comunidade com o seu semelhante e não com os animais (2,20).

<sup>j</sup> O significado do hebraico *tsela é costela, lado, flanco*, sentidos apropriados ao contexto mítico deste relato: faz constar a mulher como o perfeito complemento em frente do homem: só ela o é porque foi tomada do homem e é igual a ele. Esta metáfora da derivação do ser humano de uma parte do corpo de outra figura análoga tem precedentes nos mitos de origem mesopotâmicos e gregos. Fazendo provir a mulher do homem, Gn 2-3 significava que ela é o seu outro *eu* e exprimia a mútua pertença do homem à mulher. Pondo Deus a tirar a mulher do homem e não o homem da mulher, justificava, em conjugação com 3,16, a situação sociológica e familiar da dependência da mulher relativamente ao homem na sociedade do narrador.

<sup>k</sup> O homem chama à mulher *'ishab*, substantivo comum que corresponde etimologicamente a *'ish* (homem). Com mais este jogo de palavras, distinguindo o nome/pessoa dele do nome/pessoa dela e fazendo-a derivar dele, explicava o ser humano como sexuado, homem e mulher, de diferente género, mutuamente complementares. Ela é da matéria que constitui o homem, *'ishab* tirada do *'ish*, *osso dos meus ossos*. É descrita por ele em termos de relação e de pertença de um ao outro.

<sup>24</sup>Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e unirá-se à sua mulher e serão como uma só carne<sup>a</sup>. <sup>25</sup>Estavam ambos nus, o homem e a sua mulher, sem se envergonharem<sup>b</sup>.

### 3 Transgressão primordial e rutura da harmonia

<sup>1</sup>A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que Deus, o SENHOR, tinha feito. Ela disse à mulher: «É verdade que Deus disse: Não comais de nenhuma árvore do pomar?» <sup>2</sup>A mulher respondeu à serpente: «Do fruto das árvores do pomar podemos comer. <sup>3</sup>Mas do fruto da árvore que está no centro do pomar Deus disse: Não comais dele nem toqueis nele, para não morrerdes». <sup>4</sup>Retorquiu a serpente à mulher: «Não morrereis certamente! <sup>5</sup>Pois Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal».

<sup>6</sup>Então a mulher viu que a árvore era boa para alimento e atraente para os olhos e que a árvore era apetecível para adquirir sabedoria. Tomou então do seu fruto e comeu; e deu também ao seu homem que estava com ela e ele comeu<sup>c</sup>.

### Sanção primordial: as penas da vida

<sup>7</sup>Então abriram-se os olhos de ambos e reconheceram que estavam nus; coseram folhas de figueira e fizeram para si cinturas<sup>d</sup>. <sup>8</sup>Ouviram a voz de Deus, o SENHOR, que passeava no pomar à brisa do dia e o homem e a sua mulher esconderam-se da

<sup>a</sup> O texto não diz que o homem abandona a casa paterna para ir viver para casa do pai da sua mulher. *Unir-se a...*, referido a pessoas, significa assumir uma relação interpessoal profunda e intensa; aqui traduz a passagem da relação filial à relação de casal.

<sup>b</sup> Tendo como pano de fundo os mitos de origem mesopotâmicos e gregos, que descreviam em várias fases a aquisição da cultura e da civilização humana, da nudez até à doação do vestuário por parte dos deuses, aqui a nudez sem vergonha não é uma situação humana de integridade interior ou de inocência moral positiva. Tem antes conotação negativa: indica, no casal primordial, a falta de consciência do estado precário em que estava, ainda carecido de civilização, uma carência que precisava de ser colmatada no processo de criação em curso.

<sup>c</sup> Esta desobediência é paralela à metáfora de uma transgressão nos mitos de origem mesopotâmicos e gregos. Quer explicar os aspetos penosos e os limites da vida humana, atribuindo aos humanos que estavam a ser criados a violação de uma proibição divina anterior, para de seguida o criador poder corrigir o ato transgressivo com uma penalização. Sugere que as limitações humanas suscitam no ser humano o desejo de se transcender, não podendo ultrapassá-las sem correr riscos. Com esta transgressão, o mito de origem significava que os humanos perverteriam a sua relação com o divino, se tentassem ultrapassar a linha que distingue o humano do divino. Recordava-lhes os seus limites, apresentados como criação divina em 3,16-24. O ser humano não é Deus e tudo o que faz para o ser vem penalizar ainda mais a sua condição finita. Esta transgressão mítica, não histórica, não é um pecado moral. De facto, no momento de cometer a transgressão, o ser humano estava ainda em processo de criação. Faltavam-lhe propriedades da sua condição como mãe, esposa, marido, sofredor, trabalhador, civilizado, mortal.

<sup>d</sup> A cobertura da nudez pelas simbólicas *cinturas* pode ter um sentido positivo, marcando o avanço do casal primordial no processo de criação, agora consciente da negatividade da *nudez*. Exprime uma visão positiva da existência humana, vendo a cultura e civilização como um bem. A *vergonha* por causa da nudez foi relacionada com a esfera sexual humana dentro da interpretação da transgressão como pecado, mas essa associação não se confirma neste relato.

face de Deus, o SENHOR, no meio das árvores do pomar. <sup>9</sup>Deus, o SENHOR, chamou pelo homem e perguntou-lhe: «Onde estás?» <sup>10</sup>Ele replicou: «Ouvi a tua voz no pomar e enchi-me de temor, porque estou nu. Por isso, escondi-me»<sup>c</sup>. <sup>11</sup>E Deus perguntou: «Quem te informou que estavas nu? Porventura comeste da árvore da qual Eu te tinha ordenado que não comesses?» <sup>12</sup>O homem respondeu: «A mulher que Tu colocaste junto de mim, ela é que me deu a comer da árvore e eu comi». <sup>13</sup>Deus, o SENHOR, perguntou à mulher: «Que foi isto que fizeste?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi». <sup>14</sup>Deus, o SENHOR, disse<sup>f</sup> à serpente:

«Já que fizeste isto, maldita sejas tu  
 mais do que todos os animais domésticos  
 e do que todos os animais do campo!  
 Sobre o teu ventre rastejarás  
 e comerás pó todos os dias da tua vida;  
<sup>15</sup>porei inimizade entre ti e a mulher  
 e entre a tua descendência e a descendência dela;  
 a descendência dela atingir-te-á na cabeça  
 e tu atingi-la-ás no calcanhar<sup>g</sup>».

<sup>16</sup>À mulher Ele disse:  
 «Aumentarei muito o teu sofrimento e a tua gravidez.  
 Com dor darás à luz filhos.  
 E o teu impulso será para o teu marido,  
 mas ele exercerá domínio sobre ti».

<sup>17</sup>E ao homem Ele disse: «Já que escutaste a voz da tua mulher, comendo da árvore a respeito da qual Eu te tinha ordenado que não comesses dela, maldito seja o solo por causa de ti;

<sup>c</sup> Tendo adquirido o conhecimento, distintivo relativamente aos animais, o homem tomou também consciência da sua contingência face a Deus (reconhecendo a transcendência): ‘fiquei cheio de temor reverencial perante a tua grandeza e tomei nota da minha infinita diferença em relação a ti’.

<sup>f</sup> A sentença divina para os transgressores em 3,14-24, em que o verbo *dizer* de Deus a cada um tem sentido de declaração criadora, está decalcada na metáfora de uma sanção nos mitos de origem mesopotâmicos e gregos, onde depois da transgressão a divindade criadora atribui aos humanos os aspetos penosos da vida. Esta forma prescritiva com que Deus impõe como deve ser a vida humana no futuro na realidade queria justificar o que ela já era ou sempre foi. Não se entenda como aprovação divina das condições sociais de controlo patriarcal, da inevitabilidade do parto doloroso, da escravidão laboral ou da morte, mas como meditação sobre a realidade conhecida que se queria compreender mais profundamente. Não se quer dizer que o que era bom antes da transgressão se tornou mau depois dela. Não foi ela que determinou objetivamente o que somos e como somos, sofredores, mortais: ela é funcional, está ao serviço da aceitação das dificuldades da vida.

<sup>g</sup> Não cabe ver aqui uma promessa divina salvífica – em que a descendência da mulher foi tradicionalmente entendida como o Redentor nascido de Maria –, porque o contexto é de punição dos transgressores e porque o relato põe Deus a criar: faz espiritualidade da criação, não da redenção. A punição da serpente sugere que a sua proposta de o ser humano se tornar como deuses é inaceitável: pretendia que o limitado se tornasse ilimitado, subvertendo a ordem da vida de “todos os dias”. A sanção repõe a pretensa rival de Deus no seu lugar entre os seres criados, sujeitando-a à “sua descendência”, isto é, até à situação presente.

com fadiga comerás dele todos os dias da tua vida;

<sup>18</sup>ele fará brotar para ti espinhos e abrolhos

e comerás verdura do campo;

<sup>19</sup>com o suor do teu rosto comerás o pão

até que voltes ao solo, pois dele foste tomado.

Pois tu és pó e ao pó hás de voltar».

<sup>20</sup>E o homem deu à sua mulher o nome de Eva, *Geradora de Vida*<sup>a</sup>, porque ela foi a mãe de todos os vivos. <sup>21</sup>E Deus, o SENHOR, fez para o homem e para a sua mulher túnicas de pele e fez com que eles se vestissem<sup>b</sup>. <sup>22</sup>Então Deus, o SENHOR, disse: «Eis que o ser humano se tornou como um de nós, ao conhecer o bem e o mal<sup>c</sup>. Portanto, agora, que ele não estenda a mão para tomar também do fruto da árvore da vida e, comendo, viva para sempre<sup>d</sup>».

<sup>23</sup>Então Deus, o SENHOR, mandou-o para fora do pomar da planície para cultivar o solo de onde tinha sido tomado<sup>e</sup>. <sup>24</sup>E, tendo expulsado o ser humano, instalou a oriente do pomar da planície os querubins e a chama da espada fulgurante, a fim de guardar o caminho da árvore da vida<sup>f</sup>.

<sup>a</sup> Eva, a *geradora de vida*, em hebraico *Havva*, é um nome derivado da raiz *hayah*, *viver*, para designar uma função ou profissão, que entra em jogo com *hayim*, *os vivos*. Em 2,23 o homem falava da mulher chamando-lhe simplesmente *mulher*. Agora dá-lhe um título honorífico, identificando-a pela sua relação de maternidade para com os seus descendentes. O relato não fala de Adão e Eva como primeiro casal histórico com esses nomes próprios e como antepassados biológicos. Ao *dar nome* um simbólico à mulher, o homem compreende-a em profundidade e põe em evidência a sua identidade e missão essencial de mãe. A sua fecundidade participa da obra criadora de Deus e como que a prolonga.

<sup>b</sup> O expediente das *cinturas com folhas de figueira* aparece como primeiro grau de civilização, primeiro ato de autodeterminação da vida humana. Diz-se completado pela concessão divina do vestuário humano, simbolizado pelas *túnicas de pele*, decisivo progresso cultural do casal primordial cujo processo de criação continua: confere-lhe a dignidade que em 2,25 ainda não tinha, fazendo remontar a um dom de Deus criador a origem das vestes, como se conta paralelamente nos mitos de origem mesopotâmicos, fenícios e gregos. O próprio verbo *fazer*, que, com Deus como sujeito, exprime a sua ação criadora, indica mais uma autêntica criação (cf. 2,4b e 3,1).

<sup>c</sup> *Um de nós*. Tendo como pano de fundo os mitos de origem mesopotâmicos, que, para dar mais relevo à alta dignidade do ser humano, descreviam um concílio dos deuses para deliberarem sobre a criação dos humanos, aqui refere-se à corte de Javé, que ainda aparece em alguns textos do Antigo Testamento.

<sup>d</sup> Como os protagonistas do mito de Adapa e da epopeia de Gilgamesh, o ser humano da narração bíblica consegue o conhecimento do que é bom e do que é mau, do que é agradável e do que é penoso, comendo o fruto da árvore (3,5-6). Mas, porque este conhecimento foi adquirido violando uma proibição, o Deus criador impede-o de comer da árvore que simbolizava a imortalidade. A possibilidade de ter conhecimento e a inevitabilidade de morrer são projetadas no tempo da criação, de modo a impregnar de sentido transcendente, tanto o conhecimento como as penas da vida.

<sup>e</sup> Como os mitos de origem mesopotâmicos e gregos, também Gn 2-3 associa ao ordenamento divino da vida humana o trabalho penoso, para lhe dar sentido elevado em Deus. Para isso, imaginou e articulou duas situações primordiais opostas para justificar a atual: uma, de trabalho fácil no pomar da planície, antes da transgressão (2,8-15); outra, de trabalho penoso, a partir da expulsão (3,17-19,23), que penalizava a transgressão e se devia a ela. Como o vestuário, símbolo da cultura, e como o conhecimento de si próprio, também o trabalho distingue o ser humano dos animais e contribui para a identidade da condição humana.

<sup>f</sup> Os *querubins*, motivo mítico bem conhecido nas tradições culturais, na literatura e na estatuária do Próximo Oriente antigo, onde guardavam a entrada dos lugares sagrados e dos palácios, simbolizam aqui o interdito de aceder à *árvore da vida*, lembrando o seu mistério fascinante, demarcando a fron-

#### 4 Os irmãos Caim e Abel<sup>g</sup>

<sup>1</sup>O homem conheceu a sua mulher, Eva, *Geradora de Vida*<sup>h</sup>. Ela concebeu e deu à luz Caim. E disse: «Alcancei um homem, graças ao SENHOR». <sup>2</sup>Depois deu também à luz o seu irmão, Abel. Abel era pastor de gado miúdo e Caim cultivava o solo. <sup>3</sup>E aconteceu que, ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao SENHOR uma oferta de frutos do solo. <sup>4</sup>Por seu lado, Abel ofereceu alguns primogénitos do seu rebanho e as gorduras deles. O SENHOR olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, <sup>5</sup>mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta<sup>i</sup>. Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido. <sup>6</sup>O SENHOR disse a Caim: «Por que ficaste zangado e de rosto abatido?

<sup>7</sup>Pois, se procederes bem, estás erguido. Mas, se não procederes bem, o fracasso está deitado à tua porta; o seu impulso será para ti, mas tu exercerás domínio sobre ele».

<sup>8</sup>Entretanto, Caim falou a Abel, seu irmão<sup>i</sup>. E aconteceu que, quando estavam no campo, Caim lançou-se sobre Abel, seu irmão, e matou-o. <sup>9</sup>O SENHOR disse a Caim: «Onde está Abel, teu irmão?» Ele respondeu: «Não sei. Sou porventura guarda do meu irmão?» <sup>10</sup>O SENHOR replicou: «Que fizeste? Eu escuto o sangue do teu irmão que desde o solo clama por mim<sup>k</sup>. <sup>11</sup>Por isso, agora, maldito sejas tu pelo solo, que

---

teira da esfera do divino enquanto intransponível para o homem. *A chama da espada fulgurante* era uma representação literária simbólica do relâmpago. Tem a mesma função dos querubins de significar a inevitabilidade da morte.

<sup>g</sup> Atendendo à estrutura da narração e ao contexto das origens em que estes irmãos estão situados, descobre-se mais um relato de criação. Como mito de origem, dá conta de facetas belas da vida: a geração de seres humanos irmãos, a pastorícia, a agricultura, o culto dos irmãos a Deus pela oferta de frutos e animais. É uma situação primordial harmoniosa, com a intervenção de Deus, que aparece como criador. A seguir descreve uma transgressão, pela qual Caim, que estava em processo de criação, excede os limites da sua condição e mata o irmão, quebrando a harmonia e perturbando o equilíbrio da criação. São aspetos penosos que ensofram a história humana. Por isso, uma penalização divina expulsa o transgressor para o deserto.

<sup>h</sup> A mulher primordial da narração anterior responde de modo fecundo ao seu título honorífico e simbólico de *Geradora de Vida*.

<sup>i</sup> Lendo a história de Caim e Abel como mito de origem com a sua riqueza antropológica e religiosa, não constitui problema que Deus tenha preferido a oferta de Abel e preterido a de Caim. O mito monta o cenário apropriado, por meio de causas gratuitas e desproporcionadas, para dar sentido transcendente às realidades da vida. A preferência de Deus pelo irmão mais novo relativamente ao mais velho é uma constante nas histórias de irmãos na Bíblia e significa a livre eleição divina e a predileção pelo mais humilde. A preferência por Abel prepara a transgressão de Caim, para explicar a violência humana e o nomadismo.

<sup>j</sup> As versões antigas dizem: *E Caim disse a Abel, seu irmão: «Vamos para o campo»*.

<sup>k</sup> O fratricídio é transgressão no sentido de que o sangue/vida é pertença de Deus (*o sangue do teu irmão clama por mim*: 4,10-11), o único que o podia criar e dispor da sua vida: a violência contra o próprio irmão fere o princípio antropológico da fraternidade. Cometida por uma personagem não histórica, não tem carácter de pecado moral: Deus não rompe a relação com Caim, mas continua a falar com ele, pondo-se do lado dele. O carácter moral não se deduz sequer do uso da palavra hebraica *hattat*, geralmente traduzida por *pecado*. A sua raiz tem o sentido fundamental de “erro, falha, falhar o alvo, desviar-se do objetivo”. A gravidade do fratricídio está no facto de perturbar a disposição querida pelo criador para a condição humana, onde deveria haver pais, filhos, irmãos a viverem em harmonia. Atenta contra os desígnios da criação, que implica definição divina de cada ser na organização do universo e as relações fraternas entre humanos.

abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. <sup>12</sup>Quando cultivares o solo, não voltará a dar-te o seu produto. Serás fugitivo e nómada pela terra».<sup>a</sup> <sup>13</sup>Caim disse ao SENHOR: «A minha culpa é grande demais para ser suportada».<sup>b</sup> <sup>14</sup>Eis que me expulsas hoje da face do solo. Obrigado a ocultar-me da tua face, terei de andar fugitivo e nómada pela terra; e acontecerá que todo aquele que me encontrar me matará». <sup>15</sup>O SENHOR respondeu-lhe: «Não será assim! Todo aquele que matar Caim sofrerá vingança sete vezes». E o SENHOR impôs um sinal a Caim, para que quem quer que o encontrasse não o atacasse.<sup>c</sup> <sup>16</sup>Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi habitar na terra dos nómadas, a oriente da planície fértil<sup>d</sup>.

### Genealogia de Caim: origens da civilização e da cultura<sup>e</sup>

<sup>17</sup>Caim conheceu a sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. E aconteceu que construiu uma cidade; e chamou a cidade com o nome do seu filho, Henoc. <sup>18</sup>Henoc teve um filho chamado Irad e Irad gerou Meujael; Meujael gerou Metuchael e Metuchael gerou Lamec. <sup>19</sup>Lamec tomou para si duas mulheres. O nome da primeira era Ada; o nome da segunda, Cila. <sup>20</sup>Ada deu à luz Jabal: este foi o pai dos que habitam tendas e junto dos rebanhos. <sup>21</sup>O nome do seu irmão era Jubal: este foi o pai de todos os que tocam a cítara e a flauta. <sup>22</sup>Cila, por seu lado, deu à luz Tubal-Caim, que afiava todos os instrumentos de bronze e de ferro. A irmã de Tubal-Caim foi Naamá. <sup>23</sup>Lamec disse às suas mulheres:

«Ada e Cila, escutai a minha voz;  
mulheres de Lamec, prestai ouvidos à minha palavra!  
Eu matei um homem, porque fui ferido  
e um adolescente, porque fui pisado.

<sup>24</sup>Se Caim é vingado sete vezes,  
Lamec sê-lo-á setenta e sete vezes!<sup>f</sup>»

<sup>a</sup> A sanção divina da transgressão é a forma de pôr Deus a continuar a criação de aspetos penosos da vida humana conhecida. Aqui consiste na expulsão do fratricida do solo cultivável, para justificar particularmente a realidade sociológica do nomadismo, ainda mais dura do que o amanhã do solo, então comum na Palestina e nas cercanias: até os patriarcas hebreus tinham sido pastores nómadas.

<sup>b</sup> Aqui a palavra *culpa* não tem, em primeira linha, conotação moral: é uma inflexão no processo de criação que deveria ter sido acolhido e não violado. Os *Setenta* e a *Vulgata* entenderam o verbo *nasa'*, no sentido de *levantar*; isto é, *perdoar*: *a minha culpa é demasiado grave para ser perdoada*.

<sup>c</sup> A marca de Caim com um *sinal* posto por Deus poderia ser explicação da tatuagem de tribos nómadas, usada para se distinguirem e protegerem.

<sup>d</sup> Ou: ... *a oriente de Eden. A terra dos nómadas, Nod*, está em jogo com o verbo *nad*, *ser nómada* (vv. 12 e 14). Trata-se de uma região imaginária relacionada miticamente com os nómadas, para fundamentar a vida deles, enquanto, também ela, criada por Deus.

<sup>e</sup> Depois da história que deixa Caim como sobrevivente, ligam-se a ele e à sua descendência mítica as origens da civilização e da cultura, que representam um progresso para a humanidade em processo de criação: a cidade, as tendas de pastores nómadas, os instrumentos musicais, a metalurgia, a religião de Israel. Esboça-se uma genealogia seguindo a linha de Caim, o qual, enquanto inventor do urbanismo, aparece como benfeitor da humanidade.

<sup>f</sup> Este canto que exalta a vingança individual antes da instituição da vingança do sangue (9,5-6), ao ligar-se a Caim parece continuar a explicar a violência humana.

<sup>25</sup>O homem conheceu de novo a sua mulher. E ela deu à luz um filho e deu-lhe o nome de Set, dizendo: «Deus concede-me outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou!» <sup>26</sup>Também a Set nasceu um filho, que ele chamou Enós<sup>8</sup>. Foi então que se começou a invocar o nome do SENHOR.

## 5 Genealogia antes do dilúvio<sup>h</sup>

<sup>1</sup>Este é o livro da genealogia do homem. No dia em que Deus criou o ser humano, fê-lo à semelhança de Deus. <sup>2</sup>Macho e fêmea os criou. Abençoou-os e deu-lhes o nome de ser humano no dia em que foram criados. <sup>3</sup>Tinha o homem cento e trinta anos quando gerou um filho à sua semelhança, à sua imagem. E deu-lhe o nome de Set. <sup>4</sup>Depois de ter gerado Set, os dias do homem foram de oitocentos anos. E gerou filhos e filhas. <sup>5</sup>O total dos dias que o homem viveu foi de novecentos e trinta anos. E então morreu.

<sup>6</sup>Set viveu cento e cinco anos e gerou Enós. <sup>7</sup>Depois de ter gerado Enós, Set viveu ainda oitocentos e sete anos e gerou filhos e filhas. <sup>8</sup>O total dos dias de Set foi de novecentos e doze anos. E então morreu.

<sup>9</sup>Enós viveu noventa anos e gerou Quenan. <sup>10</sup>Depois de ter gerado Quenan, Enós viveu oitocentos e quinze anos e gerou filhos e filhas. <sup>11</sup>O total dos dias de Enós foi de novecentos e cinco anos. E então morreu.

<sup>12</sup>Quenan viveu setenta anos e gerou Maalaliel. <sup>13</sup>Depois de ter gerado Maalaliel, Quenan viveu oitocentos e quarenta anos e gerou filhos e filhas. <sup>14</sup>O total dos dias de Quenan foi de novecentos e dez anos. E então morreu.

<sup>15</sup>Maalaliel viveu sessenta e cinco anos e gerou Jared. <sup>16</sup>Depois de ter gerado Jared, Maalaliel viveu oitocentos e trinta anos e gerou filhos e filhas. <sup>17</sup>O total dos dias de Maalaliel foi de oitocentos e noventa e cinco anos. E então morreu.

<sup>8</sup> *Enós* significa *homem*, em sentido genérico. Aparece como terceiro anel na cadeia da descendência do *homem* primordial (*adam*: v. 25), como filho de Set, cujo nome hebraico vem do verbo *shit*, *conceder*. É mais um descendente suscitado por Deus, que assim é visto como criador. Estamos, pois, no contexto das origens.

<sup>h</sup> Paralelamente às origens da tecnologia e aos aspetos sombrios da vida ligados à genealogia pela linhagem de Caim, o relato dá continuidade a outra linha da descendência do homem primordial, a de Set, prolongada até ao sobrevivente do dilúvio (4,25-26 + 5,1-32). Com uma cadeia literária artificiosa, atribuindo idades elevadas aos antepassados pré-diluvianos, firma a conexão ininterrupta da história das origens que engrenará na história de Israel, ao fim de Gn 11. Gn 5 oferece uma genealogia de dez gerações: dado o simbolismo de plenitude do número 10, ela poderia significar o longo período da história das origens até ao relato da história propriamente dita em Gn 12. Um relato lendário de Beroso narra a história dos humanos desde a sua criação, com genealogias de dez reis, antes e depois do dilúvio. Este esquema genealógico alinha Gn 1-11 com o texto mesopotâmico, *Lista dos reis sumérios*, e com os primeiros historiadores gregos, em contexto mítico. Gn 5 arranjou igualmente dez antepassados pré-diluvianos com idades elevadas, o último dos quais é Noé, herói do dilúvio, e dez outros antepassados depois do dilúvio com idades mais reduzidas (11,10-26). Na dinâmica da história primordial de Gn 1-11, esta tradição ligada ao dilúvio queria significar o ordenamento progressivo da condição humana. Estas listas genealógicas, como as suas paralelas mesopotâmicas e gregas, estão aqui inseridas num mito de origem, incorporadas numa estrutura narrativa que cobre com as suas expansões todo o arco da história primordial (Gn 1-11).

<sup>18</sup>Jared viveu cento e sessenta e dois anos e gerou Henoc. <sup>19</sup>Depois de ter gerado Henoc, Jared viveu oitocentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>20</sup>O total dos dias de Jared foi de novecentos e sessenta e dois anos. E então morreu.

<sup>21</sup>Henoc viveu sessenta e cinco anos e gerou Matusalém. <sup>22</sup>Depois de ter gerado Matusalém, Henoc caminhou com Deus trezentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>23</sup>O total dos dias de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos. <sup>24</sup>Henoc caminhou com Deus e deixou de ser visto, pois Deus o tinha levado<sup>a</sup>.

<sup>25</sup>Matusalém tinha cento e oitenta e sete anos quando gerou Lamec. <sup>26</sup>Depois de ter gerado Lamec, Matusalém viveu setecentos e oitenta e dois anos e gerou filhos e filhas. <sup>27</sup>O total dos dias de Matusalém foi de novecentos e sessenta e nove anos. E então morreu.

<sup>28</sup>Lamec viveu cento e oitenta e dois anos e gerou um filho. <sup>29</sup>Deu-lhe o nome de Noé<sup>b</sup>, dizendo: «Este consolar-nos-á do nosso trabalho e da fadiga das nossas mãos, por causa do solo que o SENHOR amaldiçoou». <sup>30</sup>Depois de ter gerado Noé, Lamec viveu ainda quinhentos e noventa e cinco anos e gerou filhos e filhas. <sup>31</sup>O total dos dias de Lamec foi de setecentos e setenta e sete anos. E então morreu. <sup>32</sup>Noé tinha quinhentos anos, quando gerou Sem, Cam e Jafet.

## 6 Compreender o humano a partir do divino<sup>c</sup>

<sup>1</sup>Aconteceu que o ser humano começou a multiplicar-se à face da terra e nasceram-lhes filhas. <sup>2</sup>E os filhos dos deuses repararam como as filhas dos homens eram belas e tomaram para si esposas de entre todas as que tinham escolhido.

<sup>3</sup>Então o SENHOR disse: «O meu espírito não permanecerá para sempre no ser humano, porque eles se desviaram. Ele é carne e os seus dias serão cento e vinte

<sup>a</sup> Henoc, arrebatado para Deus ou imortalizado, tem estreito paralelismo cultural e literário nos reis mesopotâmicos associados ao dilúvio. Do sétimo rei acádio pré-diluviano na lista de Beroso diz-se que foi arrebatado pelos deuses. A história do dilúvio em sumério conta que ao rei Ziusudra, sobrevivente do dilúvio, os deuses concederam a imortalidade, privilégio dos deuses. E Xisuthros, sobrevivente do dilúvio nas tradições de Beroso, teria ido morar para junto dos deuses por causa da sua piedade. É o que significa também o desaparecimento de *Henoc, porque Deus o tinha levado*. Este patriarca pré-diluviano tornou-se importante figura mítica da tradição judaica, que deu como exemplo a sua piedade (Sir 44,16; 49,14; Lc 3,37) e lhe atribuiu livros apócrifos (Livro 1 e 2 de Henoc), dos quais encontramos um eco no Novo Testamento (Jd 14-15). O motivo do arrebatamento para junto de Deus foi depois aplicado a Elias, para dizer agora que Elias entrou na comunhão com Deus, não sendo imortal.

<sup>b</sup> O nome de Noé deriva da raiz hebraica *nuab*, que significa descansar, repousar. O texto associa ao nome de Noé a ideia de *consolar*, que vem de um verbo afim, o verbo *nabam*.

<sup>c</sup> Contextualizando o breve relato no seu ambiente literário, cultural e religioso, vê-se que partilha o fundo mítico do Próximo Oriente antigo e da mitologia grega, composto no mesmo contexto das origens absolutas de tudo, com os mesmos motivos temáticos, com estrutura e personagens análogos. É um relato em que se distingue a transgressão e a sanção dos mitos de origem que queriam sublimar realidades custosas da vida. A sanção põe Deus a redimensionar a ultrapassagem inadmissível, cometida pela mítica promiscuidade sexual de seres divinos com humanos (6,3), criando a condição limitada e a finitude radical da vida humana. O ser humano não é nem pode ser deus ou imortal (3,1-6; 11,4): é *carne* e está marcado pela contingência e pela morte.

anos». <sup>4</sup>Os gigantes<sup>d</sup> existiam na terra por aqueles dias e mesmo depois, quando os filhos dos deuses se uniam às filhas dos homens e geravam delas filhos para si mesmos. Estes são os heróis que existiam desde a antiguidade, homens de renome.

### O dilúvio: criação divina da morte humana<sup>e</sup>

<sup>5</sup>O SENHOR viu que a maldade do homem era grande sobre a terra e que todo o impulso dos pensamentos do seu coração era apenas para o mal, todos os dias. <sup>6</sup>E o SENHOR arrependeu-se de ter feito o homem na terra e o seu coração ficou condoído<sup>f</sup>. <sup>7</sup>Então o SENHOR disse: «Suprimirei da face da terra o homem que criei, desde o homem até aos animais domésticos, aos répteis e às aves dos céus, porque estou arrependido de os ter feito». <sup>8</sup>Noé, porém, encontrou graça diante dos olhos do SENHOR.

<sup>9</sup>Esta é a genealogia de Noé. Noé foi um homem justo, íntegro entre os homens da sua geração. Noé caminhou com Deus. <sup>10</sup>Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafet. <sup>11</sup>A terra corrompeu-se diante de Deus; a terra ficou cheia de violência<sup>g</sup>. <sup>12</sup>E Deus viu que a terra se tinha corrompido, pois toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra.

<sup>13</sup>Então Deus disse a Noé: «Para mim, chegou o fim de toda a carne, porque a terra está cheia de violência por causa deles. Vou mesmo exterminá-los com a terra<sup>h</sup>. <sup>14</sup>Faz

<sup>d</sup> A palavra traduzida por *gigantes* (*nefilim*) significa em hebraico *os que caíram*. A mentalidade bíblica associava-os aos seus homólogos semidivinos das culturas vizinhas da Grécia e da Mesopotâmia e dessa superioridade participam os *heróis* (*gibborim*) dos tempos antigos.

<sup>e</sup> A mensagem de 6,1-4 ganha intensidade ao lermos o relato ligado à história do dilúvio (6,5-9,17). De facto, esta dá seguimento à intenção de 6,1-4 em configurar a vida humana, fazendo-a corresponder à situação histórica conhecida do narrador, que aparece criada por Deus depois da cessação do dilúvio. Esta narração é a que mais semelhanças tem com narrações extrabíblicas do mesmo meio, que são mitos de origem. Usa os mesmos temas e tem a mesma sequência narrativa. É acontecimento das origens, antes da história e destinado a fundar a história. Respondendo às perguntas postas pela morte, os dois mitos fecundam-se mutuamente: ambos dão sentido último à mortalidade humana, meditando-a diante de Deus. Sendo a morte penosa, o mito arranjou algo que devesse ser penalizado: rutura insustentável do equilíbrio nas relações do mundo celeste com o mundo terrestre (6,1-4) e comportamento viciado de toda a carne sobre a terra (6,5-12). Assim justificava o carácter penoso da morte humana e a ordem do mundo atual, em que *todos* morremos: pôs Deus a penalizar toda a humanidade com a aniquilação de *todos* os seres vivos.

<sup>f</sup> O arrependimento divino, que causa perplexidade ou escândalo à interpretação tradicional do relato, compreende-se bem como atribuição do mito de origem a Deus, em vista do cenário apropriado para emitir a mensagem teológica sobre a mortalidade humana.

<sup>g</sup> Aqui e em 6,5 está a transgressão característica da estrutura dos mitos de origem que explicavam aspetos penosos da vida humana. É metafórica: como noutros mitos de origem, é uma causalidade imaginada, gratuita e desproporcionada, um pretexto rebuscado para o dilúvio não aparecer como decisão arbitrária e caprichosa da divindade. Portanto, não tem cores morais.

<sup>h</sup> O dilúvio é a consequente sanção da transgressão. Também não equivale a um castigo moral do suposto pecado dos homens, até porque Deus declara exterminar também *o gado, os répteis e até as aves dos céus* (6,7), que evidentemente não são sujeitos capazes de responsabilidade e de pena moral. De resto, enquanto castigo moral o dilúvio não teria resolvido nada, pois no subsequente episódio da torre de Babel (11,1-9) os humanos continuam rebeldes a Deus como antes. O dilúvio não prova que a morte é a paga do pecado. Enquanto correção divina, está em função do processo de criação de Gn 1-11.

para ti uma arca de madeira resinosa. Dispõe a arca em compartimentos e calafeta-a por dentro e por fora com betume. <sup>15</sup>Eis como a deves fazer: o comprimento da arca será de trezentos côvados, a largura de cinquenta côvados e a altura de trinta côvados. <sup>16</sup>Farás um teto para a arca e rematá-la-ás um côvado mais acima. Colocarás a porta da arca a um lado. Fá-la-ás em andares: o inferior, o segundo e o terceiro. <sup>17</sup>Eis que Eu vou mandar o dilúvio, as águas sobre a terra, para exterminar de debaixo dos céus toda a carne em que se encontrar um sopro de vida. Tudo o que existe na terra perecerá. <sup>18</sup>Mas estabelecerei a minha aliança contigo<sup>a</sup>. Tu entrarás na arca e, contigo, os teus filhos, a tua mulher e as mulheres dos teus filhos. <sup>19</sup>De tudo o que tem vida, de toda a carne, introduzirás dois de cada espécie na arca, para permanecerem vivos contigo; macho e fêmea sobreviverão. <sup>20</sup>Das aves segundo a sua espécie e dos animais domésticos segundo a sua espécie, de todos os répteis do solo segundo a sua espécie, virá até ti um casal de cada para se manterem vivos. <sup>21</sup>E tu, recolhe para ti de todo o alimento que se come. Armazena-o e será alimento para ti e para eles». <sup>22</sup>E Noé assim fez, de acordo com tudo o que Deus lhe tinha mandado.

## 7 Noé entra na arca

<sup>1</sup>O SENHOR disse a Noé: «Entra na arca, tu e toda a tua casa. Quanto a ti, vi que eras justo diante de mim nesta geração.

<sup>2</sup>De todos os animais domésticos puros levarás contigo sete pares, o macho e a sua fêmea; e de todos os animais domésticos que não são puros levarás um par, o macho e a sua fêmea. <sup>3</sup>Igualmente das aves dos céus levarás sete pares, macho e fêmea, para fazeres sobreviver a descendência sobre a face de toda a terra. <sup>4</sup>Pois dentro de sete dias farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites: exterminarei da face da terra todas as criaturas que fiz. <sup>5</sup>E Noé fez tudo conforme o que o SENHOR lhe tinha ordenado.

<sup>6</sup>Noé tinha seiscentos anos; e aconteceu o dilúvio, as águas sobre a terra. <sup>7</sup>Então Noé entrou na arca e, com ele, os seus filhos, a sua mulher e as mulheres dos seus filhos, por causa das águas do dilúvio. <sup>8</sup>Dos animais domésticos puros e dos animais domésticos que não são puros, das aves e de tudo o que rasteja no solo, <sup>9</sup>entraram com Noé na arca dois a dois, macho e fêmea, como Deus tinha ordenado a Noé. <sup>10</sup>E aconteceu que ao cabo de sete dias as águas do dilúvio cobriam a superfície da terra.

---

Com o dilúvio Deus cria a condição mortal, dá sentido à inevitabilidade da morte de *todos os seres vivos*, especialmente da humanidade.

<sup>a</sup> Quem não ler o relato bíblico do dilúvio no seu contexto próprio, constituído pelos relatos do dilúvio nos mitos de origem paralelos (especialmente o mito de Atrahasis e a epopeia de Gilgamesh), tenderá a identificar a sua mensagem com a justiça de Deus para com o mundo pecador e com a sua misericórdia para com a família de Noé. Mas, segundo esta visão descontextualizada, Deus pouparia só uma família e destruiria toda a humanidade (7,19-24). Sendo mito de origem, o imaginado dilúvio não é doloroso para a terra, para os humanos e para Deus. Quer significar que a imortalidade é exclusiva da divindade e não pode ser extensiva à humanidade.

<sup>11</sup>No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no dia dezassete do mês, nesse dia, rebentaram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas dos céus. <sup>12</sup>E veio a chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. <sup>13</sup>Nesse mesmo dia, Noé entrou na arca, bem como Sem, Cam e Jafet, filhos de Noé, a mulher de Noé e as três mulheres dos seus filhos com eles: <sup>14</sup>estes e todos os seres vivos segundo as suas espécies e todos os animais domésticos segundo as suas espécies, todos os répteis que rastejam na terra, cada um segundo a sua espécie, e todos os pássaros segundo a sua espécie, todas as aves, tudo o que tem asas. <sup>15</sup>E de todos os seres vivos que têm sopro de vida entraram para junto de Noé na arca, dois a dois. <sup>16</sup>E os que entravam eram um macho e uma fêmea de todos os seres vivos: entravam segundo o que Deus lhe tinha ordenado. E o SENHOR fechou a porta atrás dele. <sup>17</sup>O dilúvio durou quarenta dias sobre a terra. E as águas cresceram e levantaram a arca, que se elevou acima da terra. <sup>18</sup>As águas dominaram e aumentaram muito sobre a terra e a arca flutuava à superfície das águas. <sup>19</sup>As águas dominaram muito, muito acima da terra e cobriram todas as altas montanhas que existem debaixo de todos os céus. <sup>20</sup>As águas tinham crescido quinze côvados para cima e cobriram as montanhas. <sup>21</sup>Então pereceram todos os seres vivos que se movem sobre a terra: as aves, os animais domésticos, os seres vivos e todos os répteis que rastejam sobre a terra, bem como toda a humanidade. <sup>22</sup>Tudo o que tinha respiração e sopro de vida nas suas narinas, tudo o que existia na terra firme morreu. <sup>23</sup>Assim foram exterminadas todas as criaturas que se encontravam à face da terra, desde os humanos até aos animais, até aos répteis e às aves dos céus. Foram exterminados da terra. Só restou Noé e os que estavam com ele na arca. <sup>24</sup>E as águas dominaram por cima da terra durante cento e cinquenta dias.

## 8 Fim do dilúvio

<sup>1</sup>Então Deus lembrou-se de Noé e de todos os seres vivos e de todos os animais que estavam com ele na arca. Por isso, Deus fez soprar um vento sobre a terra e as águas baixaram. <sup>2</sup>Foram fechadas as fontes do abismo e as comportas dos céus e foi aprisionada a chuva dos céus. <sup>3</sup>As águas foram-se retirando pouco a pouco de cima da terra e tinham diminuído ao fim de cento e cinquenta dias. <sup>4</sup>No dia dezassete do sétimo mês a arca pousou sobre os montes de Ararat. <sup>5</sup>As águas foram diminuindo até ao décimo mês. No primeiro dia do décimo mês apareceram os cumes das montanhas. <sup>6</sup>Ao cabo de quarenta dias, Noé abriu a janela da arca que tinha feito <sup>7</sup>e soltou o corvo. Este saiu, indo e voltando até que as águas secaram por cima da terra. <sup>8</sup>Depois soltou a pomba de ao pé dele, para ver se as águas tinham diminuído da face da terra. <sup>9</sup>A pomba não encontrou sítio onde pousar a planta do pé e voltou para junto dele na arca, porque havia água sobre a superfície de toda a terra. Estendeu a mão, agarrou-a e fê-la entrar para junto de si na arca. <sup>10</sup>Esperou mais outros sete dias e voltou a soltar a pomba para fora da arca. <sup>11</sup>E a pomba chegou junto dele à hora do entardecer, trazendo no bico uma folha verde de oliveira. Então Noé reconheceu

que as águas tinham diminuído por cima da terra. <sup>12</sup>Esperou mais outros sete dias e soltou a pomba; mas ela não voltou mais para junto dele.

<sup>13</sup>Aconteceu que no ano seiscentos e um, no primeiro dia do primeiro mês, as águas tinham secado por cima da terra. Noé retirou a cobertura da arca e olhou; e eis que a superfície do solo tinha secado. <sup>14</sup>No vigésimo sétimo dia do segundo mês a terra estava seca. <sup>15</sup>Deus falou a Noé, dizendo: <sup>16</sup>«Sai da arca, tu e contigo a tua mulher, os teus filhos e as mulheres dos teus filhos. <sup>17</sup>Faz sair contigo todos os seres vivos que estão contigo, de toda a carne: as aves, os animais domésticos e todos os répteis que rastejam pela terra. Que eles se espalhem pela terra, que sejam fecundos e se multipliquem pela terra».

<sup>18</sup>Noé saiu e, com ele, os seus filhos e a sua mulher e as mulheres dos seus filhos. <sup>19</sup>Todos os seres vivos, todas as aves, todos os répteis que rastejam pela terra, segundo as suas espécies, saíram da arca.

<sup>20</sup>Noé construiu um altar ao SENHOR. E, tomando de todos os animais domésticos puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos no altar. <sup>21</sup>O SENHOR sentiu o agradável perfume e o SENHOR disse no seu coração: «Não voltarei a amaldiçoar o solo por causa do homem, porque o impulso do coração do homem é mau desde a sua juventude; nem voltarei a atingir qualquer ser vivo, como fiz.

<sup>22</sup>Durante todos os dias da terra, sementeira e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite não cessarão<sup>b</sup>».

## 9 Fase decisiva do processo de criação

<sup>1</sup>Deus abençoou Noé e os seus filhos e disse-lhes: «Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra. <sup>2</sup>O temor e o medo diante de vós estarão em todos os seres vivos da terra e em todas as aves dos céus e sobre tudo o que rasteja pelo solo e todos

<sup>a</sup> O sacrifício oferecido por Noé depois do dilúvio, como o dos heróis sobreviventes do dilúvio (que vão repovoar a terra) na epopeia de Gilgamesh e no mito de Atrahasis, denota o restabelecimento duradouro das relações entre Deus e a humanidade, decisivamente subordinada à soberania divina, aceitando os próprios limites face ao Deus transcendente e aos valores estáveis e últimos: significa o reconhecimento humano de que Deus é Deus e o Senhor da terra. O solene pronunciamento divino de 8,21-22 visa equilibrar a situação do *'adam-homem* na sua relação com a *'adamab-solo*, fazendo evoluir a relação instituída em fase anterior da criação (3,17). Ali, Deus declarava: “maldito seja o solo por causa de ti [*homem*]”. Agora é posto a responder a essa declaração, com palavras igualmente criadoras: “nunca mais voltarei a amaldiçoar a *'adamab-solo* por causa do *'adam-homem*”.

<sup>b</sup> A partir de Noé, o processo de criação – que, para o compilador de Gn 1-11, começa em Gn 1 e é continuado nos outros relatos até aqui – avança para a fase decisiva, que apronta a humanidade para entrar na história propriamente dita, relatada a partir de Gn 12 com Abraão como descendente de Sem (11,10-32). De facto, em Noé renova-se a fecundante bênção das origens (dada em 1,22.28) e repete-se o imperativo divino criador, de fertilidade e de crescimento, dirigido ao Homem prototípico (8,17 e 9,1-7). Os três filhos de Noé correspondem aos três filhos do *'adam* primordial (Caim, Abel, Set: Gn 4). De igual modo, o *vento que Deus fez soprar sobre a terra* para a secar no fim do dilúvio (8,1) é de molde a evocar a primeira fase da criação em 1,2: *um vento impetuoso soprava por cima da superfície das águas*, para as secar e para começar a criar o mundo. O relato do dilúvio faz meditar na ordem cósmica atual e nas suas leis como divinamente estabelecidas para sempre.

os peixes do mar; eles foram postos nas vossas mãos. <sup>3</sup>Tudo o que se move e está vivo servir-vos-á de alimento; como vos dei as plantas verdes, dou-vos tudo isto. <sup>4</sup>Contudo, não deveis comer a carne com a sua alma, isto é, o seu sangue. <sup>5</sup>Quanto ao vosso sangue, Eu pedirei responsabilidade pelas vossas vidas; pedi-la-ei da mão de todos os viventes; e da mão do homem, da mão de cada homem, seu irmão, pedirei responsabilidade da vida do homem.

<sup>6</sup>Quem derramar o sangue do homem por um homem o seu sangue será derramado, pois foi à imagem de Deus que Ele fez o homem<sup>d</sup>.

<sup>7</sup>Quanto a vós, sede fecundos e multiplicai-vos, difundi-vos pela terra e exerçei domínio sobre ela».

<sup>8</sup>Deus falou a Noé e aos seus filhos que estavam com ele dizendo: <sup>9</sup>«Quanto a mim, Eu estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência depois de vós, <sup>10</sup>e com todo o ser vivo que está convosco, com as aves, com os animais domésticos e com todos os seres vivos da terra que estão convosco de entre todos os que saíram da arca, isto é, para todos os seres vivos da terra. <sup>11</sup>Estabelecerei a minha aliança convosco para que toda a carne não volte a ser destruída pelas águas do dilúvio. E não voltará a haver um dilúvio a destruir a terra». <sup>12</sup>Deus acrescentou: «Este é o símbolo da aliança que Eu coloco entre mim e vós e todo o ser vivo que está convosco, ao longo das gerações para sempre. <sup>13</sup>Coloquei o meu arco nas nuvens para que seja símbolo da aliança entre mim e a terra. <sup>14</sup>Acontecerá que, quando Eu fizer aparecer as nuvens sobre a terra e nas nuvens tiver aparecido o arco, <sup>15</sup>recordar-me-ei da minha aliança que existe entre mim e vós e todos os seres vivos, toda a carne; e não voltará a acontecer que as águas do dilúvio destruam toda a carne. <sup>16</sup>O arco estará nas nuvens e Eu vê-lo-ei para me recordar da aliança eterna entre Deus e todo o ser vivo, toda a carne que existe sobre a terra». <sup>17</sup>Deus disse a Noé: «Este é o símbolo da aliança que Eu estabeleci entre mim e toda a carne que existe sobre a terra<sup>e</sup>».

<sup>c</sup> A redefinição divina da alimentação humana também com carne e peixe complementa a atribuição do alimento que em 1,29 e 2,16 só era vegetal e justifica a alimentação conhecida pelo narrador. A regulamentação divina da vida humana ao fim do dilúvio não é a de um mundo perfeito, mas a do mundo real, a do mundo como ele existe: tem a mesma função mítica de significar a configuração da definitiva harmonia dentro do universo, mais definida e mais parecida com a realidade humana que o compilador de Gn 1-11 conhecia e queria compreender a fundo.

<sup>d</sup> A criação ou o ordenamento divino da vida humana interdita o sangue, porque ele é a sede, o lugar onde assenta a alma; é o princípio de vida (Lv 17,11; Dt 12,23). Quanto à reclamação do derramamento do sangue humano, cf. 4,23-24. Maior razão para respeitar a vida do ser humano é o facto de ele aparecer como sendo feito à *imagem de Deus*.

<sup>e</sup> A duração do mundo até ao tempo presente do narrador e para o futuro ficava validada, garantida e celebrada pelo símbolo de uma *aliança eterna*, que é o *arco-íris* (9, 8-17); este foi assumido no processo de criação em curso com o significado de que Deus se demarca de atos de hostilidade contra a humanidade. Pacífica a esfera terrestre com o firmamento celeste, une o céu com a terra, mantendo distintos os dois mundos: o humano e o transcendente. O arco-íris é o símbolo da aliança cósmica e da perfeita harmonia entre Deus criador e o universo visto como criado. Esta *aliança* não contém estipulações condicionantes: só Deus se compromete unilateral e incondicionalmente com o ser hu-

### Bênção e maldição de Noé aos seus filhos

<sup>18</sup>Os filhos de Noé que saíram da arca eram Sem, Cam e Jafet. Cam é o pai de Canaã. <sup>19</sup>Estes três são os filhos de Noé e a partir deles foi povoada toda a terra. <sup>20</sup>Noé começou por ser um homem da terra e plantou uma vinha<sup>a</sup>. <sup>21</sup>E tendo bebido vinho, embriagou-se e destapou-se dentro da sua tenda. <sup>22</sup>Cam, pai de Canaã, ao ver a nudez do seu pai, foi contar o sucedido aos seus dois irmãos que estavam fora. <sup>23</sup>Sem e Jafet pegaram na capa e os dois puseram-na aos ombros, e, andando de costas voltadas, cobriram a nudez do seu pai. Tendo o seu rosto virado para trás, não viram a nudez do seu pai. <sup>24</sup>Quando Noé despertou do efeito do vinho, soube o que lhe tinha feito o seu filho mais novo. <sup>25</sup>Disse:

«Maldito seja Canaã!

Que ele seja o servo dos servos para os seus irmãos!»

<sup>26</sup>Depois disse:

«Bendito seja o SENHOR, o Deus de Sem;

e que Canaã seja seu servo!

<sup>27</sup>Que Deus dilate Jafet

e que ele habite nas tendas de Sem!

E Canaã seja seu servo!»<sup>b</sup>

<sup>28</sup>Noé viveu trezentos e cinquenta anos depois do dilúvio. <sup>29</sup>O total dos dias de Noé foi de novecentos e cinquenta anos e depois morreu.

---

mano e animal; não tem de ser renovada em tempos determinados; depende unicamente de Deus *se recordar* dela (9,14-16); é gratuita, absoluta, universal (9,10.13).

<sup>a</sup> Noé é caracterizado como *homem da terra*. Complementando Gn 2-3 e Gn 4, a origem da civilização é simbolizada agora no cultivo da vinha e na fabricação do vestuário. Como em Gn 2-3, também aqui a obtenção da civilização se põe em nexos com um motivo vegetal. O cultivo da vinha apresentado para caracterizar a personagem de Noé situa-o num contexto sedentário. Com efeito, cultivar vinhas e construir casas eram atividades que não se coadunavam com a vida de nómadas (cf. Jr 35,6-14; 2Rs 10,16).

<sup>b</sup> Encontramos neste relato uma situação harmoniosa (de Noé como viticultor), quebrada pela violação de um tabu, indiscrição da ordem do pudor, por parte de *Cam*, pai de *Canaã*. Esta transgressão é sancionada com a maldição de *Canaã*. É a estrutura dos mitos de origem que queriam meditar em aspetos penosos da vida. Aqui reflete existencialmente sobre as relações históricas e geográficas dos três ramos étnicos ligados a esses nomes e relacionados com Israel. *Sem*, qual antepassado mítico, perdurava como epónimo nos semitas em geral, que incluíam Israel: entre os filhos de Sem mencionam-se elamitas, assírios, arameus e antepassados dos hebreus (10,22-23). Os filhos de *Jafet* identificam-se com os gregos que povoavam a Ásia Menor e as ilhas e costas do Mediterrâneo (10,2-5). *Jafet* em hebraico escreve-se *Yafet*; e *Japeto*, conhecido *Titã* da mitologia grega, aparece nas tradições míticas de Hesíodo como pai de Prometeu, criador da humanidade (igualmente no contexto das origens de tudo). Os cananeus (da linhagem de *Cam, pai de Canaã*) situavam-se na faixa costeira do Mediterrâneo oriental, ocupada em grande parte por Israel. Os versículos 25-27 espelham as relações por vezes conturbadas entre Israel e os cananeus: imprimem elevação religiosa e sociológica à histórica sujeição dos cananeus (representados no seu epónimo *Canaã*, filho de *Cam*) aos semitas, ascendentes dos hebreus, dando-lhe assim sentido religioso. Aliás, a palavra hebraica *Canaã* deriva de um verbo hebraico (*cana'*) que significa *ser submetido*.

## 10 Povoamento da terra depois do dilúvio. Lista dos povos<sup>c</sup>

<sup>1</sup>Esta é a genealogia dos filhos de Noé, Sem, Cam e Jafet. Após o dilúvio, nasceram-lhes filhos. <sup>2</sup>Filhos de Jafet: Gómer, Magog, Madai, Javan, Tubal, Méchet e Tírás. <sup>3</sup>Filhos de Gómer: Asquenaz<sup>d</sup>, Rifat e Togarma. <sup>4</sup>Filhos de Javan: Elicha, Társis, Kitim e Rodanim. <sup>5</sup>Deles derivaram os povos das ilhas nos seus territórios, cada uma segundo a própria língua e segundo as suas famílias e povos.

<sup>6</sup>Filhos de Cam: Cuche, Misraim<sup>e</sup>, Put e Canaã. <sup>7</sup>Filhos de Cuche: Sebá, Havilá, Sabta, Ramá e Sabtecá. Filhos de Ramá: Sabá e Dedan. <sup>8</sup>Cuche gerou Nimerod. Este foi o primeiro herói sobre a terra. <sup>9</sup>Foi herói de caça diante do SENHOR, pelo qual se costuma dizer: «como Nimerod, herói de caça diante do SENHOR». <sup>10</sup>O núcleo primeiro do seu reino foi Babel, Uruc, Acad e Calné, na terra de Chinear<sup>f</sup>. <sup>11</sup>Daquela terra saiu para Assur e construiu Nínive, Reobot-Ir e Calá; <sup>12</sup>e depois Réssen entre Nínive e Calá: esta é a grande cidade<sup>g</sup>. <sup>13</sup>Misraim gerou os de Lud, os de Aném, os de Leab e os de Naftú<sup>h</sup>; <sup>14</sup>e também os de Patros, os de Caslú e os de Caftor, de onde saíram os filisteus<sup>i</sup>.

<sup>c</sup> Em vista da repovoação da terra depois do dilúvio, seguem agora as descendências míticas dos três filhos de Noé. Também os gregos fazem miticamente uma divisão tripartida da humanidade depois do dilúvio. Deucalião e Pirra, únicos sobreviventes do dilúvio, repovoaram a terra, tornando-se os progenitores da humanidade; e os seus três filhos tornaram-se os antepassados dos Dórios, Jónios e Eólios, os três ramos do povo grego, e fundadores de cidades (como se conta em 4,17; 10,10-12; 11,4). Gn 10,1-32 tem a mesma intenção de forjar um elo de união entre as nações, famílias, povos e indivíduos historicamente existentes e o tempo primordial, vendo-os como descendentes dos míticos três filhos de Noé sobreviventes. A lista de povos reflete os conhecimentos geográficos e etnográficos dos judeus lá pelo séc. VI a.C., que relacionam aos seus respetivos patronímicos cerca de setenta povos, quase todos desconhecidos hoje; mas alguns são bem conhecidos. Como na tradição mesopotâmica e grega, também em Gn 1-11 se nota a vontade de estabelecer relações genealógicas com antepassados primordiais, com a intenção de dar aos diversos grupos humanos a vitalidade, o valor e a significação das origens.

<sup>d</sup> O nome de *Asquenaz* foi usado para designar os asquenazitas, judeus da Europa central, na região dos citas, como lhe chamavam os gregos.

<sup>e</sup> *Misraim*, aqui classificado como um dos filhos de *Cam*, é o nome que o hebraico bíblico usa para designar o território histórico do Egito. Como topónimo é bem adequado à realidade política do Egito, pois significa: as duas fortalezas, fazendo referência à nomenclatura egípcia sobre as duas terras. O Alto e o Baixo Egito.

<sup>f</sup> Estas cidades conhecidas estão situadas na Mesopotâmia, que a Bíblia designa como *Chinear* e que aparece nos textos cuneiformes (cf. 11,2).

<sup>g</sup> Esta digressão põe em destaque a personagem mítica Nimerod, porventura inspirada no deus sumério-acádio Ninurta, deus da caça e da guerra. Nimerod aparece como um dos *heróis* primordiais (*gibbórim*), mencionados em 6,4. Calá, também chamada Kalhu/Kalu, corresponde à moderna Nimerud, a sul de Mosul, no norte do Iraque. Foi fundada no séc. XIII a.C. por Salmanasar I, pai de Tukulti-Ninurta I, herói de uma célebre epopeia na Mesopotâmia, e foi capital da Assíria do séc. XII ao séc. IX a.C.

<sup>h</sup> Estas três localidades aparecem numa lista de cidades entregues como dote a uma filha do faraó pelo casamento com o rei Salomão e parecem situar-se na região de Guézer.

<sup>i</sup> Caftor corresponde à atual ilha de Creta de onde a tradição bíblica faz proceder os filisteus (cf. Am 9,7). Os filisteus, povos invasores provenientes de Creta, cujo nome, *palastu*, usado no oriente, os associa com o grupo grego dos pelagos. O nome hebraico de *phelistim* (no plural) deu origem ao nome de Palestina.

<sup>15</sup>Canaã gerou Sídón, seu primogénito, e Het, <sup>16</sup>assim como o jebuseu, o amorreu, o guirgaseu; <sup>17</sup>e o heveu, o araqueu, o sineu, <sup>18</sup>o arvadeu, o semareu e o hamateu<sup>a</sup>. Depois disso, dispersaram-se as famílias dos cananeus. <sup>19</sup>A fronteira dos cananeus estendia-se de Sídón na direção de Guerar até Gaza e em direção de Sodoma, Gomorra, Adma e Ceboim, até Lecha. <sup>20</sup>Tais são os filhos de Cam, segundo as suas famílias e as suas línguas, com as suas terras e os seus povos.

<sup>21</sup>Também a Sem nasceram filhos; ele é pai de todos os filhos de Éber e irmão mais velho de Jafet<sup>b</sup>. <sup>22</sup>Filhos de Sem: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram<sup>c</sup>. <sup>23</sup>Filhos de Aram: Uce, Hul, Guéter e Más. <sup>24</sup>Arfaxad gerou Chela e Chela gerou Éber. <sup>25</sup>A Éber nasceram dois filhos: o nome do primeiro foi Péleg, porque no seu tempo foi dividida a terra<sup>d</sup>; o nome do seu irmão foi Joctan. <sup>26</sup>Joctan gerou Almodad, Chélef, Haçarmávet, Jara, <sup>27</sup>Hadoran, Uzal, Diclá, <sup>28</sup>Obal, Abimael, Cheba, <sup>29</sup>Ofir, Havilá e Jobab. Todos estes são filhos de Joctan. <sup>30</sup>Estes habitavam desde Mecha até Sefar, a montanha do Oriente. <sup>31</sup>Estes são os filhos de Sem, segundo as suas famílias e as suas línguas, nas suas terras e nos seus povos.

<sup>32</sup>E estas são as famílias dos filhos de Noé, segundo as suas gerações, nos seus povos. E foi a partir deles os povos se dispersaram pela terra, depois do dilúvio<sup>e</sup>.

## 11 Torre de Babel<sup>f</sup>

<sup>1</sup>Aconteceu que toda a terra tinha a mesma língua e as mesmas palavras. <sup>2</sup>E quando os homens migraram do Oriente, encontraram uma planície na terra de

<sup>a</sup> Os cananeus agrupam o conjunto da Fenícia (Sídón foi uma das suas capitais); Het é um povo cujo nome anda associado ao dos hititas; os jebuseus estiveram em Jerusalém até David, parte da costa da Síria e a Palestina até ao vale do Jordão; e o amorreu designava o *Ocidente* em relação ao Eufrates.

<sup>b</sup> Os semitas são apresentados em terceiro lugar, depois dos filhos de Jafet e dos cananeus. Ligado aos semitas está Éber (ver também vv. 24-25), patronímico dos hebreus, que correspondem ao nome dos *hapiru* ou *apiru* mencionados nos textos egípcios e mesopotâmicos do II milénio. Seguindo uma etimologia popular de Éber, o nome de *hebreu* pode significar *o que é do outro lado* do rio, do Eufrates ou do Jordão.

<sup>c</sup> Como semitas aparecem os elamitas, povo famoso do sul da Mesopotâmia, com Susa como capital; Assur (Assíria), país e cidade (v. 11); Aram, suposto patronímico dos arameus, parentes próximos dos hebreus. Os *Setenta* traduziram Aram por Síria e arameu por sírio, porque essas regiões se situam na continuidade histórica em tempos sucessivos.

<sup>d</sup> *Péleg* significa *divisão*, talvez aludindo à repartição de terras cultiváveis. Abraão é feito descer de Péleg e, portanto, de Éber (11,18-26).

<sup>e</sup> A *dispersão* a partir dos filhos de Noé tem a intenção de ver a bênção de Deus a atingir com a sua eficácia ativa as gerações de toda a humanidade, cumprindo o dito em 9,1.

<sup>f</sup> A descrição tem como pano de fundo as torres sagradas (*ziggurat*) da Mesopotâmia; são bem conhecidas as da Babilónia (Babel) e de Ur, com um templo no último andar. A *ziggurat* manifestava o desejo da presença dos deuses no perímetro das próprias cidades, a ligarem a terra com o céu. A da Babilónia, com sete andares, referida em Heródoto, pode ter sido conhecida do escritor bíblico. Este até pode ter conhecido a epopeia acádica da criação *Enuma elish*, que menciona o fabrico de tijolos e a construção da *ziggurat* da Babilónia com “o cimo que toca o céu”. A epopeia de Enmerkar e do senhor de Aratta conta miticamente que “os povos em uníssono falavam a Enlil numa única língua”; então o deus da sabedoria Enki (também criador da humanidade) suscitou rivalidades que resultaram na confusão das línguas: “dividiu as línguas nas suas bocas”, de modo que as gentes passaram a falar muitas línguas. Desta forma, os sumérios e os acádios justificavam o esplendor da cultura e a realidade presente da

Chinear e estabeleceram-se lá. <sup>3</sup>E disseram uns aos outros: «Vamos! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo». Pois o tijolo servia-lhes de pedra e o betume servia-lhes de argamassa. <sup>4</sup>Depois disseram: «Vamos! Construamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue aos céus e façamos para nós um nome grande, de modo a não sermos dispersos pela superfície de toda a terra!» <sup>5</sup>O SENHOR desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens estavam a construir; <sup>6</sup>e o SENHOR disse: «Eis que eles são um único povo e têm todos uma única língua. Se começam a fazer isto, daqui em diante nada lhes será impedido, de tudo o que planearem fazer. <sup>7</sup>Vamos, pois, descer e confundir ali mesmo a sua língua, de modo que eles não compreendam a língua uns dos outros. <sup>8</sup>Depois o SENHOR dispersou-os a partir dali pela superfície de toda a terra e eles desistiram de construir a cidade. <sup>9</sup>E por isso Ele deu-lhe o nome de Babel, porque ali o SENHOR confundiu a língua de toda a terra. E a partir dali o SENHOR dispersou-os pela superfície de toda a terra<sup>h</sup>.

### Genealogia dos semitas e migração de Abrão<sup>i</sup>

<sup>10</sup>Esta é a genealogia de Sem. Com a idade de cem anos, Sem gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. <sup>11</sup>Depois de ter gerado Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>12</sup>Arfaxad viveu trinta e cinco anos e gerou Chela. <sup>13</sup>Depois de ter gerado Chela, Arfaxad viveu quatrocentos e três anos e gerou filhos e filhas. <sup>14</sup>Chela viveu trinta anos e gerou Éber. <sup>15</sup>Depois de ter gerado Éber, Chela viveu quatrocentos e três anos e gerou filhos e filhas. <sup>16</sup>Éber viveu trinta e quatro anos e gerou Péleg. <sup>17</sup>Depois de ter gerado Péleg, Éber viveu quatrocentos e trinta anos e

---

variedade de línguas, associando-as à criação divina. O autor bíblico de Gn 11,1-9, com esses motivos míticos, compôs também ele uma narração das origens. Descreve uma *situação harmoniosa* em que “toda a terra falava a mesma língua”. Seguidamente os humanos, pretendendo atingir os céus, cometem uma *transgressão*. Por isso, também como nos mitos de origem, a divindade redimensiona essa ousadia com uma *sanção*, confundindo a língua de toda a terra e dispersando-os.

<sup>e</sup> A construção de *uma torre cujo cimo chegue aos céus*, em si um ato civilizacional, neste contexto de um mito de origem entende-se como transgressivo, comparável ao do casal primordial em 3,1-6, que também ultrapassa a própria condição e viola a distinção, definida na criação, entre a esfera humana e a esfera divina.

<sup>h</sup> Pela energia antropológica do mito, a sanção divina com a confusão da sua linguagem e com a *difusão por toda a superfície da terra* explica positivamente a dispersão geográfica dos povos já enumerados em 10,5.20.31 e a variedade linguística e etnológica conhecida no tempo do narrador. Contando que foi Deus a dispersar os humanos e a diversificar as suas línguas, tal ação é criadora: injetava vigor criativo às linguagens. A explicação joga com a palavra *Babel*, associando-a ao verbo hebraico *balal*, confundir, numa etimologia popular, não fundada cientificamente: *Babel*, do acádio *Bab-ili*, significa *porta de deus*. A diversidade das línguas era percebida também como dificuldade penosa de comunicar. Daí que se explique como intervenção penalizadora de Deus nesta fase da criação.

<sup>i</sup> Esta genealogia composta artificialmente é paralela à genealogia pré-diluviana e faz de ponte entre o dilúvio mítico e a história propriamente dita, começada, segundo a Bíblia hebraica, em Abraão. Os primeiros cinco nomes da genealogia também aparecem na precedente tábua das nações (10,21-25), apresentando a mesma sobreposição que se encontrava em 4,25-5,32 relativamente a 4,17-24. A genealogia vai reduzindo o tempo das idades dos antepassados primordiais para idades mais próximas das conhecidas pelo narrador, concentrando-se num ramo histórico da família humana, para chegar, via Éber, dado como epónimo dos *Hebreus*, até Abraão.

gerou filhos e filhas. <sup>18</sup>Péleg viveu trinta anos e gerou Reú. <sup>19</sup>Depois de ter gerado Reú, Péleg viveu duzentos e nove anos e gerou filhos e filhas. <sup>20</sup>Reú viveu trinta e dois anos e gerou Serug. <sup>21</sup>Depois de ter gerado Serug, Reú viveu duzentos e sete anos e gerou filhos e filhas. <sup>22</sup>Serug viveu trinta anos e gerou Naor. <sup>23</sup>Depois de ter gerado Naor, Serug viveu duzentos anos e gerou filhos e filhas. <sup>24</sup>Naor viveu vinte e nove anos e gerou Tera. <sup>25</sup>Depois de ter gerado Tera, Naor viveu cento e dezanove anos e gerou filhos e filhas. <sup>26</sup>Tera viveu setenta anos e gerou Abrão, Naor e Haran. <sup>27</sup>Esta é a genealogia de Tera: Tera gerou Abrão, Naor e Haran. Haran gerou Lot. <sup>28</sup>Depois Haran morreu na presença de Tera, seu pai, no seu país natal, em Ur dos caldeus. <sup>29</sup>Abrão e Naor tomaram para si mulheres em casamento. O nome da mulher de Abrão era Sarai e o nome da mulher de Naor era Milca, filha de Haran, que era pai de Milca e pai de Jisca. <sup>30</sup>Sarai era estéril: não tinha filhos. <sup>31</sup>Tera tomou consigo o seu filho, Abrão, e o seu neto, Lot, filho de Haran, e a sua nora Sarai, mulher do seu filho, Abrão, e saiu com eles de Ur dos caldeus para ir para a terra de Canaã. Chegaram até Haran e estabeleceram-se ali. <sup>32</sup>Os dias de Tera foram duzentos e cinco anos. E Tera morreu em Haran.

## II. HISTÓRIA DOS PATRIARCAS (12,1-50,26)

### Ciclo de Abraão (12,1-23,20)

**12** **Vocação de Abraão**  
<sup>1</sup>O SENHOR disse a Abrão: «Vai-te embora da tua terra, do lugar onde nasceste e da casa do teu pai, para a terra que Eu te vou mostrar. <sup>2</sup>E farei de ti um grande povo; abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome. E sê uma bênção. <sup>3</sup>Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aquele que te amaldiçoar. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas».<sup>a</sup> <sup>4</sup>Abrão partiu, como o SENHOR lhe dissera, e Lot foi com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos de idade quando partiu de Haran. <sup>5</sup>Abrão tomou consigo Sarai, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens de que eles beneficiavam e os servos que tinham adquirido em Haran e partiram para a terra de Canaã. Quando chegaram à terra de Canaã, <sup>6</sup>Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém, até ao carvalho de Moré. Naquele tempo, os cananeus habitavam na terra. <sup>7</sup>O SENHOR apareceu a Abrão e disse-lhe: «Darei esta terra à

<sup>a</sup> Os vv. 1-3 oferecem a chave de leitura para toda a narrativa do livro. Constituem um elemento importante de ligação entre Gn 1–11 (...*todas as famílias da terra*) e as narrativas ancestrais, registando na promessa que é feita a Abrão aquilo que será o futuro de Israel: *um grande povo*. Ao colocar a expressão *Eu abençoar-te-ei* depois de *farei de ti um grande povo*, o narrador sugere que o cumprimento de todas as promessas se relaciona com o cumprimento desta primeira bênção. É como povo que Israel será abençoado e terá um grande nome. A estratégia narrativa de ordem-promessa é retomada em 26,6 e é semelhante a muitas outras (cf. 46,1-5). Aqui, entretanto, surpreende a falta de uma identificação da divindade. O narrador assume que Abrão conhecia já a divindade que lhe fala. Por isso, os vv. 1-3, mais do que a simples descrição de um acontecimento, representam um sumário de chamamento, com promessa e missão.

tua descendência». Então, ele construiu ali um altar ao SENHOR, que lhe tinha aparecido<sup>b</sup>. <sup>8</sup>Dali ele prosseguiu até ao monte situado a oriente de Betel e armou a sua tenda, com Betel a ocidente e Ai a oriente. Construiu também ali um altar ao SENHOR e invocou o nome do SENHOR. <sup>9</sup>Abrão partiu e foi caminhando e viajando em direção ao Négueb<sup>c</sup>.

### Abrão e Sarai no Egito

<sup>10</sup>Aconteceu que houve fome naquela terra. Abrão desceu ao Egito para ali habitar como estrangeiro, porque a fome era grande na terra. <sup>11</sup>Quando estava quase a entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: «Por favor, eu sei como és uma mulher de bela aparência. <sup>12</sup>Vai acontecer que, quando os egípcios te virem, dirão: ‘Esta é a sua mulher’. E então matar-me-ão, deixando-te com vida. <sup>13</sup>Diz, pois, que és minha irmã, a fim de que eu seja bem tratado por causa de ti e que eu possa sobreviver, graças a ti<sup>d</sup>».

<sup>14</sup>E aconteceu que, quando Abrão chegou ao Egito, os egípcios viram que a sua mulher era muito bela. <sup>15</sup>Os oficiais do faraó viram-na e elogiaram-na junto do faraó, e a mulher foi conduzida ao palácio do faraó. <sup>16</sup>Por causa dela, Abrão foi muito bem tratado, e recebeu ovelhas, bois, jumentos, servos e servas, jumentas e camelos. <sup>17</sup>Mas o SENHOR infligiu ao faraó e à sua casa grandes aflições, por causa de Sarai, mulher de Abrão. <sup>18</sup>O faraó chamou, então, Abrão e disse-lhe: «Que é isto que tu me fizeste? Por que não disseste que ela era tua mulher? <sup>19</sup>Por que me disseste “ela é minha irmã”? Foi por isso que eu e a tomei por mulher. Agora, aqui tens a tua mulher, toma-a e vai-te embora». <sup>20</sup>Então o faraó deu ordens aos seus homens para que o mandassem embora, junto com a sua mulher e tudo quanto lhe pertencia.

## 13 Lot separa-se de Abrão

<sup>1</sup>Abrão subiu do Egito em direção ao Négueb, ele, a sua mulher e tudo o que lhe pertencia; e Lot estava com ele. <sup>2</sup>Abrão tinha-se tornado muito rico em rebanhos, prata e ouro. <sup>3</sup>Caminhou do Négueb até Betel, ao lugar do seu primeiro acampamento, entre Betel e Ai, <sup>4</sup>no sítio do altar que ali construía primeiro; e ali Abrão invocou o nome do SENHOR<sup>e</sup>. <sup>5</sup>Também Lot, que acompanhava Abrão, possuía ovelhas, bois e tendas; <sup>6</sup>e a terra não suportava que eles ali se estabelecessem

<sup>b</sup> A associação deste lugar com os cultos idólatricos (cf. Dt 12,2; 16,21) não corresponde a este período de Abrão. A construção de um altar era um ato sacrificial de âmbito familiar (cf. 8,20; 22,13), como expressão de gratidão (cf. 13,18) e de invocação da divindade (cf. 4,26; 13,4; 26,5).

<sup>c</sup> O autor sugere que Abrão tenha atravessado toda a terra, de norte a sul, passando pelas cidades de Betel e Ai até ao Négueb, a região situada no deserto do sul. Esta viagem de Abrão serve também de paradigma à que será feita por Jacob/Israel em Gn 35, inclusive na sua alusão às árvores e aos altares.

<sup>d</sup> Trata-se de uma narrativa que se repete em 20,1-18 e em 26,1-11, onde Isaac procede do mesmo modo. Abrão apenas pede a Sarai que esconda a natureza da sua relação, uma vez que em 20,12 o autor informa que Sarai era realmente meia-irmã de Abrão.

<sup>e</sup> Esta caminhada de Abrão em direção a Canaã, com as referências a Betel, a Ai e aos cananeus, evoca a caminhada do êxodo (Ex 17,1; Nm 10,12).

os dois, porque os bens de ambos eram muitos e eles não podiam estabelecer-se juntos. <sup>7</sup>Houve então uma discussão entre os pastores dos rebanhos de Abrão e os pastores dos rebanhos de Lot. Naquele tempo os cananeus e os perizeus habitavam aquela terra. <sup>8</sup>E Abrão disse a Lot: «Peço-te que não haja disputa entre mim e ti e entre os meus pastores e os teus pastores, pois nós somos irmãos. <sup>9</sup>Aí está toda essa terra diante de ti. Separa-te de mim, por favor. Se fores para a esquerda, eu irei para a direita; se fores para a direita, eu irei para a esquerda<sup>a</sup>».

<sup>10</sup>Lot ergueu os seus olhos e viu toda a região do Jordão, que era toda ela irrigada. Antes de o SENHOR ter destruído Sodoma e Gomorra, era como o jardim do SENHOR, como a terra do Egito, até chegar a Soar. <sup>11</sup>Lot escolheu para si toda a região do Jordão. E Lot partiu para oriente e separaram-se cada um do seu irmão. <sup>12</sup>Abrão habitou na terra de Canaã e Lot habitou nas cidades da região, armando a tenda até Sodoma. <sup>13</sup>Ora, os habitantes de Sodoma eram profundamente malvados e pecadores diante do SENHOR. <sup>14</sup>Depois de Lot se ter separado dele, o SENHOR disse a Abrão: «Ergue bem os teus olhos e, do lugar em que estás, observa para norte, para sul, para oriente e para ocidente. <sup>15</sup>Pois toda a terra que estás a ver, dar-ta-ei, a ti e à tua descendência para sempre. <sup>16</sup>Farei com que a tua descendência seja numerosa como o pó da terra. Se alguém puder contar o pó da terra, então também a tua posteridade poderá ser contada<sup>b</sup>. <sup>17</sup>Levanta-te! Movimenta-te por esta terra no seu comprimento e na sua largura, pois é a ti que Eu a darei». <sup>18</sup>E, levantando a tenda, Abrão foi habitar junto aos carvalhos de Mambré, que é em Hebron; e ali construiu um altar ao SENHOR<sup>c</sup>.

## 14 Campanha dos quatro reis<sup>d</sup>

<sup>1</sup>Aconteceu que, nos dias de Amerafel, rei de Chinear, de Arioc, rei de Elasar, de Cadorlaomer, rei de Elam, e de Tidal, rei de Goim, <sup>2</sup>eles declararam guerra contra Bera, rei de Sodoma; contra Birchá, rei de Gomorra; contra Chineab, rei de Admá; contra Cheméber, rei de Ceboim, e contra o rei de Bela, que é Soar. <sup>3</sup>Todos estes se coligaram no vale de Sidim, que é o mar do Sal. <sup>4</sup>Durante doze anos serviram Cadorlaomer, mas no décimo terceiro ano revoltaram-se. <sup>5</sup>No décimo quarto ano, Cadorlaomer e os reis que estavam com ele chegaram e bateram os refaítas em Astarot-Carnaim, os zuzitas em Ham, os emitas na planície de Quiriataim, <sup>6</sup>e os horritas,

<sup>a</sup> O narrador inclui aqui alguns aspetos etnológicos, uma vez que Lot é o pai dos moabitas e dos amonitas (19,37-38), povos que entravam frequentemente em disputa com Israel (Dt 2,9-19; 23,3-4). Esta separação de Lot antecipa a de Ismael relativamente a outros descendentes de Abraão (25,1-18) e a de Esaú relativamente a Jacob (36,6-8).

<sup>b</sup> Os vv. 14-16 repetem a promessa da terra, incluindo a promessa de uma descendência. A imagem de uma descendência como o pó da terra confere uma ênfase importante a 12,1-3.

<sup>c</sup> Abraão foi residir em Mambré, lugar onde mais tarde será enterrado (c. 23).

<sup>d</sup> Este capítulo utiliza um vocabulário pouco comum a este livro e não é fácil identificar as pessoas e lugares que refere. A própria imagem de Abrão como líder militar gera alguma tensão com a imagem que é desenvolvida no resto da narrativa. A informação aqui recolhida provém certamente de diversas tradições, integradas neste capítulo pela sua relação com a ocupação da terra.

no monte de Seir até El-Paran, junto ao deserto. <sup>7</sup>Depois, retrocedendo, chegaram a En-Mispat, que é Cadés, e bateram todo o território dos amalecitas e dos amorreus que habitavam em Haceçon-Tamar<sup>c</sup>.

<sup>8</sup>Então, o rei de Sodoma, o rei de Gomorra, o rei de Admá, o rei de Ceboim e o rei de Bela, que é Soar, saíram e alinharam-se no vale de Sidim, para a batalha contra eles, <sup>9</sup>isto é, contra Cadorlaomer, rei de Elam, Tidal, rei de Goim, Amerafel, rei de Chinear, e Arioc, rei de Elassar: quatro reis contra cinco. <sup>10</sup>No vale de Sidim havia poços e poços de betume. Ao tentarem fugir, os reis de Sodoma e de Gomorra caíram neles; e os restantes fugiram para a montanha. <sup>11</sup>Então estes apoderaram-se de todos os bens de Sodoma e Gomorra, de todos os víveres e retiraram-se<sup>f</sup>. <sup>12</sup>Apoderaram-se também de Lot, filho do irmão de Abrão, que habitava em Sodoma, e de todos os seus bens e partiram. <sup>13</sup>Mas chegou um sobrevivente e foi dar a notícia a Abrão, o hebreu. Este vivia junto aos carvalhos de Mambré, o amorreu, irmão de Escol e irmão de Aner, os quais tinham aliança com Abrão. <sup>14</sup>Quando Abrão ouviu dizer que o seu parente fora levado prisioneiro, mobilizou trezentos e dezoito dos seus servos bem treinados, nascidos na sua casa, e lançou-se em perseguição até Dan. <sup>15</sup>Durante a noite, Abrão e os seus servos dividiram-se, atacaram-nos e destroçaram-nos, perseguindo-os até Hoba, que fica ao norte de Damasco. <sup>16</sup>Ele recuperou todos os bens, libertou também Lot, seu sobrinho, e todas as suas riquezas, assim como as mulheres e as tropas.

### Abrão e Melquisédec

<sup>17</sup>Quando Abrão regressava, depois de ter batido Cadorlaomer e os reis seus aliados, o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro no vale de Chavé, que é o vale do Rei. <sup>18</sup>Melquisédec<sup>g</sup>, rei de Salém, mandou trazer pão e vinho e, como era sacerdote do Deus Altíssimo, <sup>19</sup>abençoou Abrão, dizendo:

«Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo<sup>h</sup>,

<sup>c</sup> Estes são antigos povos da Transjordânia e do sul da Palestina que se situam na grande rota comercial que desce da Síria em direção ao mar Vermelho. Os horritas aparecem misturados com os edomitas em 36,20ss. A montanha de Seir é o ponto central de referência para os edomitas entre o mar Morto e o golfo de Aqaba. *Cadés* recorda o lugar de paragem no deserto (cf. Nm 20,1), o mesmo lugar onde os amalecitas submeteram os israelitas (Ex 17,8-16; Nm 13,29).

<sup>f</sup> Esta luta contra Sodoma e Gomorra antecipa os cc. 18–19; e a fuga para as montanhas antecipa o que acontecerá a Lot em 19,17-20.30.

<sup>g</sup> *Melquisédec* emerge como uma figura misteriosa que volta a aparecer no Sl 110,4. Em Heb 5–7 é interpretado em sentido messiânico. O seu nome é semelhante ao do rei cananeu (Js 101) e provavelmente significa *o meu rei é justiça*. O seu estatuto de sacerdote e rei levou a tradição bíblica a entender a realeza cananaica como um ofício cultural e político, associação que não é muito estranha à realeza de Israel.

<sup>h</sup> O título divino *Deus Altíssimo* traduz o hebraico *Elyon*. É provavelmente mais um epíteto do que um nome próprio. O nome de El é muito comum no Médio Oriente para designar a divindade. *Elyon* aparece em paralelo com El (Nm 24,16; Sl 73,11) e com outros nomes (Sl 18,13; 46,4) ou mesmo sozinho (Dt 32,8; Sl 82,6).

senhor<sup>a</sup> dos céus e da terra!

<sup>20</sup> E bendito seja o Deus Altíssimo,

que entregou os teus inimigos na tua mão!»

E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo.

### Abrão e o rei de Sodoma

<sup>21</sup> O rei de Sodoma disse a Abrão: «Dá-me as pessoas e fica com os bens para ti».

<sup>22</sup> Abrão respondeu ao rei de Sodoma: «Eu ergo a minha mão para o SENHOR, o Deus Altíssimo, senhor dos céus e da terra <sup>23</sup> e juro que não tomarei nada do que é teu, nem um fio, nem sequer uma correia de sandália, para que não digas: “Eu enriqueci Abrão”<sup>b</sup>. <sup>24</sup> Nada, a não ser o que os meus servos comeram. Quanto à parte dos que vieram comigo, Aner, Escol e Mambré, eles que recebam a parte que lhes compete».

## 15 Aliança em forma de promessa<sup>c</sup>

<sup>1</sup> Depois destas coisas, foi dirigida a Abrão a palavra do SENHOR<sup>d</sup> numa visão, dizendo: «Não temas, Abrão! Eu sou para ti um escudo!<sup>e</sup> A tua recompensa será muito grande». <sup>2</sup> Abrão disse: «Ó SENHOR, meu Senhor<sup>f</sup>, que me poderás dar? Agora que eu caminho para o fim sem filhos e o herdeiro<sup>g</sup> da minha casa é Eliézer, de Damasco<sup>h</sup>». <sup>3</sup> E disse ainda Abrão: «Vê! Não me concedeste descendência e é um nascido na minha casa que será o meu herdeiro». <sup>4</sup> Então foi-lhe dirigida uma palavra

<sup>a</sup> Ou: *criador*. Com efeito, o verbo *qanah*, aqui usado, pode significar aquele que adquire e também aquele que cria qualquer coisa, ficando assim a ser sua propriedade.

<sup>b</sup> A questão aqui é não só se Abrão está ou não disposto a ficar com os bens, mas se está aberto a ficar com os bens de Lot e de os utilizar para proveito próprio e ganhar hegemonia na terra de Lot. A sua recusa emerge como um voto feito ao Deus Altíssimo. O autor não se focaliza simplesmente na escolha que Abrão faz de não enriquecer, mas numa atitude justa em relação ao seu acordo com Lot. Este comportamento de Abrão torna-se um modelo para os líderes futuros (1Rs 21).

<sup>c</sup> A narrativa é composta por dois momentos (1-6 e 7-21) com uma estrutura semelhante: a promessa divina (vv. 1.7); o questionamento de Abrão (vv. 2-3.8); a resposta de Deus com a certeza da sua palavra e ação vv. 4-5.9-21).

<sup>d</sup> A expressão *a palavra do Senhor* (vv. 1.4), frequente na profecia, ocorre apenas aqui em todo o Pentateuco. Abrão é representado com características de profeta em 20,7. O próprio facto de esta palavra ter sido dada numa visão sublinha o seu estatuto especial.

<sup>e</sup> Sobre a percepção de Deus como *um escudo* no contexto davídico, cf. 2Sm 22,3.31.36; Sl 144,2.

<sup>f</sup> O primeiro *SENHOR* representa o nome próprio de *Yahweh*; é usado para substituir o nome próprio de Deus, de acordo com a tradição antiga, tanto judaica como cristã. O segundo *meu Senhor* é o título divino de *Adon* ou *Adonai*, que é habitualmente usado para a divindade nas tradições religiosas de Canaã, em paralelo com outro título sinónimo, o de *Ba'al*, tendo ambos o mesmo significado de *senhor*.

<sup>g</sup> Esta expressão única na Bíblia *ben meheq* poderia talvez significar *aquele que faz a libação* sobre o sepulcro de um defunto. Pois cabia ao herdeiro proceder a este ritual.

<sup>h</sup> A expressão *Senhor, meu Senhor*, é raramente usada. Abrão coloca uma questão muito pertinente: de que me servem muitos bens se não tenho a quem os deixar (cf. 2Sm 7,11-16; Sl 132,11-12.17-18)? A expressão *de Damasco* pode ter-se introduzido como uma glosa aramaica para *ben meheq*, sugerindo que seria “de Méchec”.

do SENHOR, dizendo: «Não é esse que será o teu herdeiro, mas alguém nascido de ti mesmo. Esse é que herdará de ti». <sup>5</sup>E, conduzindo-o para fora, disse-lhe: «Levanta os olhos para os céus e conta o número das estrelas, se és capaz de as contar». E disse-lhe ainda: «Pois bem, é assim que será a tua descendência». <sup>6</sup>Ele confiou no SENHOR; e este considerou-lhe isso como justiça<sup>i</sup>.

<sup>7</sup>O SENHOR disse-lhe depois: «Eu sou o SENHOR, aquele que te fez sair de Ur dos caldeus, para te dar esta terra e dela tomares posse<sup>j</sup>». <sup>8</sup>Abrão disse: «Ó SENHOR, meu Senhor, como poderei saber que tomarei posse dela?» <sup>9</sup>Ele respondeu-lhe: «Traz-me uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um carneiro de três anos, uma rola e um pombo ainda novo». <sup>10</sup>Abrão trouxe-lhe todos estes animais, cortou-os ao meio e dispôs cada metade uma em frente da outra. Mas não cortou as aves. <sup>11</sup>As aves de rapina desciam sobre as carnes mortas e Abrão afugentava-as. <sup>12</sup>Ao pôr do sol, um sono profundo caiu sobre Abrão; e um terror e uma grande escuridão caiu sobre ele. <sup>13</sup>Então Ele disse a Abrão: «Fica a saber que os teus descendentes habitarão como estrangeiros numa terra que não é deles, que farão deles escravos e os hão de oprimir durante quatrocentos anos. <sup>14</sup>Mas Eu próprio julgarei a nação que os escravizar, e, depois disso, sairão de lá com grandes riquezas. <sup>15</sup>Tu, porém, irás em paz para junto dos teus pais e serás sepultado após uma ditosa velhice. <sup>16</sup>À quarta geração, eles voltarão para aqui, porque até agora a iniquidade dos amorreus não está completa».

<sup>17</sup>Aconteceu que, quando o sol se pôs e se tornou escuro, surgiu um braseiro fumegante<sup>k</sup> e uma chama ardente passou entre aqueles pedaços de carne. <sup>18</sup>Naquele dia, o SENHOR concluiu uma aliança com Abrão, dizendo: «Dei esta terra à tua descendência, desde o rio do Egito até ao grande rio, o Eufrates, <sup>19</sup>a terra dos quineus, dos quenizeus, dos cadmoneus, <sup>20</sup>dos hititas, dos perizeus, bem como dos refaítas, <sup>21</sup>dos amorreus, dos cananeus, dos guirgaseus e dos jebuseus<sup>l</sup>».

## 16 Nascimento de Ismael<sup>m</sup>

<sup>1</sup>Sarai, mulher de Abrão, não lhe tinha ainda dado à luz filhos. Mas ela tinha uma escrava egípcia, chamada Agar. <sup>2</sup>Então, Sarai disse a Abrão: «Como o SENHOR me impediu de dar à luz filhos, peço-te que vás ter com a minha escrava. Talvez, por meio dela, eu consiga ter filhos». Abrão aceitou a proposta de Sarai<sup>n</sup>. <sup>3</sup>E, depois de

<sup>i</sup> O termo *justiça*, que normalmente se refere a uma ação (38,26; 18,23-26; 7,1), aqui significa que Deus atribui a Abrão o mérito dela, reconhecendo-o como um homem justo.

<sup>j</sup> O texto apresenta um paralelo com as narrativas do Êxodo (cf. Ex 3,7-10; 6,6-7; 20,2).

<sup>k</sup> Aqui Deus age por si mesmo, sublinhando o carácter unilateral da promessa. Abrão é testemunha e beneficiário (cf. promessas feitas a David 2Sm 3,9; Sl 89; 100,4; 132,11; e a Noé Is 54,9).

<sup>l</sup> Estas fronteiras desde o rio do Egito até ao Rio Eufrates representam uma geografia ideal e não deverão ter correspondido nunca ao espaço real habitado ou dominado pelos hebreus, nem mesmo no tempo de David e Salomão.

<sup>m</sup> Este capítulo relaciona-se com os precedentes pela sua referência ao Egito (12,10-20; 13,1.10; 15,18) e à promessa de um filho, unindo-a com a bênção às nações.

<sup>n</sup> Existem inúmeros paralelos textuais do Médio Oriente Antigo que demonstram que esta atitude de Sarai era uma prática comum. Raquel e Lia terão uma iniciativa semelhante (30,3-13), com uma

Abrão já ter vivido dez anos na terra de Canaã, Sarai, mulher de Abrão, tomou Agar, sua serva egípcia, e deu-a a Abrão, seu marido, como sua mulher. <sup>4</sup>Ele foi ter com Agar e ela concebeu. E, reconhecendo-se grávida, começou a olhar com desprezo para a sua senhora. <sup>5</sup>Sarai disse então a Abrão: «Recaia sobre ti o mal que me é feito. Fui eu que entreguei a minha escrava nos teus braços; mas, quando ela viu que tinha concebido, comecei a ser olhada com desprezo por ela. Que o SENHOR julgue entre mim e ti!» <sup>6</sup>Abrão respondeu a Sarai: «A tua escrava está nas tuas mãos; faz dela o que parecer bem aos teus olhos». Então, Sarai humilhou-a e Agar fugiu da sua presença. <sup>7</sup>O mensageiro do SENHOR encontrou-a junto de uma fonte de água no deserto, a fonte que fica no caminho de Chur<sup>a</sup>. <sup>8</sup>E disse-lhe: «Agar, serva de Sarai, de onde vens tu e para onde vais?» Ela disse-lhe: «Eu fujo da presença de Sarai, a minha senhora». <sup>9</sup>O mensageiro do SENHOR disse-lhe: «Volta para a tua senhora e mostra-te humilde debaixo das suas mãos». <sup>10</sup>O mensageiro do SENHOR disse-lhe: «Multiplicarei de tal maneira a tua descendência que, de tão numerosa, ninguém a poderá contar». <sup>11</sup>E o mensageiro do SENHOR disse-lhe:

«Tu estás grávida e vais dar à luz um filho;  
e dar-lhe-ás o nome de Ismael<sup>b</sup>,  
porque o SENHOR deu ouvidos à tua humilhação.

<sup>12</sup>Quanto a ele, será um jumento selvagem;  
a sua mão ergue-se contra todos,  
a mão de todos ergue-se contra ele,  
e habitará de frente a todos os seus irmãos».

<sup>13</sup>Agar deu ao SENHOR que falou com ela o nome de “Tu és o Deus que me vê”, pois disse: «Realmente, eu vi aqui pelas costas aquele que me vê<sup>d</sup>». <sup>14</sup>Por isso, chamaram àquele poço, situado entre Cadés e Bered, poço do “Vivente que me vê”. <sup>15</sup>Agar deu à luz um filho a Abrão. E Abrão deu ao seu filho, que Agar tinha dado à luz, o nome de Ismael. <sup>16</sup>Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar lhe deu à luz Ismael.

---

aparente aprovação de Deus (30,6.18).

<sup>a</sup> É no deserto, onde Israel vagueará, que Agar encontra o mensageiro do Senhor (cf. Ex 3,2). Esta figura não deve ser confundida com os seres angélicos. O próprio narrador o deixa subentendido no v. 13 ao sugerir que foi o próprio Yahweh que falou com Agar e que ela mesmo reconheceu. Este mensageiro é Deus em forma humana (cf. 21,17-19; 22,11-12.15-16; 31,11.13).

<sup>b</sup> O nome de *Ismael* significa *Deus escuta*.

<sup>c</sup> Esta metáfora é uma etiologia que justifica a condição de nómadas que caracteriza os ismaelitas, em difícil convívio com as populações israelitas sedentárias, apesar da proximidade que se lhes reconhece por serem filhos de Abraão.

<sup>d</sup> A resposta de Agar é a de uma pessoa de fé. Ela reconhece o mensageiro como a própria voz de Deus, sem necessidade de uma identificação prévia (31,11-13); afirmando-o como aquele que a viu. Agar fixa-se num Deus que vê, mais do que num Deus que fala.

## 17 Aliança e circuncisão<sup>c</sup>

<sup>1</sup>Abrão tinha noventa e nove anos de idade; e o SENHOR apareceu a Abrão e disse-lhe: «Eu sou o Deus Todo-Poderoso; caminha na minha presença e sê perfeito. <sup>2</sup>Eu estabelecerei uma aliança entre mim e ti e multiplicar-te-ei muitíssimo». <sup>3</sup>Abrão prostrou-se, com o rosto por terra e Deus falou com ele, dizendo: <sup>4</sup>«Quanto a mim, esta é a minha aliança para contigo: tu serás pai de uma multidão de povos. <sup>5</sup>Não se chamará mais pelo teu nome de Abrão. O teu nome será Abraão, pois Eu farei de ti o pai de uma multidão de povos. <sup>6</sup>Tornar-te-ei muitíssimo fecundo, farei de ti a origem de povos e terás reis por descendentes. <sup>7</sup>Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti, de geração em geração. Será uma aliança eterna, sendo Eu Deus para ti e para a tua descendência depois de ti. <sup>8</sup>Dar-te-ei, a ti e à tua descendência depois de ti, a terra que é tua residência de estrangeiro, toda a terra de Canaã, como propriedade eterna, e serei Deus para eles». <sup>9</sup>Deus disse a Abraão: «Quanto a ti, guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência depois de ti, de geração em geração<sup>f</sup>. <sup>10</sup>Esta é a minha aliança que vós tereis de guardar, entre mim e vós e a tua descendência depois de ti: todo o indivíduo do sexo masculino entre vós será circuncidado<sup>g</sup>. <sup>11</sup>Circuncidareis a carne do vosso prepúcio: e este será o sinal de aliança entre mim e vós. <sup>12</sup>Aos oito dias de idade, todas as vossas crianças do sexo masculino serão circuncidadas, de geração em geração, tanto um nascido em casa como um estrangeiro adquirido com dinheiro, que não seja da tua descendência. <sup>13</sup>Deverão ser circuncidados tanto o indivíduo nascido em tua casa como o que for adquirido com o teu dinheiro; e assim a minha aliança na vossa carne tornar-se-á aliança eterna. <sup>14</sup>O indivíduo do sexo masculino que não tiver sido circuncidado na carne do seu prepúcio será afastado do meio dos seus parentes, por ter quebrado a minha aliança».

## Deus promete um filho

<sup>15</sup>Deus disse a Abraão:

«Quanto à tua mulher, Sarai,  
não voltarás a chamar-lhe com o seu nome de Sarai,

<sup>c</sup> A narrativa está estruturada como uma teofania: Deus aparece, identifica-se, faz uma promessa; Abraão responde e termina com um comentário sobre a sua obediência. É neste contexto que ocorre a mudança de nome de Abrão para o de Abraão. As duas modalidades do nome têm a possibilidade de ser interpretadas com a ideia de pai elevado ou ilustre. Esta mudança corresponde, no entanto, a uma nova etapa da sua missão, enquanto antepassado de larga descendência. O foco deixa de ser a promessa da terra para se fixar na de uma descendência que inclui também Sara.

<sup>f</sup> Abraão e a sua descendência, incluindo Ismael, recebem o mandato de observar a aliança. Em 18,19 e 26,5 esta observância vai mais longe do que a simples circuncisão (cf. Ex 19,5). Este observar significa ser justo e manter-se fiel na relação com Deus.

<sup>g</sup> Existe uma diferença entre a circuncisão como um sinal da fidelidade à aliança, da parte do ser humano e a aliança com Noé onde o sinal é o arco-íris e é unilateral da parte de Deus. É possível também entrever um eco referente ao sábado (cf. Ex 31,16-17). Embora apareça a referência à circuncisão de Isaac (21,4), e dos filhos de Jacob (34,15), no AT existem muito poucas referências a esta prática.

pois o seu nome é Sara.

<sup>16</sup>Abençoa-la-ei e, por ela, dar-te-ei um filho.

Eu abençoa-la-ei

e ela dará origem a povos;

e dela procederão reis de nações».

<sup>17</sup>Abraão prostrou-se com o rosto por terra e sorriu<sup>a</sup>, dizendo para consigo: «Pode um homem de cem anos gerar um filho?» <sup>18</sup>Depois, Abraão disse a Deus: «Possa Ismael viver diante de ti!» <sup>19</sup>Mas Deus respondeu-lhe: «Não! Sara, tua mulher, dar-te-á um filho e tu chamá-lo-ás pelo nome de Isaac. Estabelecerei com ele a minha aliança, como aliança eterna para a sua descendência depois dele. <sup>20</sup>Quanto a Ismael, também te escutei. Abençoa-lo-ei, torná-lo-ei fecundo e farei com que se multiplique sem medida. Será pai de doze príncipes, e farei dele um grande povo. <sup>21</sup>Mas estabelecerei a minha aliança com Isaac, aquele que Sara te há de dar, por este tempo no próximo ano». <sup>22</sup>E, tendo acabado de falar com ele, Deus subiu, deixando Abraão. <sup>23</sup>Abraão tomou Ismael, seu filho, todos quantos tinham nascido na sua casa e todos aqueles que adquirira com o seu dinheiro, todos os indivíduos do sexo masculino da sua casa e circuncidou a carne do prepúcio deles nesse mesmo dia, como Deus lhe tinha mandado. <sup>24</sup>Abraão tinha já noventa e nove anos, quando lhe foi circuncidada a carne do seu prepúcio. <sup>25</sup>Ismael, seu filho, tinha treze anos, quando foi circuncidada a carne do seu prepúcio. <sup>26</sup>Naquele mesmo dia foram circuncidados Abraão e Ismael; <sup>27</sup>e foram circuncidados com ele todos os da sua casa, nascidos de casa ou adquiridos a estrangeiros por dinheiro.

## 18 Três visitantes misteriosos

<sup>1</sup>O SENHOR apareceu a Abraão junto dos Carvalhos de Mambré, quando ele estava sentado à entrada da tenda, pelo calor do dia. <sup>2</sup>Ele ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele. Quando os viu, correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra <sup>3</sup>e disse: «Meu senhor! Se encontrei favor diante dos teus olhos<sup>b</sup>, peço-te que não passes sem parar junto do teu servo<sup>c</sup>. <sup>4</sup>Mandarei trazer um pouco de água. Lavi os vossos pés e descansai debaixo desta árvore. <sup>5</sup>Vou buscar um bocado de pão. Restaurai as vossas forças e depois prosseguireis, pois foi por isso que passastes junto do vosso servo». Eles responderam: «Faz como disseste.» <sup>6</sup>Abraão foi apressadamente à tenda ter com Sara e disse-lhe: «Apressa-te! Amassa

<sup>a</sup> A reação imediata de Abraão é assinalada pelo riso, provocado pela sua idade e pela de Sara. O termo hebraico estabelece um jogo de palavras com o nome de *Isaac*, que significa *ele ri*; e este torna-se um tema recorrente na narrativa (cf. 18,12-15; 19,14; 21,6.9).

<sup>b</sup> Cf. 19,19; 32,5; 33,8-15.

<sup>c</sup> O narrador parece subentender que Deus aparece a Abrão junto da sua própria casa, assumindo uma forma humana (cf. 16,7), sugerida pela mediação de três seres humanos. A distinção entre Deus e os mensageiros em 18,2 e em 19,1.13 parece sugerida pela alternância entre o singular tu e teu e o vós (v. 3: meu Senhor; v. 5 vós passastes). O plural dos verbos do v. 9 (disseram-lhe) e o singular dos vv. 10-15 (Ele disse) constituem igualmente uma estratégia narrativa de alternância, que se repetirá em 19,17-19.

três medidas de flor de farinha e faz uns pães». <sup>7</sup>Correu ao rebanho, escolheu um vitelo dos mais tenros e gordos e entregou-o ao servo, que se apressou a prepará-lo. <sup>8</sup>Tomou a manteiga, o leite e o vitelo que tinha preparado e colocou-o diante deles. E ficou de pé junto deles, debaixo da árvore, e eles comeram. <sup>9</sup>Então, disseram-lhe: «Onde está Sara, tua mulher?» Ele respondeu: «Está na tenda». <sup>10</sup>Ele disse: «Voltarei a ti no tempo da renovação da vida<sup>d</sup> e Sara, tua mulher, terá já dado à luz um filho». Ora, Sara estava a escutar à entrada da tenda, mesmo por trás dele. <sup>11</sup>Abraão e Sara eram já velhos, de idade muito avançada, e Sara já não tinha o período normal das mulheres. <sup>12</sup>Sara riu-se consigo mesma, dizendo: «Depois de estar gasta, ainda iria ter prazer, sendo também velho o meu senhor?» <sup>13</sup>O SENHOR disse a Abraão: «Por que está Sara a rir-se e a dizer: “será verdade que eu hei de ter um filho, velha como estou?”» <sup>14</sup>Haverá alguma maravilha em que o SENHOR declare “dentro de um ano, no tempo da renovação da vida, voltarei a ti e Sara já terá um filho?”» <sup>15</sup>Mas Sara negou, dizendo: «Não me ri», pois ela estava com medo. Mas Ele disse-lhe: «Não! Tu riste-te». <sup>16</sup>Os homens levantaram-se dali e olharam em direção a Sodoma; e Abraão acompanhou-os para se despedir deles.

### Intercessão de Abraão<sup>f</sup>

<sup>17</sup>O SENHOR disse, então: «Irei Eu esconder a Abraão aquilo que vou fazer? <sup>18</sup>Pois Abraão tornar-se-á um povo grande e poderoso e nele serão abençoados todos os povos da terra. <sup>19</sup>Pois dei-lhe a conhecer que ele há de ordenar aos seus filhos e à sua casa depois dele para guardarem o caminho do SENHOR, praticando a justiça e o direito<sup>g</sup>, a fim de que o SENHOR faça com que se cumpram a favor de Abraão as promessas que lhe fez». <sup>20</sup>O SENHOR disse ainda: «O clamor<sup>h</sup> de Sodoma e Gomorra é muito grande e o seu pecado é muito pesado. <sup>21</sup>Vou descer e ver se, de facto, o que têm feito corresponde ao clamor que chegou até mim. E se não for assim, ficarei a saber». <sup>22</sup>Os homens voltaram-se e dali encaminharam-se para Sodoma. Abraão, porém, continuava ainda de pé diante do SENHOR<sup>i</sup>. <sup>23</sup>Abraão aproximou-se e disse:

<sup>d</sup> A expressão *renovação da vida* parece significar a primavera.

<sup>c</sup> Ou: *vigor*. A incredulidade de Sara insere-se numa convicção literária própria deste tipo de anúncios (cf. 2Rs 4,16)

<sup>f</sup> Esta narrativa retoma o diálogo iniciado nos cc. 13-14. A intercessão de Abraão é feita em atitude de reverência. A questão de um destino que afeta por igual justos e malvados reaparece em diferentes momentos da história de Israel, nomeadamente quando o futuro está em causa (cf. queda da Samaria Am 7,1-9; queda de Jerusalém Jr 5,1; Ez 14,12-20; 18,1-32).

<sup>g</sup> Estes termos chave são muito raros no livro do Génesis e reaparecem v. 23-28 (cf. 6,9; 7,1; 15,6; 20,4; 30,33; 38,26). Aparecem frequentemente para caracterizar indivíduos ou grupos que são um exemplo de vida e de bem-estar para todos ao nível do relacionamento humano.

<sup>h</sup> O texto refere um clamor que emerge de Sodoma e Gomorra devido ao seu imenso pecado. Esta referência ao clamor e ao grito é muito utilizada para descrever a opressão (4,10; 27,34), inclusive a opressão do Egito (Ex 2,23; 3,7.9). Tudo indica que o pecado de Sodoma envolve também questões de injustiça social (cf. Jr 23,14; Ez 16,49).

<sup>i</sup> A tradição massorética é de opinião de que esta formulação é fruto de uma correção por parte de escribas, sendo que o original seria: *O SENHOR, porém, continuava ainda de pé diante de Abraão*. A razão da correção consistiria em evitar o antropomorfismo de colocar Deus em presença de Abraão.

«E será que vais eliminar o justo com o malfeitor?»<sup>24</sup> Talvez haja cinquenta justos na cidade; vais eliminá-la? Não pouparás aquela localidade por causa dos cinquenta justos que estão dentro dela? <sup>25</sup>Longe de ti proceder assim, matar o justo com o malfeitor, tratando o justo como o malfeitor! Longe de ti! O juiz de toda a terra não fará justiça?»<sup>a</sup>

<sup>26</sup>O SENHOR disse: «Se<sup>b</sup> encontrar em Sodoma cinquenta justos dentro da cidade, Eu pouparei toda a localidade por causa deles». <sup>27</sup>Abraão respondeu e disse: «Permiti que me atreva ainda a falar ao meu senhor<sup>c</sup>, eu que sou apenas pó e cinza. <sup>28</sup>Se, por acaso, faltarem cinco dos cinquenta justos, destruirás toda a cidade, por causa desses cinco homens?» O SENHOR respondeu: «Não a destruirei, se lá encontrar quarenta e cinco». <sup>29</sup>Abraão falou de novo e disse-lhe: «Talvez se encontrem nela quarenta». E Ele respondeu: «Não destruirei, em atenção a esses quarenta». <sup>30</sup>Abraão disse: «Que o meu senhor não se irrite<sup>d</sup>, por eu continuar a falar. Talvez se encontrem ali trinta justos». E Ele respondeu: «Se Eu lá encontrar trinta, não o farei». <sup>31</sup>Abraão disse então: «Vou atrever-me ainda a falar ao meu senhor. Talvez ali se encontrem apenas vinte». E Ele disse: «Em atenção a esses vinte, não destruirei». <sup>32</sup>Abraão disse: «Que o meu senhor não se irrite!<sup>e</sup> Mas vou falar apenas mais uma vez. Talvez lá se encontrem dez». E Deus respondeu: «Em atenção a esses dez, não destruirei». <sup>33</sup>Depois de ter terminado de falar com Abraão, o SENHOR pôs-se a caminho e Abraão voltou para o seu lugar<sup>f</sup>.

## 19 Destruição de Sodoma<sup>g</sup>

<sup>1</sup>Os dois mensageiros chegaram a Sodoma ao entardecer e Lot estava sentado à porta de Sodoma. Ao vê-los, Lot ergueu-se, foi ao encontro deles e, prostrando-se com o rosto por terra, <sup>2</sup>disse: «Peço-vos, meus senhores, desviái-vos para a casa do vosso servo e pernoitai e lavei os vossos pés. De manhã cedo levantar-vos-eis e prosseguireis o vosso caminho». Eles disseram-lhe: «Não! Passaremos a noite na praça». <sup>3</sup>Mas Lot tanto insistiu com eles que se desviaram na direção dele e entraram em sua casa. Ele preparou-lhes um banquete, mandou cozer pães ázimos e eles comeram. <sup>4</sup>Ainda não se tinham deitado, quando os homens da cidade, os homens de Sodoma,

<sup>a</sup> Cf. 1Sm 2,10; 1Rs 8,32; Sl 9,7-8.

<sup>b</sup> Deus admite a possibilidade de um não... Esta expressão indica que o futuro permanece em aberto (cf. Ex 4,8-9; Jr 7,5; Ez 12,3).

<sup>c</sup> ...ao meu senhor. Os manuscritos hebraicos dizem: ...ao Senhor ou ...ao SENHOR. O mesmo acontece nos vv. 30.31.32.

<sup>d</sup> A vocalização introduzida pelos massoretas entende: *Que o Senhor não se irrite...*

<sup>e</sup> Cf. nota ao v. 30.

<sup>f</sup> Deus reaparece em 19,24 para destruir estas duas cidades. Elas ficarão sempre como exemplo de comportamento que provoca a intervenção divina.

<sup>g</sup> Este é um dos textos mais citados de toda a Bíblia. Sodoma e Gomorra tornaram-se a imagem do pecado abominável e do desastre severo. Pensa-se que a natureza do pecado de Sodoma se relacionaria, essencialmente, com a malvadez humana, onde se incluía a falta de hospitalidade (cf. Jr 23,14; Sl 11,6; Ez 38,22). Não se sabe ao certo onde estas cidades se situariam. É habitual situá-las na região sul do mar Morto, onde o terreno contém enxofre (cf. 14,10; 19,24; Dt 29,23; Sf 2,9).

desde os mais novos até aos mais velhos, todo o povo sem exceção, rodearam a casa; <sup>5</sup>chamaram Lot e disseram-lhe: «Onde estão os homens que entraram na tua casa, esta noite? Manda-os sair aqui para nós, a fim de os conhecermos<sup>b</sup>». <sup>6</sup>Lot saiu para junto deles à entrada da casa, e, fechando a porta atrás de si, <sup>7</sup>disse: «Suplico-vos, meus irmãos, que não façais o mal. <sup>8</sup>Vede! Eu tenho duas filhas que não conheceram homem. Permitam que as mande sair para vós. Fazei com elas o que parecer bem aos vossos olhos, mas não façais nada a estes homens, pois para isso vieram acolher-se à sombra do meu teto». <sup>9</sup>Eles disseram: «Afasta-te daí!» E acrescentaram: «Este aqui chegou como estrangeiro e agora põe-se a fazer julgamento! Pois bem, vamos fazer-te mal a ti mais do que a eles». E, empurrando Lot violentamente, avançaram para arrombar a porta. <sup>10</sup>Mas os homens estenderam a mão, fizeram entrar Lot para dentro de casa e fecharam a porta.<sup>i</sup> <sup>11</sup>E feriram de cegueira os homens que estavam em frente da casa, novos e velhos, tornando-os incapazes de encontrar a porta.

### Lot escapa à tragédia

<sup>12</sup>Os dois homens disseram a Lot: «Quantas pessoas ainda tens aqui? Manda sair desta região todos os que tiveres na cidade, o genro, os teus filhos, as tuas filhas. <sup>13</sup>Pois vamos destruir este lugar, porque é grande o clamor contra eles que chegou à presença do SENHOR. E o SENHOR enviou-nos para a destruir». <sup>14</sup>Lot saiu e falou aos seus futuros genros, que iam casar com as suas filhas, dizendo: «Levantai-vos e saí deste lugar, pois o SENHOR vai destruir a cidade». Mas os seus genros pensaram que ele estava a brincar com eles. <sup>15</sup>Quando se levantou a manhã, os mensageiros insistiram com Lot, dizendo-lhe: «Ergue-te, toma a tua mulher e as tuas duas filhas que estão aqui, para não perceres também tu pelo crime da cidade». <sup>16</sup>E, como ele hesitava, os homens agarraram-no pela mão, a ele, à mulher e às duas filhas e, pela compaixão do SENHOR para com ele, conduziram-no para fora da cidade. <sup>17</sup>Depois de os terem conduzido para fora, disseram: «Foge, pela tua vida! Não olhes para trás de ti nem te detenhas em qualquer sítio do vale. Foge para a montanha! De contrário serás eliminado».

<sup>18</sup>Lot disse-lhe: «Não, Senhor, peço-te! <sup>19</sup>Este teu servo encontrou favor diante dos teus olhos e tu mostraste como é grande a tua misericórdia para comigo, conservando-me a vida, mas não poderei fugir para a montanha, pois a desgraça apanhar-me-ia antes e eu morreria. <sup>20</sup>Há ali aquela cidade. Ela está perto para se poder fugir para lá e

<sup>b</sup> O narrador retoma o tema da falta de hospitalidade já evocado em 18,1-15. Tal como Abraão, também Lot tenta comportar-se do mesmo modo. Porém, o povo de Sodoma mostra não ter qualquer perceção do que significa esta hospitalidade. A referência aos mais novos e mais velhos de todo o povo sublinha o envolvimento da totalidade do povo, tornando o pecado de Sodoma uma ação mais coletiva do que individual; algo que caracterizava toda a cidade. O uso do verbo hebraico *conhecer* tem aqui conotação sexual, como noutras passagens da Bíblia (cf. v. 8).

<sup>i</sup> Estes homens eram os mensageiros divinos que Lot estava a receber como seus hóspedes e que o salvaram da situação em que o colocavam os homens de Sodoma.

é pequena. Permite que eu fuja para lá. Ela é pequena. E poderei conservar a minha vida». <sup>21</sup>Ele disse-lhe: «Terei consideração para contigo também neste caso e não vou destruir a cidade de que falaste. <sup>22</sup>Apressa-te a fugir para lá, pois nada posso fazer antes de lá chegares». Por isso, chamaram àquela cidade Soar<sup>a</sup>. <sup>23</sup>Erguia-se o sol sobre a terra, quando Lot chegou a Soar. <sup>24</sup>Então, o SENHOR fez cair do céu sobre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo, enviada pelo SENHOR. <sup>25</sup>Destruí estas cidades, toda a região e todos os habitantes das cidades e até a vegetação da terra. <sup>26</sup>A mulher de Lot olhou para trás e ficou transformada numa estátua de sal.

<sup>27</sup>Abraão levantou-se de manhã cedo e foi ao lugar onde tinha estado na presença do SENHOR. <sup>28</sup>Voltando os olhos para o lado de Sodoma e Gomorra e para toda a terra da região, viu elevar-se da terra um fumo semelhante ao fumo de uma fornalha.

<sup>29</sup>Aconteceu assim que, quando Deus destruiu as cidades da região, Deus recorreu-se de Abraão e fez fugir Lot do meio da catástrofe, enquanto arrasava as cidades onde ele habitava<sup>b</sup>.

<sup>30</sup>Lot subiu de Soar e foi habitar na montanha com as suas duas filhas, porque temia permanecer em Soar. E habitava numa caverna com as duas filhas. <sup>31</sup>Então a mais velha disse à mais nova: «O nosso pai está velho e não há homens nesta região, que se possam unir connosco, como é de norma em toda a terra. <sup>32</sup>Vamos embriagar o nosso pai com vinho; depois deitamo-nos com ele e faremos que viva uma descendência por meio do nosso pai. <sup>33</sup>Naquela mesma noite deram-lhe a beber vinho e a mais velha foi e deitou-se com o seu pai e ele de nada se apercebeu, nem quando ela se deitou nem quando se levantou. <sup>34</sup>No dia seguinte, a mais velha disse à mais nova: «Eu deitei-me ontem com o nosso pai; embriaguemo-lo com vinho também esta noite e tu vai e deita-te com ele, e faremos que viva uma descendência por meio do nosso pai». <sup>35</sup>Também naquela noite deram a beber vinho ao pai e a mais nova levantou-se e foi deitar-se com ele; e ele de nada se apercebeu, nem quando ela se deitou nem quando se levantou. <sup>36</sup>E assim as duas filhas de Lot conceberam do próprio pai. <sup>37</sup>A mais velha deu à luz um filho, ao qual deu o nome de Moab; ele é o pai dos moabitas, que vivem ainda hoje. <sup>38</sup>A mais nova teve igualmente um filho, ao qual deu o nome de Ben-Ami; ele é o pai dos filhos de Amon, que vivem ainda hoje<sup>c</sup>.

<sup>a</sup> O nome de *Soar* forma assonância com a palavra hebraica *mis'ar*, usada no v. 20 para significar *pequena*. É a etimologia e a etiologia da cidade.

<sup>b</sup> O narrador deixa Abraão num completo silêncio. Ele é uma simples testemunha do julgamento de Deus. As nações da terra encontrarão nele uma bênção, mas não inevitavelmente. Apesar dos seus esforços, a sua intercessão foi incapaz de reverter a situação (cf. Jr 11, 14; 14, 11). Deus salva Lot, porque usa de misericórdia para com ele, mas sobretudo porque se recorda de Abraão.

<sup>c</sup> O nome de *Moab* faz assonância com a expressão hebraica que significa *por meio do pai*. O nome de *Ben-Ami* significa *filho do meu parente*. Este relato tem uma dimensão etiológica que pretende explicar a existência histórica destes dois povos – Moab e Amon –, fazendo-os provir de Abraão por meio de Lot.

## 20 **Abraão e Sara em Guerar (26,1-11)**<sup>d</sup>

<sup>1</sup>Abraão partiu dali para a terra do Négueb, fixou-se entre Cadés e Chur, habitando como estrangeiro em Guerar. <sup>2</sup>Abraão dizia de Sara, sua esposa: «É minha irmã». Então Abimélec, rei de Guerar, mandou buscar Sara. <sup>3</sup>Mas Deus veio de noite em sonhos ter com Abimélec e disse-lhe: «Vais morrer por causa da mulher que tomaste, porque ela tem marido». <sup>4</sup>Então, Abimélec, que não se tinha aproximado dela, disse: «Senhor, destruirás um povo, mesmo se ele é justo? <sup>5</sup>Não me disse ele que ela era sua irmã? E ela própria me disse: ‘Ele é meu irmão’. Fiz isto com integridade de coração e de mãos limpas». <sup>6</sup>Deus disse-lhe no sonho: «Eu bem sei que fizeste isto com integridade de coração; por isso, evitei que pecasses contra mim e não te permiti que tocassem nela. <sup>7</sup>E agora manda de volta a mulher desse homem, pois ele é um profeta<sup>f</sup>; ele intercederá por ti e viverás. Se não a mandares entregar, fica sabendo que morrerás com certeza, tu e tudo o que te pertence».

<sup>8</sup>Ao erguer-se de manhã cedo, Abimélec chamou todos os seus servos; narrou-lhes todas estas coisas e foram dominados por grande medo. <sup>9</sup>Depois, Abimélec chamou Abraão e disse-lhe: «Que nos fizeste? Qual é a minha culpa contra ti, para nos expores, a mim e ao meu reino, ao castigo de uma tão grande culpa<sup>g</sup>? Fizeste comigo coisas que não se devem fazer». <sup>10</sup>Abimélec disse ainda a Abraão: «Que tinhas tu em vista ao fazeres isto?» <sup>11</sup>Abraão respondeu: «Eu disse para comigo que poderia não haver temor de Deus neste lugar e que me poderiam matar por causa da minha mulher. <sup>12</sup>De resto, é verdade que ela é minha irmã, filha do meu pai, mas não filha da minha mãe; e tornou-se minha mulher.

<sup>13</sup>E então quando Deus me levou para longe da casa do meu pai, eu disse-lhe isto: ‘Este é o favor que deverás fazer-me: em todos os lugares aonde formos, diz a respeito de mim: é meu irmão’». <sup>14</sup>Então Abimélec tomou ovelhas, bois, servos e servas, deu-os a Abraão e restituiu-lhe Sara, sua mulher. <sup>15</sup>Abimélec disse: «A minha terra está à tua disposição; podes habitar onde for agradável aos teus olhos». <sup>16</sup>E disse também a Sara: «Dei ao teu irmão mil peças de prata. Isto servir-te-á para tapar os olhos aos que estão contigo. E tu ficas reabilitada de tudo». <sup>17</sup>Abraão intercedeu junto de Deus e Deus curou Abimélec, sua mulher e as suas servas, e elas deram à luz filhos, <sup>18</sup>pois o SENHOR tinha fechado o ventre a todas as mulheres da casa de Abimélec, por causa de Sara, mulher de Abraão.

<sup>d</sup> Este texto apresenta alguns paralelos com 12,10-20 e 26,1-11, embora inclua um diálogo e uma reflexão maior. Também é evidente a relação com os cc. 18-19, nomeadamente nos temas da justiça, nas consequências do comportamento humano e no valor da intercessão de Abraão. A narrativa está construída em três momentos: Abimélec e Deus (vv. 3-7); Abimélec e Abraão (vv. 9-13); Abraão e Sara (vv. 15-16).

<sup>e</sup> Este diálogo entre Deus e alguém que não é do povo de Israel é inesperado (cf. 31,24; Nm 22,20).

<sup>f</sup> Esta designação de Abraão como profeta entende que o seu papel é o de intercessor tal como acontecia em 18,20-23.

<sup>g</sup> A narrativa pressupõe que existe uma culpabilidade de Abimélec e que, por isso, Guerar enfrenta uma situação semelhante à de Sodoma e Gomorra, revertida pela intercessão de Abraão (cf. 18,22-33; Nm 12,13; 21,7).

## 21 Nascimento de Isaac

<sup>1</sup>O SENHOR interveio a favor de Sara, como tinha dito; o SENHOR agiu para com Sara conforme tinha dito<sup>a</sup>. <sup>2</sup>Sara concebeu e deu um filho a Abraão, quando este já era velho, no tempo marcado, que Deus tinha referido. <sup>3</sup>E àquele filho que lhe nasceu e que Sara lhe deu à luz, Abraão deu o nome de Isaac. <sup>4</sup>Abraão circuncidou seu filho Isaac aos oito dias, como Deus lhe tinha ordenado. <sup>5</sup>Abraão tinha cem anos quando lhe nasceu Isaac, seu filho. <sup>6</sup>Sara disse: «Deus concedeu-me um sorriso e todo aquele que ouvir falar disto sorrirá para mim». <sup>7</sup>E acrescentou: «Quem poderia dizer a Abraão que Sara haveria de amamentar filhos? Pois eu dei-lhe um filho na sua velhice».

## Expulsão de Ismael e de Agar

<sup>8</sup>O filho cresceu e foi desmamado. Nesse dia em que Isaac foi desmamado, Abraão ofereceu um grande banquete. <sup>9</sup>Sara viu que o filho que a egípcia Agar dera a Abraão estava a sorrir<sup>b</sup>. <sup>10</sup>E ela disse a Abraão: «Expulsa esta escrava e o seu filho, porque o filho desta escrava não deve herdar com o meu filho, com Isaac». <sup>11</sup>Esta palavra desagradou profundamente aos olhos de Abraão, por causa do seu filho. <sup>12</sup>Mas Deus disse a Abraão: «Que não seja assim desagradável a teus olhos o que diz respeito ao menino e à tua escrava. Em tudo o que Sara te disser, escuta a sua voz, pois é por Isaac que terá nome a tua descendência. <sup>13</sup>E transformarei igualmente num povo o filho da escrava, porque ele é tua descendência».

<sup>14</sup>Abraão levantou-se de manhã cedo, tomou pão e um odre de água, deu-o a Agar e pô-lo sobre os seus ombros, com o menino, e mandou-a embora. Ela partiu e foi vagueando pelo deserto de Bercheba. <sup>15</sup>Tendo-se acabado a água do odre, deixou o filho debaixo de um dos arbustos <sup>16</sup>e foi sentar-se do lado oposto, à distância de um tiro de arco, dizendo: «Não quero ver o meu filho morrer». Sentou-se, pois, do lado oposto, levantou a sua voz e começou a chorar. <sup>17</sup>Deus escutou a voz do menino, e, dos céus, o mensageiro de Deus chamou por Agar e disse-lhe: «Que tens tu, Agar? Nada temas, porque Deus ouviu a voz do menino, ali do lugar onde está. <sup>18</sup>Levanta-te. Vai buscar o menino e agarra-o com força com a tua mão, pois Eu hei de transformá-lo num grande povo». <sup>19</sup>Deus abriu-lhe os olhos e ela viu um poço de água e foi encher o odre de água e deu de beber ao filho. <sup>20</sup>Deus estava com o menino e este cresceu, vivia no deserto e tornou-se um hábil atirador de arco.

<sup>a</sup> O verbo hebraico *paqad* entendido como *interveio a favor de...* situa esta ação de Deus na linha de outras intervenções históricas salvíficas, como nos acontecimentos do Êxodo (cf. 50,24-25; Ex 3,16; 4,31), inserindo desta maneira o nascimento de Isaac num desígnio divino mais vasto.

<sup>b</sup> A versão dos LXX e a Vulgata dizem *estava a sorrir para Isaac, seu filho*. O verbo *sorrir* (*sahaq*) pode ter sentido positivo ou negativo (cf. 19,14). Sara parece tê-lo interpretado como negativo. Este verbo, que aparece na primeira referência ao nome de Isaac, quando Sara e Abraão se riem (cf. 17,17-19; 18,12-13), emerge agora numa associação com Ismael, recordando a Sara a decisão divina de uma aliança com o filho prometido a Abraão (cf. 17,19-20). Daí a sua necessidade de obrigar Abraão a uma escolha entre os seus dois filhos.

<sup>21</sup>Continuou a viver no deserto de Paran e a mãe escolheu para ele uma mulher da terra do Egito.

### Abraão e Abimélec em Bercheba

<sup>22</sup>Aconteceu que, naquele tempo, Abimélec com Picol, chefe do seu exército, disse a Abraão: «Deus está contigo em tudo quanto fazes. <sup>23</sup>Jura-me, então, agora aqui por Deus que não me enganarás, nem aos meus filhos, nem aos meus netos; e que a mesma benevolência que tive para contigo tu terás para comigo e para com a terra onde tens habitado». <sup>24</sup>Abraão respondeu: «Eu juro!» <sup>25</sup>Porém, Abraão protestou junto de Abimélec sobre um poço de água, do qual os servos de Abimélec se tinham apoderado. <sup>26</sup>Abimélec disse: «Não sei quem fez isso; tu também não me informaste e nunca ouvi dizer nada até ao dia de hoje». <sup>27</sup>Então Abraão tomou ovelhas e bois e ofereceu-os a Abimélec e estabeleceram entre os dois uma aliança. <sup>28</sup>Abraão pôs de parte sete cordeiros do rebanho. <sup>29</sup>Abimélec disse a Abraão: «Que significam estes sete cordeiros que puseste de parte?» <sup>30</sup>Abraão respondeu: «Aceita da minha mão estes sete cordeiros, para que me sirvam de testemunho de ter sido eu quem abriu este poço». <sup>31</sup>Por isso chamaram àquele lugar Bercheba<sup>d</sup>. Com efeito, os dois prestaram ali juramento, <sup>32</sup>estabelecendo, assim, aliança em Bercheba. Depois, Abimélec levantou-se com Picol, chefe do seu exército, e voltaram para a terra dos filisteus<sup>e</sup>. <sup>33</sup>Abraão plantou uma tamareira em Bercheba e ali invocou o SENHOR, Deus Eterno<sup>f</sup>. <sup>34</sup>E Abraão viveu na terra dos filisteus por longos dias.

## 22 Sacrifício de Abraão (Jz 11,29-40)<sup>g</sup>

<sup>1</sup>E aconteceu que, depois destes acontecimentos, Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: «Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou!» <sup>2</sup>E Deus disse: «Pega no teu filho, o teu único, aquele a quem amas, Isaac; e põe-te a caminho para a terra de Moriá<sup>h</sup> e oferece-o ali em holocausto<sup>i</sup>, sobre um dos montes que Eu te hei de indi-

<sup>c</sup> Cf. 26,26-33.

<sup>d</sup> O narrador está bastante interessado em justificar o nome de Bercheba. Por isso acumula a justificação do juramento (*sheba'*) e dos sete (*sheba'*) cordeiros.

<sup>e</sup> Para o tempo em que é habitual situar os tempos de Abraão, a referências à terra dos filisteus seria um anacronismo, pois terão chegado a Canaã cerca do ano 1200 a.C. Nesta narrativa eles representam todos os habitantes pré-israelitas da região.

<sup>f</sup> O epíteto *Deus Eterno* (*'el 'olam*) é usado em Canaã tal como *'el elyon* (Deus Altíssimo), *'el shadday* (Deus Todo-Poderoso), *'el berit* (Deus da aliança), *'el ro'i* (Deus que me vê). *Deus Eterno* aparece apenas aqui e pode representar a identificação do nome tradicional do deus *'el* com o nome próprio de *Javé* (cf. Is 11,28), que parece ter sido um processo razoavelmente tranquilo.

<sup>g</sup> Esta narrativa apresenta uma força teológica e adquiriu vários contornos nas sucessivas gerações, de um modo particular os vv. 15-19. O Israel do exílio ter-se-á revisto em Abraão e Isaac, considerando-se também ele mesmo submetido a uma prova, na qual muitos dos seus filhos morreram.

<sup>h</sup> O texto hebraico, colocando o artigo definido no nome de Moriá, sugere que se trata de um substantivo comum, com o sentido de *terra da visão*. Esta leitura parece confirmada por alguns manuscritos e pelas versões antigas, desde os LXX ao Targum aramaico. A tradução siríaca, por seu lado, lê *monte amorreu* (*'emort*). A tradição bíblica identifica esta *terra de Moriá* com o monte Sião (2Cr 3,1).

<sup>i</sup> Cf. Ex 29,38-46; Lv 1,3-17.

car».<sup>a</sup> <sup>3</sup>Abraão levantou-se de manhã cedo, preparou o seu jumento, tomou consigo dois servos e o seu filho Isaac, rachou lenha para o holocausto, levantou-se e pôs-se a caminho para o lugar que Deus lhe tinha indicado. <sup>4</sup>Ao terceiro dia, erguendo os olhos, Abraão viu à distância o lugar. <sup>5</sup>Disse então Abraão aos seus servos: «Ficai aqui com o jumento; eu e o menino vamos até além, para adorarmos; depois, voltaremos para junto de vós». <sup>6</sup>Abraão agarrou na lenha destinada ao holocausto, colocou-a sobre o seu filho Isaac; agarrou na sua mão o fogo e o cutelo e seguiram os dois juntos. <sup>7</sup>Isaac disse a Abraão, seu pai: «Meu pai!» E ele respondeu: «Eis-me aqui, meu filho!» Isaac prosseguiu: «Levamos fogo e lenha; mas onde está o cordeiro para o holocausto?» <sup>8</sup>Abraão respondeu: «Deus providenciará para si o cordeiro para o holocausto, meu filho». E os dois prosseguiram juntos. <sup>9</sup>Quando chegaram ao sítio que Deus indicara, Abraão construiu ali o altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho, e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha. <sup>10</sup>Depois, estendendo a mão, Abraão agarrou no cutelo, para degolar o seu filho. <sup>11</sup>Mas o mensageiro do SENHOR chamou por ele dos céus: «Abraão! Abraão!» Ele respondeu: «Aqui estou!» <sup>12</sup>O mensageiro disse: «Não estendas a tua mão sobre o menino e não lhe faças nada, porque agora sei que és temente a Deus. Não me recusaste o teu filho, o teu único».<sup>b</sup> <sup>13</sup>Abraão ergueu os olhos e viu<sup>b</sup> então um carneiro preso pelos chifres a um silvado. Abraão foi e agarrou o carneiro e ofereceu-o em holocausto, em substituição do seu filho. <sup>14</sup>Abraão chamou a este lugar: «O SENHOR proverá»<sup>c</sup>. E dele ainda hoje se diz: «Na montanha “o SENHOR proverá”». <sup>15</sup>E, dos céus, o mensageiro do SENHOR chamou Abraão uma segunda vez <sup>16</sup>e disse:

«Juro por mim mesmo, oráculo do SENHOR,  
que, por teres procedido dessa forma  
e por não teres poupado o teu filho, o teu único,  
<sup>17</sup>abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência  
como as estrelas dos céus e como a areia da praia do mar.  
A tua descendência tomará posse da porta dos seus inimigos.

<sup>18</sup>E na tua descendência todas as nações da terra se sentirão abençoadas,  
porque escutaste a minha voz».

<sup>a</sup> Segundo as concepções religiosas de Israel, todos os primogénitos pertencem a Deus e como tal deviam ser-lhe entregues em sacrifício (cf. Ex 22,28-29). Contudo, os primogénitos humanos devem ser resgatados por ofertas alternativas (cf. Ex 13,2.13; 34,20). O sacrifício de Isaac, pedido a Abraão, pode ter também outras bases culturais para além das leis sobre os primogénitos. Esta narrativa etiológica justifica a prática religiosa de dedicar a Deus os primogénitos humanos, resgando-os com o sacrifício de um animal (cf. Lv 20,2-5; 2Rs 3,27; Jr 7,31; 32,35). Também pode haver nesta narrativa uma crítica à prática de sacrifícios humanos por parte de povos vizinhos, prática abominável para Israel.

<sup>b</sup> A narrativa coloca uma forte ênfase na visão. Por duas vezes Abraão levanta os seus olhos (vv. 4 e 13); no total é usado cinco vezes: duas por Abraão (vv. 4 e 13) e três por Deus (vv. 8.14). A estratégia narrativa indica uma progressão nesta experiência de visão. Só depois de demonstrar a sua fidelidade a Deus é que Abraão vê o carneiro. E é esta possibilidade de ver que salva o seu filho. Cf. o ver de Agar em 16,13; 21,19, pois também ele salva Ismael.

<sup>c</sup> A expressão *o Senhor proverá* está construída com o mesmo verbo *ver*, em hebraico *ra'ab*, do qual deriva o nome de *Moriá* (v. 2).

<sup>19</sup>Abraão voltou para junto dos servos; eles levantaram-se e caminharam juntos para Bercheba; e Abraão permaneceu em Bercheba.

<sup>20</sup>E aconteceu que, depois destes factos, disseram a Abraão: «Eis que Milca gerou, também ela, filhos a Naor, teu irmão: <sup>21</sup>Uce, o seu primogénito, Buz, seu irmão, e Quemuel, pai de Aram; <sup>22</sup>Quéssed, Hazô, Pildás, Jidlaf e Betuel». <sup>23</sup>Betuel gerou Rebeca. São esses os oito filhos que Milca deu a Naor, irmão de Abraão. <sup>24</sup>A sua concubina, chamada Reúma, também ela deu à luz Teba, Gaam, Taás e Maacá<sup>d</sup>.

## 23 Morte e sepultura de Sara

<sup>1</sup>Sara viveu cento e vinte e sete anos. Foi esta a duração da vida de Sara. <sup>2</sup>E morreu em Quiriát-Arbá, isto é, em Hebron, na terra de Canaã. Abraão veio para lamentar Sara e para a chorar. <sup>3</sup>Retirando-se da presença da sua falecida, Abraão falou aos hititas<sup>e</sup> e disse: <sup>4</sup>«Eu sou um estrangeiro e residente entre vós; concedei-me uma propriedade de sepultura entre vós, para que eu possa tirar a minha falecida de junto de mim e dar-lhe sepultura». <sup>5</sup>Os hititas responderam a Abraão, dizendo-lhe: <sup>6</sup>«Escuta-nos, meu senhor! Tu és um príncipe de Deus entre nós. Sepulta a tua falecida no melhor dos nossos sepulcros. Nenhum de nós poderá recusar-te o seu sepulcro, para nele depositares a tua falecida». <sup>7</sup>Abraão levantou-se e prostrou-se perante o povo daquela terra, os hititas. <sup>8</sup>E falou-lhes, dizendo: «Se é da vossa vontade que eu tire de junto de mim a minha falecida e lhe dê sepultura, escuta-me e intercedei por mim junto de Efron, filho de Soar, <sup>9</sup>para que ele me ceda, pelo valor justo em prata, a gruta de Macpela, que lhe pertence e está situada no extremo da sua propriedade; e que ele me dê a posse do sepulcro no meio de vós»<sup>f</sup>.

<sup>10</sup>Efron estava sentado entre os hititas. Então, Efron, o hitita, respondeu a Abraão, na presença dos hititas, de todos aqueles que entravam pela porta da sua cidade: <sup>11</sup>«Não, meu senhor! Ouve-me. Eu dou-te a terra e dou-te a gruta que nela existe. Ofereço-tas na presença dos filhos do meu povo; enterra a tua falecida». <sup>12</sup>Abraão prostrou-se diante do povo da terra. <sup>13</sup>E dirigindo-se a Efron, na presença de todo o povo da terra, disse-lhe: «Peço-te que me escutes. Dar-te-ei o preço do campo, aceita-o de mim e, então, sepultarei a minha falecida ali». <sup>14</sup>Efron respondeu a Abraão,

<sup>d</sup> Tal como Jacob, Naor tem doze filhos; os seus nomes serão mais tarde associados a certas tribos e lugares (cf. Jb 1, 1; 32, 2). A inserção desta genealogia antecipa o papel de Rebeca (neta de Naor), que será brevemente introduzida em 24, 15. 24, deixando claro que a mulher de Isaac vem do mesmo círculo familiar.

<sup>e</sup> Lit.: *...os filhos de Het*. Trata-se de populações referidas na Bíblia como pré-israelitas e que em Gn 10, 15 aparecem como descendentes de Het, segundo filho de Canaã, e são referenciados com alguma frequência na Bíblia. Assim, Esaú casa com duas mulheres hititas (26, 34) e Rebeca expressa a sua preocupação que o mesmo aconteça a Jacob (27, 46). Trata-se provavelmente de reminiscências históricas de populações dispersas do antigo império dos hititas que, depois da destruição do mesmo pelos povos do mar no séc. XII a.C., se dispersaram para as regiões da Síria-Palestina e ali constituíram vários pequenos reinos neo-hititas. Aqui o narrador chama-lhes o *povo da terra*.

<sup>f</sup> Este local será um lugar de sepulcro não só para Sara como também para Abraão (cf. 25, 9), para Isaac e Rebeca, Jacob e Lia (cf. 49, 29-33; 50, 13). Situado em Hebron, é conhecido como a gruta dos patriarcas.

dizendo-lhe: <sup>15</sup>«Ouve-me, meu senhor! Um terreno de quatrocentos siclos de prata, que é isso entre mim e ti? Sepulta, portanto, a tua falecida». <sup>16</sup>Abraão escutou a proposta de Efron e pesou-lhe o valor em prata que ele referiu na presença dos hititas, quatrocentos siclos em prata corrente de mercador. <sup>17</sup>E assim o campo de Efron, situado em Macpela, em frente de Mambré, o campo com a gruta nele existente e todas as árvores que cresciam em redor, dentro dos limites deste campo, <sup>18</sup>passou para a posse de Abraão, diante dos hititas, de toda a gente que entrava pela porta da sua cidade. <sup>19</sup>Depois disto, Abraão enterrou Sara, sua mulher, na gruta do campo de Macpela, em frente de Mambré, isto é, em Hebron, na terra de Canaã. <sup>20</sup>O campo com a gruta nele situada passou dos hititas para Abraão, como propriedade tumular.

### Ciclo de Isaac (24,1-27,46)

## 24 Casamento de Isaac e Rebeca (28,1-10; 29,1-20)

<sup>1</sup>Abraão estava velho e avançado em idade; e o SENHOR tinha abençoado Abraão em tudo. <sup>2</sup>Então, Abraão disse ao servo mais velho da sua casa, aquele que governava em tudo o que era seu: «Coloca a tua mão debaixo da minha coxa<sup>a</sup>. <sup>3</sup>Quero fazer-te jurar pelo SENHOR, Deus dos céus e Deus da terra, que não escolherás para o meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais eu habito. Mas irás à minha terra, à minha terra natal, e ali tomarás uma mulher para o meu filho, para Isaac». <sup>5</sup>O servo respondeu: «A mulher pode não querer seguir-me para esta terra. Terei de fazer voltar o teu filho para a terra de onde tu saíste?» <sup>6</sup>Abraão disse-lhe: «Livra-te de levar para lá o meu filho! <sup>7</sup>O SENHOR, Deus dos céus, que me tirou da casa do meu pai e da minha terra natal, que me falou e que me jurou, dizendo: ‘Eu darei esta terra à tua descendência!’ Ele há de enviar o seu mensageiro<sup>b</sup> adiante de ti e há de trazer de lá uma mulher para o meu filho. <sup>8</sup>Porém, se ela não quiser seguir-te, ficarás desligado deste juramento que me fazes. Mas de modo algum farás voltar o meu filho para lá». <sup>9</sup>O servo colocou a mão debaixo da coxa de Abraão, seu amo, e fez-lhe o juramento, segundo o que fora falado. <sup>10</sup>O servo preparou dez camelos, dos camelos do seu amo, e pôs-se a caminho, levando consigo tudo o que havia de melhor na casa do seu amo. Levantou-se e foi para Aram-Naaraim, para a cidade de Naor. <sup>11</sup>Fez ajoelhar os camelos para descansarem, fora da cidade, junto de um poço de água; era ao entardecer, na altura em que saíam as mulheres que iam buscar água. <sup>12</sup>Então ele disse: «SENHOR, Deus do meu amo, Abraão, faz com que eu tenha hoje um bom encontro. Trata com benevolência o meu amo, Abraão. <sup>13</sup>Eu vou colocar-me junto da fonte de água; e as filhas dos homens da cidade vão sair para buscar água.

<sup>a</sup> Colocar a *mão debaixo da coxa* é uma expressão eufemística que representa um gesto simbólico de juramento, cuja importância advinha do facto de tocar ao mesmo tempo os órgãos sexuais, isto é, as próprias fontes da vida da pessoa a quem se fazia o juramento (cf. 47,29).

<sup>b</sup> Cf. 32,1; Ex 23,20; 32,34.

<sup>14</sup>Que a jovem a quem eu disser: ‘Inclina, por favor, o teu cântaro, para eu beber’ e me responder: ‘Bebe e darei também de beber aos teus camelos’, que seja essa a que Tu destinaste para o teu servo, Isaac. E assim ficarei a saber que trataste com benevolência o meu amo».

### Rebeca na fonte

<sup>15</sup>E aconteceu que, ainda ele não tinha terminado de falar, surgiu Rebeca, filha de Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão, trazendo o seu cântaro ao ombro. <sup>16</sup>A jovem era de muito belo aspeto e virgem, nenhum homem a tinha conhecido. Ela desceu à fonte, encheu o seu cântaro e subiu. <sup>17</sup>O servo correu ao encontro dela e disse-lhe: «Deixa-me, por favor, beber um pouco de água do teu cântaro». Ela respondeu: <sup>18</sup>«Bebe, meu senhor». E logo desceu o cântaro para a mão e deu-lhe de beber. <sup>19</sup>E depois de lhe ter dado de beber, ela disse: «Vou também buscar água para os teus camelos, até que tenham terminado de beber». <sup>20</sup>Apres-sou-se então a despejar o cântaro no bebedouro e correu de novo ao poço para tirar água e tirou água para todos os seus camelos. <sup>21</sup>O homem observava-a em silêncio, para saber se o SENHOR teria ou não concedido sucesso à sua viagem<sup>d</sup>. <sup>22</sup>E aconteceu que, quando os camelos acabaram de beber, o homem tomou um anel de ouro com meio siclo de peso e duas pulseiras com o peso de dez siclos de ouro para ela <sup>23</sup>e perguntou-lhe: «De quem és filha? Diz-me, por favor, se há em casa do teu pai um lugar para nós passarmos a noite?» <sup>24</sup>Ela disse-lhe: «Sou filha de Betuel, o filho que Milca deu a Naor». <sup>25</sup>E disse ainda: «Temos muita palha, muito feno connosco e também lugar para pernoitar».

<sup>26</sup>Então o homem inclinou-se e, prostrando-se diante do SENHOR, <sup>27</sup>exclamou: «Bendito seja o SENHOR, Deus do meu amo, Abraão, que não deixou de tratar com a sua benevolência e a sua fidelidade o meu amo e me conduziu no caminho para a casa dos parentes do meu amo». <sup>28</sup>A jovem correu e foi contar em casa da sua mãe o que tinha acontecido. <sup>29</sup>Rebeca tinha um irmão chamado Labão. Labão correu ao encontro do homem, que estava fora, junto da fonte. <sup>30</sup>E aconteceu que, quando ele viu o anel e as pulseiras nas mãos da irmã e ouviu Rebeca dizer: «Assim me falou o homem», foi ter com o homem e ele estava ao lado dos camelos, junto à fonte. <sup>31</sup>E disse-lhe: «Vem, bendito do SENHOR! Por que permaneces aqui fora? Eu já arranjei a casa e um lugar para os camelos». <sup>32</sup>Depois fez o homem entrar em casa, desaparelhóu os camelos, deu palha e feno aos camelos e água para lavar os pés ao homem e àqueles que o acompanhavam. <sup>33</sup>Depois, serviram-lhe de comer. Ele, porém, disse: «Não comerei nada antes de dizer o que tenho a dizer». Labão disse: «Fala». <sup>34</sup>Ele

<sup>c</sup> Esta hospitalidade de Rebeca lembra a de Abraão em 18,2-8.

<sup>d</sup> Este tempo de observação, sugere um período de reflexão que o servo necessita para discernir se Rebeca é ou não a mulher adequada para Isaac; um tempo prévio através do qual Deus transmitiu uma certeza interior em relação à sua decisão. Quando esta certeza se tornou evidente, o servo deu graças a Deus imediatamente pela sua bondade, fidelidade e presença (v. 18; cf. Ex 18,10). Posteriormente, depois da resposta de Labão e Betuel, o servo de Abraão voltou a prostrar-se diante de Deus (v. 52)

disse: «Sou servo de Abraão. <sup>35</sup>O SENHOR abençoou imensamente o meu amo e ele tornou-se grande. Deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos e servas, camelos e jumentos. <sup>36</sup>E Sara, mulher do meu amo, apesar da sua velhice, deu-lhe um filho, ao qual ele entregou todos os seus bens. <sup>37</sup>Então, o meu amo fez-me jurar, dizendo: ‘Não deves tomar para o meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, na terra dos quais eu habito. <sup>38</sup>Vai, antes, à casa do meu pai e à minha família e ali tomarás uma mulher para o meu filho. <sup>39</sup>Eu disse ao meu amo: ‘A mulher pode não querer seguir-me.’ <sup>40</sup>Ele respondeu-me: ‘O SENHOR, na presença de quem tenho sempre caminhado, enviará o seu mensageiro contigo, para que a tua viagem seja bem-sucedida. E tomarás para o meu filho uma mulher da minha família e da casa do meu pai. <sup>41</sup>Só ficarás desligado da minha maldição de juramento quando chegares junto da minha família. Se eles não ta derem, ficas igualmente desligado da minha maldição’. <sup>42</sup>Mas, ao chegar hoje à fonte, eu disse: ‘SENHOR, Deus do meu amo, Abraão, mostra que estás disposto a fazer com que seja bem-sucedido este caminho que estou a percorrer. <sup>43</sup>Eu vou colocar-me junto da fonte de água. Que a jovem que sair para vir buscar água e a quem eu disser ‘Por favor, deixa-me beber um pouco da água do teu cântaro’ <sup>44</sup>e me responder ‘Bebe e vou também buscar água para os camelos’, que essa seja a mulher que o SENHOR destinou ao filho do meu amo’. <sup>45</sup>Ainda eu não tinha acabado de dizer isto comigo mesmo, quando Rebeca saiu com o cântaro ao ombro e desceu à fonte para buscar água. E eu disse-lhe: ‘Dá-me de beber, por favor’. <sup>46</sup>Ela apressou-se a descer o cântaro do seu ombro e disse-me: ‘Bebe, e também darei de beber aos teus camelos’. Eu bebi e ela deu de beber também aos camelos. <sup>47</sup>Depois interroguei-a e perguntei-lhe de quem era filha. E ela respondeu-me: ‘Sou filha de Betuel, o filho de Naor, aquele Milca lhe deu à luz’. Então, coloquei-lhe o anel no nariz e as pulseiras nas mãos. <sup>48</sup>Depois, ajoelhei-me, prostrei-me diante do SENHOR; e louvei o SENHOR, o Deus do meu amo, Abraão, que me conduziu pelo caminho certo para ir buscar a filha do irmão do meu amo para o seu filho. <sup>49</sup>Agora, se estais dispostos a tratar com benevolência e fidelidade o meu amo, dizei-me; caso contrário, dizei-me também e eu dirigir-me-ei para a direita ou para a esquerda». <sup>50</sup>Respondendo, Labão e Betuel disseram: «É do SENHOR que tudo isto vem. Nós não podemos dizer-te nem mal nem bem. <sup>51</sup>Aqui está Rebeca diante de ti; toma-a e vai. E que ela seja a mulher do filho do teu amo, como o SENHOR disse». <sup>52</sup>E logo que o servo de Abraão ouviu tais palavras prostrou-se por terra diante do SENHOR. <sup>53</sup>Mandou buscar os objetos de prata, os objetos de ouro e vestuário e ofereceu-os a Rebeca; e deu também ricos presentes ao seu irmão e à sua mãe. <sup>54</sup>Depois comeram e beberam, ele e os seus companheiros, e passaram ali a noite. Quando se levantaram de manhã, ele disse: «Deixai-me ir ter com o meu amo». <sup>55</sup>O seu irmão e a sua mãe responderam: «Que a jovem fique connosco mais uns dias, uns dez dias, e depois partirá»<sup>a</sup>. <sup>56</sup>Ele replicou: «Não me façais demorar e, como o SENHOR fez

<sup>a</sup> Este desejo de demorar a partida corresponde a um costume conhecido na época (cf. Tb 7,15).

com que a minha viagem fosse bem-sucedida, deixai-me partir e eu irei ter com o meu amo». <sup>57</sup>Então eles disseram: «Chamemos a jovem e perguntemos-lhe o que ela diz». <sup>58</sup>Chamaram Rebeca e disseram-lhe: «Queres ir com este homem?» Ela respondeu: «Vou». <sup>59</sup>Deixaram então partir a sua irmã Rebeca e a sua ama com o servo de Abraão e os seus homens. <sup>60</sup>E abençoaram Rebeca dizendo-lhe:

«Tu és nossa irmã!  
Que sejas milhares de miríades!  
E que a tua descendência tome posse  
da porta das cidades dos seus inimigos!»

<sup>61</sup>Rebeca e as suas servas levantaram-se, subiram para os camelos e seguiram o homem. E o servo tomou consigo Rebeca e pôs-se a caminho.

### Encontro com Isaac

<sup>62</sup>Isaac regressava da entrada do poço de Lahai-Roí; ele habitava então na terra do Négueb. <sup>63</sup>Nessa tarde em que saíra a dar uma volta pelos campos, ergueu os seus olhos e viu camelos a aproximarem-se. <sup>64</sup>Também Rebeca, erguendo os seus olhos, viu Isaac e desceu do camelo. <sup>65</sup>Ela disse ao servo: «Quem é este homem que vem ao nosso encontro, pelo campo?» O servo respondeu: «É o meu amo». Ela agarrou no véu e cobriu-se. <sup>66</sup>O servo narrou a Isaac tudo quanto fizera. <sup>67</sup>Depois, Isaac conduziu Rebeca para a tenda de Sara, sua mãe, e tomou Rebeca e ela tornou-se sua esposa. Isaac amou-a e desta maneira ficou confortado da morte da sua mãe.

## 25 Os filhos de Quetura (1 Cr 1,32-33)<sup>b</sup>

<sup>1</sup>Abraão voltou a tomar uma mulher, com o nome de Quetura. <sup>2</sup>Esta deu-lhe à luz: Zimeran, Jocsan, Medan, Madian, Jisbac e Chua. <sup>3</sup>Jocsan gerou Sabá e Dedan. Os filhos de Dedan foram os achuritas, os letuchitas e os leumitas. <sup>4</sup>Os filhos de Madian foram Efé, Éfer, Henoc, Abidá e Eldaá. Todos estes foram os filhos de Quetura. <sup>5</sup>Abraão entregou todos os seus bens a Isaac. <sup>6</sup>Quanto aos filhos das concubinas de Abraão, Abraão deu-lhes presentes e, ainda em vida, afastou-os de Isaac, seu filho, para oriente, para a terra de Quédem.

### Morte de Abraão

<sup>7</sup>Estes foram os dias e anos de vida de Abraão, que viveu cento e setenta e cinco anos. <sup>8</sup>E Abraão expirou, morrendo numa velhice feliz; em idade avançada e repleto de dias, foi juntar-se aos seus antepassados<sup>c</sup>. <sup>9</sup>Isaac e Ismael, seus filhos, foram sepultá-lo à gruta de Macpela, situada no campo de Efron, filho de Soar, o hitita,

<sup>b</sup> O ciclo de Abraão termina como iniciara, com uma genealogia. Ela estabelece um laço com 22,20-24. Este modelo ocorre também com Isaac; depois da sua morte e sepultura (35,29), surge um interlúdio com a genealogia de Esaú (36,1-42); como paralelos secundários podem igualmente ser referidos 25,19 e 37,2 ou ainda 25,11 e 37,1.

<sup>c</sup> O narrador descreve a morte como um processo natural que emerge no final de uma vida boa e cheia (cf. 15,15; 47,9). Sobre a expressão *juntar-se aos seus antepassados*, cf. 35,29; 49,33.

que fica em frente de Mambré, <sup>10</sup>o campo que Abraão tinha adquirido aos hititas. Ali foi sepultado Abraão junto de Sara, sua mulher. <sup>11</sup>E aconteceu que, após a morte de Abraão, Deus abençoou Isaac, seu filho. Isaac habitava junto do poço de Lahai-Roí.

### Descendência de Ismael (1Cr 1,28-31)

<sup>12</sup>Estes são os descendentes de Ismael, o filho de Abraão que a egípcia, Agar, escrava de Sara, deu à luz para Abraão. <sup>13</sup>Estes são os nomes dos filhos de Ismael, por ordem de nascimento: Nebaiot, primogênito de Ismael, Quedar, Adbiel e Mibsam; <sup>14</sup>Michemá, Dumá e Massá; <sup>15</sup>Hadad, Tema, Jetur, Nafis e Quedma. <sup>16</sup>São estes os filhos de Ismael e estes são os seus nomes, segundo as suas aldeias e acampamentos: doze chefes das suas tribos. <sup>17</sup>Estes são os anos de vida de Ismael: cento e trinta e sete anos. Depois expirou e, morrendo, foi juntar-se aos seus antepassados. <sup>18</sup>Os seus filhos habitaram desde Havilá até Chur, que está na fronteira do Egito, em direção de Achur. Ele tinha-se estabelecido em frente de todos os seus irmãos.

### Esau e Jacob

<sup>19</sup>Esta é a genealogia de Isaac, filho de Abraão. <sup>20</sup>Abraão gerou Isaac. Isaac tinha quarenta anos, quando tomou para si como mulher Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padan-Aram, irmã de Labão, o arameu<sup>a</sup>. <sup>21</sup>Isaac intercedeu junto do SENHOR a favor da sua mulher, porque ela era estéril<sup>b</sup>. O SENHOR ouviu-o e Rebeca, sua mulher, concebeu. <sup>22</sup>As crianças lutavam dentro dela e ela disse: «Se isto é assim, o que vai ser de mim?» Foi então consultar o SENHOR<sup>c</sup>. <sup>23</sup>E o SENHOR respondeu-lhe: «Dois povos estão no teu seio, e duas nações desde as tuas entranhas se contrapõem; uma nação será mais forte que a outra, e o mais velho servirá o mais novo.»

<sup>24</sup>Quando se completaram os dias de dar à luz, estavam os dois gémeos no seu seio. <sup>25</sup>O primeiro que nasceu era avermelhado<sup>d</sup>, todo coberto de pelos como se fosse um manto. Por isso deu-lhe o nome de Esau. <sup>26</sup>Depois saiu o seu irmão, segurando com

<sup>a</sup> Isaac e Rebeca, à semelhança de Abraão e Sara, são identificados com bastante precisão (cf. 11,27-32).

<sup>b</sup> Tal como Sara, também Rebeca é estéril (cf. 30,1-2), embora neste caso a esterilidade não desempenhe o mesmo papel determinante como acontece na situação de Sara.

<sup>c</sup> A oração de Rebeca é posterior à de Isaac, permitindo estabelecer uma diferença na resposta de Deus: na primeira Deus permite a concepção; na segunda Deus responde com um oráculo, explicando-lhe a razão da sua difícil gravidez e interpretando-a como um sinal da difícil relação futura entre os dois irmãos (cf. 25,28; 27,5-15.42-46; 28,7). Este oráculo, conforme à bênção que Isaac dará a cada um dos seus filhos (27,29.40; 49,8) reflete o conflito posterior entre os dois povos, Israel e Edom (cf. 2Sm 8,13-14).

<sup>d</sup> Cf. 1Sm 16,12. O termo hebraico *'admoni* (avermelhado) faz um jogo com o nome Edom (cf. 25,30; 36,1) e o de *se'ar* (cabelo) com a região onde viviam os edomitas (cf. 27,23).

a mão o calcanhar de Esaú. E deu-lhe o nome de Jacob<sup>e</sup>. Isaac tinha sessenta anos quando eles nasceram<sup>f</sup>.

### **Esaú e o direito de primogenitura**

<sup>27</sup>As crianças cresceram. Esaú fez-se um hábil caçador, um homem do campo, enquanto Jacob era um homem tranquilo, que gostava de estar nas tendas. <sup>28</sup>Isaac amava mais Esaú, porque gostava de caça, enquanto Rebeca amava mais Jacob.

<sup>29</sup>Estando Jacob a preparar um guisado, Esaú regressou do campo e estava cansado. <sup>30</sup>Esaú disse a Jacob: «Por favor, deixa-me comer dessa comida vermelha, pois estou cansado». Por isso, puseram-lhe o nome de Edom. <sup>31</sup>Jacob disse-lhe: «Vende-me agora mesmo o teu direito de primogenitura». <sup>32</sup>Esaú retorquiu: «Eu estou aqui a morrer de fome. Que me importa a mim isso da primogenitura?» <sup>33</sup>Jacob disse-lhe: «Jura-me agora mesmo!» Ele jurou e vendeu a Jacob o seu direito de primogenitura<sup>g</sup>. <sup>34</sup>Então Jacob deu-lhe pão e o guisado de lentilhas. Esaú comeu e bebeu; depois ergueu-se e partiu. Foi assim que Esaú menosprezou o direito de primogenitura<sup>h</sup>.

## **26 Isaac em Guerar**

Sobreveio uma fome naquela terra, depois da primeira fome que aconteceu nos dias de Abraão. Isaac foi para Guerar, para junto de Abimélec, rei dos filisteus.

<sup>2</sup>O SENHOR apareceu-lhe e disse<sup>i</sup>:

«Não desças ao Egito,  
fica na terra que Eu te indicar.

<sup>3</sup>Habita nessa terra como estrangeiro;  
Eu estarei contigo e abençoar-te-ei,  
pois é a ti e à tua descendência  
que Eu darei todas estas terras  
e cumprirei o juramento que fiz a Abraão, teu pai.

<sup>4</sup>Multiplicarei a tua descendência

<sup>e</sup> O nome de Jacob pode ter origem no nome hebraico *‘aqeb*, o calcanhar; mas também parece poder associar-se à sua luta no ventre para nascer; uma luta que Esaú vence. Cf. 27,36.

<sup>f</sup> Ambos, Abraão e Isaac, tornam-se pais numa idade avançada, cerca dos 60. Porém, existe um detalhe importante em relação a Isaac, é que, ao contrário de Abraão ele toma a iniciativa de implorar a Deus por Rebeca.

<sup>g</sup> O direito de primogenitura, que conferia direitos e privilégios ao filho mais velho, estabelecia uma posição de liderança no âmbito familiar e a possibilidade de reclamar uma dupla partilha da herança (cf. 25,5; Dt 21,15-17).

<sup>h</sup> As ressonâncias etiológicas que se percebem neste texto exprimem a proximidade histórica, geográfica e étnica entre dois povos, o dos descendentes de Jacob e o dos descendentes de Esaú. Os seus antepassados são apresentados como irmãos gémeos. No entanto, os descendentes de Jacob aparecem a prevalecer sobre os de Esaú, situação que representa a relação entre ambos durante a maior parte da história relatada na Bíblia. O relato demonstra ainda que os edomitas que representam a linhagem de Esaú são vistos como um povo tão antigo como os descendentes de Jacob ou Israel.

<sup>i</sup> Deus aparece a Isaac duas vezes (vv. 2 e 24) e, em ambos os casos, estende a Isaac as promessas feitas previamente a Abraão.

como as estrelas dos céus.

Darei todas estas terras à tua descendência;  
e por meio da tua descendência  
serão abençoados todos os povos da terra.

<sup>5</sup>Pois Abraão escutou a minha voz  
e cumpriu as minhas normas e os meus mandamentos,  
os meus preceitos e as minhas instruções».

<sup>6</sup>Isaac habitou em Guerar; <sup>7</sup>e quando os homens daquele lugar lhe perguntaram acerca da sua mulher, ele disse «É minha irmã!», pois temia que, se dissesse «minha mulher», os homens daquele lugar o poderiam matar por causa de Rebeca, porque ela era de belo aspeto<sup>a</sup>. <sup>8</sup>Aconteceu que, depois de ali ter estado muito tempo, Abimélec, rei dos filisteus, olhando através da janela, viu que Isaac estava a acariciar<sup>b</sup> Rebeca, sua mulher. <sup>9</sup>Abimélec chamou Isaac e disse-lhe: «Com certeza, ela é tua mulher! Por que disseste então “é minha irmã”?» Isaac disse-lhe: «Eu disse isso, porque não queria ser morto por causa dela». <sup>10</sup>Abimélec retorquiu: «Que é que nos fizeste? Podia acontecer que alguém do povo se tivesse deitado com a tua mulher; e terias feito recair a culpa sobre nós». <sup>11</sup>Então, Abimélec mandou avisar todo o povo, dizendo: «Quem tocar neste homem ou na sua mulher será morto».

### Conflitos com os filisteus

<sup>12</sup>Isaac fez a sua sementeira naquela terra e, no mesmo ano, recolheu cem vezes mais, pois foi abençoado pelo SENHOR. <sup>13</sup>E este homem cresceu e prosperou mais e mais, até se tornar muito importante. <sup>14</sup>Possuía rebanhos de gado miúdo e de gado graúdo e numerosos servos. E os filisteus invejavam-no por isso.

<sup>15</sup>Todos os poços que tinham sido abertos pelos servos do seu pai, quando Abraão, seu pai, ainda vivia, foram obstruídos pelos filisteus, enchendo-os de terra. <sup>16</sup>E Abimélec disse a Isaac: «Vai-te embora do meio de nós, pois tornaste-te muito mais poderoso do que nós». <sup>17</sup>Isaac partiu dali, acampou no vale de Guerar e ali habitou. <sup>18</sup>Isaac abriu novamente os poços de água que tinham sido abertos no tempo de Abraão, seu pai, e que os filisteus obstruíram após a morte de Abraão, dando-lhes o mesmo nome que o seu pai lhes tinha dado. <sup>19</sup>Procurando abrir poços no vale, os servos de Isaac descobriram um poço de água viva. <sup>20</sup>Mas os pastores de Guerar entraram em conflito com os pastores de Isaac e disseram: «Esta água pertence-nos». Então ele chamou a esse poço Isaac «Poço da Discussão», por terem discutido com ele. <sup>21</sup>Abriam outro poço e surgiu nova discussão por causa dele. Por isso, chamou-lhe «Poço da Reclamação». <sup>22</sup>Então afastou-se dali e, mais adiante, abriu outro poço, a respeito do qual não houve discussões, e deu-lhe o nome de «Largueza», pois disse: «Agora o SENHOR deu-nos largueza e havemos de prosperar

<sup>a</sup> Cf. 12,10-20; 20,1-18.

<sup>b</sup> O verbo utilizado no hebraico traduzido como *acariciar* (*sabaq*) coincide com o próprio nome de Isaac que contém a ideia de *rir*, *sorrir* ou *brincar*.

nesta terra». <sup>23</sup>Depois, Isaac subiu dali para Bercheba. <sup>24</sup>O SENHOR apareceu-lhe naquela noite e disse<sup>c</sup>:

«Eu sou o Deus de Abraão, teu pai.  
Nada temas, porque Eu estou contigo.  
Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência,  
por causa de Abraão, meu servo».

<sup>25</sup>Isaac construiu um altar naquele sítio e invocou o nome do SENHOR; depois, levantou ali a sua tenda e os servos de Isaac escavaram ali um poço.

### Aliança com Abimélec

<sup>26</sup>Partindo de Guerar, Abimélec foi ter com Isaac em companhia de Auzat, seu amigo, e de Picol, chefe do seu exército. <sup>27</sup>Isaac disse-lhes: «Por que razão viestes até junto de mim, vós que me odiais e me mandastes embora do vosso meio?» <sup>28</sup>Eles responderam: «Verificámos que o SENHOR está contigo e dissemos que devia haver um juramento<sup>d</sup> entre nós, entre ti e nós. Queremos, portanto, fazer uma aliança contigo. <sup>29</sup>Jura que não nos farás mal algum, assim como nós nunca te maltratámos e só te fizemos bem, deixando-te partir em paz. Tu, agora, és o abençoado do SENHOR». <sup>30</sup>Isaac ofereceu-lhes um banquete e eles comeram e beberam. <sup>31</sup>De manhã cedo levantaram-se e fizeram um juramento um ao outro. Depois, Isaac despediu-se deles; e eles afastaram-se em paz da sua presença. <sup>32</sup>Nesse mesmo dia, aconteceu que os servos de Isaac foram dar-lhe notícias acerca do poço que estavam a abrir e disseram-lhe: «Encontrámos água». <sup>33</sup>Ele deu a esse poço o nome de Cheba. Por isso, a cidade chama-se Bercheba, até ao dia de hoje.

<sup>34</sup>Quando tinha quarenta anos de idade, Esaú tomou por mulheres Judite, filha de Beeri, o hitita, e Basemat, filha de Elon, o hitita. <sup>35</sup>Ambas se tornaram motivo de amargura de espírito para Isaac e para Rebeca.

## 27 Isaac abençoa Jacob

<sup>1</sup>Aconteceu que Isaac envelheceu e os seus olhos enfraqueceram tanto que já não via. Chamou Esaú, seu filho mais velho, e disse-lhe: «Meu filho!» Ele respondeu-lhe: «Aqui estou!» <sup>2</sup>Isaac disse: «Como vês, estou velho e não conheço qual será o dia da minha morte». <sup>3</sup>Por isso, peço-te que tomes as tuas armas, a aljava e o arco, e saias para o campo. Apanha-me uma peça de caça. <sup>4</sup>Faz-me um prato saboroso como eu gosto e traz-mo para que eu o coma e a minha alma te abençoe, antes de morrer». <sup>5</sup>Rebeca estava à escuta enquanto Isaac falava com Esaú, seu filho. E Esaú foi para o campo para apanhar a caça e trazê-la. <sup>6</sup>Rebeca falou a Jacob, seu

<sup>c</sup> O narrador descreve um quadro típico de teofania, com autoidentificação, reação de temor e palavra de Deus. Deus aparece aqui identificado pela primeira vez no Génesis como o Deus do pai.

<sup>d</sup> O texto hebraico diz literalmente, *uma maldição, imprecação*, pois a maldição era um elemento que fazia parte integrante da fórmula de juramento.

<sup>e</sup> Não obstante se sublinhe a idade avançada e se aluda à eventualidade da morte, Isaac só morrerá muito mais tarde (35,29).

filho, dizendo: «Ouvi o teu pai falar com Esaú, teu irmão, dizendo: <sup>7</sup>“Traz-me uma peça de caça e faz-me um prato saboroso, para que eu coma e te abençoe diante do SENHOR, antes da minha morte”. <sup>8</sup>E agora, meu filho, escuta a minha voz e o que te vou ordenar. <sup>9</sup>Vai ao rebanho e traz-me de lá dois cabritos gordos. Eu farei com eles um prato saboroso para o teu pai, como ele gosta. <sup>10</sup>Tu o levarás ao teu pai para ele comer, a fim de te abençoar, antes da sua morte». <sup>11</sup>Jacob disse à sua mãe, Rebeca: «Mas Esaú, meu irmão, é um homem peludo, e eu sou um homem de pele lisa. <sup>12</sup>Talvez o meu pai me queira tocar, então passarei por mentiroso a seus olhos e atrairei sobre mim uma maldição e não uma bênção». <sup>13</sup>A mãe disse-lhe: «Que a tua maldição recaia sobre mim, meu filho. Mas ouve o que te digo e vai-mo buscar».

<sup>14</sup>Jacob foi, agarrou os cabritos e levou à sua mãe e ela fez um prato saboroso, como o seu pai gostava. <sup>15</sup>E Rebeca pegou nas mais apreciadas roupas de Esaú, seu filho mais velho, daquelas que ela tinha com ela em casa, e vestiu-as a Jacob, o seu filho mais novo. <sup>16</sup>Depois cobriu-lhe com a pele dos cabritos as mãos e a parte do pescoço, que não tinham pelos; <sup>17</sup>e colocou o prato saboroso e o pão, que preparara nas mãos do seu filho Jacob.

<sup>18</sup>Então Jacob foi ter com o pai e disse: «Meu pai!» Isaac respondeu: «Estou aqui. Quem és tu, meu filho?» <sup>19</sup>Jacob respondeu ao seu pai: «Sou Esaú, o teu primogénito; fiz conforme me pediste. Peça-te, pois, que te levantes, te sentes e comas da minha caça, a fim de que a tua alma me abençoe». <sup>20</sup>Isaac disse então ao seu filho: «Como foste tão rápido a encontrar caça, meu filho?» E Jacob respondeu: «Foi porque o SENHOR, teu Deus, a colocou diante de mim». <sup>21</sup>Isaac disse a Jacob: «Aproxima-te para eu te tocar, meu filho, e ver se és o meu filho Esaú ou não». <sup>22</sup>Jacob aproximou-se de Isaac, seu pai, que lhe tocou e disse: «A voz é a voz de Jacob, mas as mãos são as mãos de Esaú». <sup>23</sup>E não o reconheceu, porque as suas mãos eram peludas como as do seu irmão, Esaú; e abençoou-o. <sup>24</sup>E disse ainda: «Tu és mesmo o meu filho Esaú?» Jacob respondeu: «Sou!» <sup>25</sup>Isaac disse: «Serve-me, para que eu coma da caça do meu filho e a minha alma te abençoe». Jacob serviu-o e ele comeu; levou-lhe também vinho e ele bebeu. <sup>26</sup>Então, Isaac, seu pai, disse-lhe: «Aproxima-te, meu filho, e dá-me um beijo». <sup>27</sup>Jacob aproximou-se e deu-lhe um beijo. Ao sentir a fragrância das suas roupas, Isaac abençoou-o, dizendo:

«Eis que o odor do meu filho  
é como o odor de um campo  
abençoado pelo SENHOR.

<sup>28</sup>Que Deus te conceda tomar parte  
no orvalho dos céus  
e na fertilidade da terra,  
com trigo e mosto em abundância!

<sup>29</sup>Que os povos te sirvam  
e as tribos se prostrem na tua presença!  
Sê o chefe dos teus irmãos!

Que os filhos da tua mãe se curvem diante de ti!  
Seja maldito quem te amaldiçoar  
e seja abençoado quem te abençoar»<sup>a</sup>.

### Esau pede outra bênção

<sup>30</sup>Aconteceu que, mal Isaac acabara de abençoar Jacob e Jacob se tinha retirado da presença de Isaac, seu pai, chegou da caça o seu irmão, Esau. <sup>31</sup>Preparou também ele um prato saboroso e levou-o ao pai e disse-lhe: «Que o meu pai se levante e coma da caça do seu filho, a fim de que a tua alma me abençoe». <sup>32</sup>Mas o seu pai, Isaac, perguntou-lhe: «Quem és tu?» E ele respondeu: «Sou o teu filho, o teu primogénito, Esau».

<sup>33</sup>Isaac sofreu forte comoção e disse: «Quem foi então aquele que apanhou caça e ma trouxe? Eu comi de tudo antes de tu chegares. Abençoei-o e, portanto, está abençoado». <sup>34</sup>Ao ouvir as palavras do seu pai, Esau começou a gritar fortemente e com grande amargura e disse-lhe: «Abençoa-me também a mim, meu pai!» <sup>35</sup>Isaac disse: «O teu irmão veio com astúcia e tomou a tua bênção». <sup>36</sup>Esau disse: «Com razão lhe deram o nome de Jacob, pois já me apanhou duas vezes. Tomou a minha primogenitura e agora tomou a minha bênção!»<sup>b</sup> E disse: «Não reservaste uma bênção para mim?»

<sup>37</sup>Isaac respondeu e disse a Esau: «Vê! Eu fiz dele o teu chefe, dei-lhe todos os seus irmãos como servos e garanti-lhe trigo e mosto. Que posso eu fazer agora por ti, meu filho?» <sup>38</sup>Esau disse ao seu pai: «Será que tens apenas uma bênção, meu pai? Abençoa-me também a mim, meu pai.» E, erguendo a sua voz, Esau chorou. <sup>39</sup>Então o seu pai, Isaac, respondeu e disse-lhe<sup>c</sup>:

«A tua morada será longe  
da fertilidade da terra  
e do orvalho que cai dos céus.

<sup>40</sup>Viverás da tua espada  
e servirás o teu irmão.  
Mas acontecerá que, quando te rebelares,  
quebrarás o seu jugo  
de cima do teu pescoço»<sup>d</sup>.

<sup>a</sup> A bênção centra-se na fertilidade (v. 28) e no domínio (v. 29; cf. 24,6). É de sublinhar o forte paralelo entre esta bênção de Isaac e as de Jacob a Judá e a José em 49,8-12.22-26.

<sup>b</sup> Existe uma relação entre a narrativa do direito de primogenitura (25,29-34) e esta outra centrada na bênção. Esau, no entanto, distingue-os bem (27,36). A perda de ambas é uma dupla perda.

<sup>c</sup> Isaac reage ao grito de desespero de Esau com uma segunda bênção (vv. 39-40): Esau terá uma terra onde habitar, uma descendência e períodos de liberdade em relação ao seu irmão.

<sup>d</sup> Esta bênção tem carácter etiológico. Parece querer explicar que a bênção dada a Esau não pode contemplar os mesmos bens que foram concedidos a Jacob. Por isso se diz *longe da fertilidade e do orvalho*, que se referem à terra próspera de Israel que foi atribuída a Jacob, ficando para Esau as regiões montanhosas do deserto, a sudeste de Canaã. Viver da espada e servir os irmãos quer significar que

### Jacob escapa à fúria de Esaú (24; 29,1-20)

<sup>41</sup>Esaú ficou com profunda aversão a Jacob, devido à bênção com que o seu pai o abençoara e Esaú disse no seu íntimo: «Estão próximos os dias de luto pelo meu pai; e então matarei meu irmão, Jacob». <sup>42</sup>Rebeca foi informada das palavras de Esaú, o seu filho mais velho. Mandou chamar Jacob, o seu filho mais novo, e disse-lhe: «O teu irmão, Esaú, quer vingar-se de ti, matando-te. <sup>43</sup>Agora, pois, meu filho, escuta o que te digo! Levanta-te e põe-te em fuga para junto de Labão, meu irmão, em Haran. <sup>44</sup>Fica junto dele durante uns tempos, até que passe a fúria do teu irmão, <sup>45</sup>até que a cólera do teu irmão se afaste de ti. Quando ele tiver esquecido o que lhe fizeste, mandar-te-ei buscar dali. Por que razão haveria eu de ser despojada de vós os dois num único dia?»

### Ciclo de Jacob (27,46-36,43)

#### Casamento de Jacob

<sup>46</sup>Rebeca disse a Isaac: «Estou desgostosa da vida por causa das filhas dos hititas. Se Jacob casar com uma mulher hitita como estas, uma das filhas da terra, de que me serve viver?»<sup>a</sup>

**28**<sup>1</sup>Então Isaac chamou Jacob, abençoou-o e deu-lhe esta ordem, dizendo-lhe: «Não tomarás por mulher uma das filhas de Canaã. <sup>2</sup>Ergue-te e vai a Padan-Aram, à casa de Betuel, pai da tua mãe, e escolhe ali uma mulher para ti entre as filhas de Labão, irmão da tua mãe. <sup>3</sup>Que o Deus Todo-Poderoso te abençoe, te torne fecundo e te faça multiplicar, a fim de te tornares uma multidão de povos! <sup>4</sup>Que Ele te conceda, a ti e à tua descendência contigo, a bênção de Abraão, a fim de possuíres a terra na qual resides como estrangeiro e que Deus deu a Abraão». <sup>5</sup>Isaac despediu-se de Jacob, que se dirigiu a Padan-Aram, à casa de Labão, filho de Betuel, o arameu, irmão de Rebeca, mãe de Jacob e de Esaú.

<sup>6</sup>Esaú viu que Isaac tinha abençoado Jacob e que o enviara a Padan-Aram, a fim de ali encontrar uma mulher e que, ao abençoá-lo, lhe tinha ordenado de não tomar uma mulher das filhas de Canaã, <sup>7</sup>e que Jacob, escutando o seu pai e a sua mãe, tinha ido para Padan-Aram. <sup>8</sup>Esaú compreendeu que as filhas de Canaã não agradavam aos olhos do pai. <sup>9</sup>Foi então ter com Ismael e tomou por mulher Maalat, filha de Ismael, filho de Abraão e irmã de Nebaiot, além das mulheres que já tinha.

#### Sonho de Jacob em Betel

<sup>10</sup>Jacob saiu de Bercheba e pôs-se a caminho de Haran. <sup>11</sup>Chegou a determinado lugar e passou ali a noite, porque era já ao pôr do sol. Tomando uma das pedras do

os edomitas, descendentes de Esaú, estiveram ao serviço do povo de Israel/Jacob. Conseguiram em espaços ameaçar a segurança e a soberania de Israel.

<sup>a</sup> Cf. 26,34-35.

lugar, colocou-a debaixo da cabeça e deitou-se naquele lugar. <sup>12</sup>Teve um sonho e viu uma escada assente na terra, cuja extremidade tocava o céu, e por ela subiam e desciam mensageiros de Deus. <sup>13</sup>E no cimo dela estava o SENHOR, que disse: «Eu sou o SENHOR, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac<sup>b</sup>. Esta terra, na qual estás deitado, dar-ta-ei a ti e à tua descendência. <sup>14</sup>A tua descendência será tão numerosa como o pó da terra; estender-te-ás para ocidente, para oriente, para norte e para sul, e em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. <sup>15</sup>E eu estou contigo e hei de proteger-te para onde quer que vás e far-te-ei voltar a esta terra, pois não te abandonarei antes de realizar o que te prometi».

<sup>16</sup>Despertando do seu sono, Jacob disse: «O SENHOR está realmente neste lugar e eu não sabia!» <sup>17</sup>Atemorizado, acrescentou: «Como é espantoso este lugar! Não é senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus». <sup>18</sup>E, levantando-se cedo na manhã seguinte, Jacob agarrou na pedra que tinha colocado debaixo da cabeça, ergueu-a como uma estela e derramou óleo por cima dela<sup>c</sup>. <sup>19</sup>E deu a este lugar o nome de Betel. No entanto, anteriormente, a cidade tinha o nome de Luz<sup>d</sup>. <sup>20</sup>Jacob fez então um voto, dizendo: «Se Deus estiver comigo e me proteger neste caminho que vou percorrer; se me der pão para comer e roupa para vestir; <sup>21</sup>e se eu regressar em paz à casa do meu pai, o SENHOR será o meu Deus. <sup>22</sup>E esta pedra que eu erigi como uma estela será casa de Deus. E pagar-te-ei rigorosamente o dízimo de tudo quanto Tu me deres»<sup>e</sup>.

## 29 Jacob e Labão

<sup>1</sup>Jacob pôs os pés ao caminho e dirigiu-se para as terras dos filhos do Oriente. <sup>2</sup>Viu, então, no campo um poço e três rebanhos de ovelhas deitadas ali junto do poço, pois era daquele poço que davam de beber aos rebanhos. A pedra que tapava a boca do poço era grande. <sup>3</sup>Quando todos os rebanhos se reuniam rodavam a pedra de cima da boca do poço, davam de beber ao gado e tornavam a colocar a pedra no seu lugar, na boca do poço. <sup>4</sup>Jacob perguntou-lhes: «De onde sois, meus irmãos?» Eles responderam: «Nós somos de Haran». <sup>5</sup>Ele disse-lhes: «Conheceis Labão, filho de Naor?» Responderam: «Conhecemos». <sup>6</sup>Ele perguntou-lhes: «Ele está bem?» Eles responderam: «Está! E ali vem a sua filha, Raquel, com o rebanho». <sup>7</sup>Ele disse: «Vede!

<sup>b</sup> O narrador identifica a divindade em termos familiares; sublinha assim a sua relação com Abraão como pai, em vez de com Isaac, destacando desta maneira Abraão como antepassado por excelência. O uso do nome Yahweh clarifica esta continuidade com Abraão (cf. 15,7).

<sup>c</sup> Jacob ergue uma estela com a pedra sobre a qual repousara na noite anterior, tornando-a um símbolo sagrado da sua experiência (cf. 35,14.20). A unção com o óleo consagra esta pedra e diferencia-a de todas as outras (cf. 31,31; Ex 40,19-11).

<sup>d</sup> Luz é um topónimo usado em 35,6. Era o nome antigo para a cidade de Betel e significa *amêndoa* ou *amendoeira* (30,37).

<sup>e</sup> Jacob faz um voto que Deus lembrará em 31,13. Embora os votos sejam comuns no AT (cf. Nm 21,2; Jz 11,30-31; 1Sm 1,11; 2Sm 15,8, todos pronunciados em santuários), este voto é único, uma vez que Deus já teria prometido incondicionalmente aquilo que Jacob coloca como condição. Fazendo-o de novo, Jacob assume esta promessa. Se Deus cumprir a promessa, então Jacob terá a certeza de que Yahweh é o seu Deus, ao qual se manterá fiel e construir-lhe-á um santuário (cf. 35,7.14-15).

Ainda estamos em pleno dia, ainda não é o momento de recolher o gado. Dai de beber às ovelhas e levai-as a pastar». <sup>8</sup>Eles responderam: «Não podemos ainda, enquanto todos os rebanhos não estiverem reunidos. Então rodaremos a pedra de cima da boca do poço e daremos de beber ao rebanho». <sup>9</sup>Estava ele ainda a conversar com eles, quando chegou Raquel com o rebanho que era do seu pai, pois ela era pastora. <sup>10</sup>Logo que Jacob viu Raquel, filha de Labão, irmão da sua mãe, e o rebanho de Labão, irmão da sua mãe, Jacob aproximou-se, rodou a pedra de cima da abertura do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão da sua mãe. <sup>11</sup>Depois, beijou Raquel e, levantando a sua voz, começou a chorar; <sup>12</sup>e declarou a Raquel que era parente do seu pai e filho de Rebeca. Ela correu a foi informar o seu pai. <sup>13</sup>E aconteceu que, quando Labão ouviu falar de Jacob, filho da sua irmã, correu ao seu encontro, abraçou-o, beijou-o e levou-o para sua casa. E ele contou a Labão as coisas que tinham acontecido. <sup>14</sup>Labão disse-lhe: «Sim, tu és meu osso e minha carne». E Jacob permaneceu junto dele um mês inteiro.

### Jacob casa com as filhas de Labão

<sup>15</sup>Labão disse a Jacob: «Acaso estás ao meu serviço de graça, por seres meu parente? Diz qual deverá ser o teu salário». <sup>16</sup>Ora, Labão tinha duas filhas. O nome da mais velha era Lia e o nome da mais nova era Raquel. <sup>17</sup>Os olhos de Lia eram meigos. Mas Raquel era bela de formas e bela de aspeto. <sup>18</sup>Jacob amava Raquel e disse: «Servir-te-ei sete anos por Raquel, a tua filha mais nova». <sup>19</sup>Labão respondeu: «É melhor eu dar-ta a ti do que a outro homem; fica comigo». <sup>20</sup>E Jacob serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram aos seus olhos como alguns dias, pelo amor que sentia por ela. <sup>21</sup>Então Jacob disse a Labão: «Entrega-me a minha mulher, porque se completaram os dias e quero juntar-me com ela». <sup>22</sup>Labão reuniu todos os homens do lugar e fez um banquete. <sup>23</sup>E aconteceu que, sendo já noite, tomou Lia, sua filha, e levou-a Jacob, e ele juntou-se a ela. <sup>24</sup>E Labão deu-lhe Zilpa, sua serva, para ser serva da sua filha Lia. <sup>25</sup>No dia seguinte de manhã Jacob viu que afinal era Lia e disse a Labão: «Por que me fizeste isso? Não foi por Raquel que eu te servi? Por que me enganaste?» <sup>26</sup>Labão respondeu: «Entre nós não se faz assim: dar a mais nova em casamento, antes da mais velha. <sup>27</sup>Termina esta semana e dar-te-ei também a outra, na condição de servires junto de mim mais outros sete anos». <sup>28</sup>Jacob assim fez; e, terminada aquela semana, Labão deu-lhe Raquel, sua filha, por mulher. <sup>29</sup>E Labão deu a sua serva, Bila, à sua filha, Raquel, para ficar ao serviço dela. <sup>30</sup>Jacob juntou-se também a Raquel; e amou também Raquel ainda mais do que Lia. E serviu Labão por mais outros sete anos.

### Filhos de Jacob

<sup>31</sup>O SENHOR<sup>a</sup> viu que Lia era a menos amada e tornou-a fecunda, enquanto Raquel permanecia estéril. <sup>32</sup>Lia concebeu e deu à luz um filho, ao qual deu o nome

<sup>a</sup> Deus é mencionado aqui pela primeira vez em toda esta narrativa. A partir daqui desenvolver-se-á um entrelaçamento entre o divino e o humano que moldará o resto da narrativa. Deus é invocado 13 vezes por Lia (cf. 29,32.3.35; 30,18.20), Raquel (30,6.23.24), Jacob (30,2) e pelo narrador (29,31; 30,17.22).

de Rúben, porque disse: «O SENHOR viu<sup>b</sup> a minha aflição; pois agora o meu marido vai amar-me». <sup>33</sup>Concebeu outra vez e deu à luz um filho e disse: «O SENHOR ouviu que eu era menos amada e deu-me também este». E deu-lhe o nome de Simeão<sup>c</sup>. <sup>34</sup>Tornou a conceber novamente e deu à luz um filho e disse: «Agora o meu marido prender-se-á a mim, porque já lhe dei três filhos». Por isso, deu-lhe o nome de Levi<sup>d</sup>. <sup>35</sup>Concebeu ainda de novo e deu à luz um filho e disse: «Sim, agora louvarei o SENHOR». E por isso deu-lhe o nome de Judá<sup>e</sup>. E deixou de ter filhos.

**30** <sup>1</sup>Raquel via que não dava à luz filhos a Jacob e, começando a sentir ciúmes da irmã, disse a Jacob: «Dá-me filhos, senão eu morro!» <sup>2</sup>Jacob irritou-se com Raquel e disse-lhe: «Estarei eu no lugar de Deus, que te impediu de ter o fruto do ventre?» <sup>3</sup>Ela respondeu: «Aqui tens a minha serva Bila; junta-te a ela. Que ela dê à luz sobre os meus joelhos; e assim, por ela, também eu poderei ter filhos». <sup>4</sup>Então ela entregou-lhe Bila, a sua serva, por mulher e Jacob juntou-se a ela. <sup>5</sup>Bila concebeu e deu à luz um filho a Jacob. <sup>6</sup>Raquel então disse: «Deus fez-me justiça. Escutou a minha voz e deu-me um filho». Por isso, deu-lhe o nome de Dan<sup>f</sup>. <sup>7</sup>Bila, serva de Raquel, concebeu outra vez e deu à luz um segundo filho a Jacob. <sup>8</sup>Raquel disse: «Tive combates extraordinários com a minha irmã e venci!» Por isso, chamou-lhe Neftali<sup>g</sup>. <sup>9</sup>Ao ver que tinha deixado de ter filhos, Lia tomou a sua serva Zilpa e deu-a por mulher a Jacob<sup>h</sup>. <sup>10</sup>Zilpa, a escrava de Lia, deu um filho a Jacob. <sup>11</sup>Lia exclamou: «Foi por sorte!» E deu-lhe o nome de Gad<sup>i</sup>. <sup>12</sup>Zilpa, a serva de Lia, deu à luz um segundo filho a Jacob. <sup>13</sup>E Lia exclamou: «Por felicidade minha! Pois as donzelas felicitar-me-ão». E deu-lhe o nome de Acher<sup>j</sup>.

<sup>14</sup>Certo dia, na época da ceifa do trigo, Rúben saiu e encontrou mandrágoras no campo; levou-as a Lia, sua mãe. E Raquel disse a Lia: «Dá-me, por favor, das mandrágoras do teu filho». <sup>k</sup><sup>15</sup>Lia respondeu: «Parece-te pouco teres-me tirado o

Deus é o sujeito da ação: vê a aflição de Lia e Raquel; escuta o seu grito; lembra-se delas; fá-las conceber; vinga-as e recompensa-as, dando-lhes um filho ou mais filhos. Deus responde a situações concretas, mas nunca é ele quem inicia o processo.

<sup>b</sup> O nome de Rúben literalmente significa *Vede! Um filho!* Mas pode também admitir o significado de *Viu a minha aflição*.

<sup>c</sup> O nome de Simeão deriva do verbo *ouvir*.

<sup>d</sup> O nome de Levi deriva do verbo *lavab*, que significa *acompanhar, prender-se a*.

<sup>e</sup> O nome de Judá deriva do verbo *yadab*, que significa *louvar*.

<sup>f</sup> O nome de Dan deriva do verbo *din*, que significa *julgar, fazer justiça*.

<sup>g</sup> O nome de Neftali deriva do verbo *pala'* na conjugação hitpael, que significa ter uma experiência *extraordinária*.

<sup>h</sup> Ambas as irmãs, Lia e Raquel, à semelhança de Sara (16,2) deram as suas servas a Jacob para ter filhos por meio delas. Algo que deus parece aprovar fazendo-as conceber (30,18). O motivo pelo qual Lia o faz, depois de ter dado quatro filhos, decorre de questões de igualdade no seu conflito com Raquel. Talvez ela tenha deixado de conceber devido a um afastamento de Jacob (30,15).

<sup>i</sup> O nome de Gad corresponde a uma divindade conotada com a ideia de *sorte*.

<sup>j</sup> O nome de Acher corresponde a um adjetivo que significa *feliz*.

<sup>k</sup> Talvez porque o nome hebraico desta planta é formado da mesma raiz da palavra amor, acreditava-se que as mandrágoras, ervas venenosas, tinham propriedades afrodisíacas e eram um remédio contra a esterilidade. Raquel não precisará delas, porque será Deus quem a fará conceber (v. 22).

meu marido para queres também tirar-me as mandrágoras do meu filho?» Raquel retorquiu: «Pois bem, que ele se deite contigo esta noite em troca das mandrágoras do teu filho». <sup>16</sup>Quando Jacob regressou do campo, pela tarde, Lia saiu-lhe ao encontro e disse-lhe: «Vem ficar comigo, pois já paguei por ti o preço das mandrágoras do meu filho». E ele deitou-se com ela naquela noite. <sup>17</sup>Deus ouviu Lia, que concebeu e deu à luz um quinto filho a Jacob. <sup>18</sup>Lia exclamou: «Deus deu-me a paga por ter dado a minha serva a meu marido». E deu-lhe o nome de Issacar<sup>a</sup>. <sup>19</sup>Lia concebeu novamente e deu à luz um sexto filho a Jacob. <sup>20</sup>Lia exclamou: «Deus presenteou-me, precisamente a mim, com um belo presente. Agora, o meu marido vai enaltecer-me, porque já lhe dei seis filhos». E deu-lhe o nome de Zabulão<sup>b</sup>. <sup>21</sup>A seguir, deu à luz uma filha, a quem chamou Dina.

<sup>22</sup>Entretanto, Deus recordou-se de Raquel, ouviu-a e tornou fecundo o seu ventre. <sup>23</sup>Ela concebeu e deu à luz um filho. E disse: «Deus retirou a minha vergonha». <sup>24</sup>E deu-lhe o nome de José, dizendo: «Que o SENHOR me acrescente ainda outro filho!»<sup>c</sup>

### Enriquecimento de Jacob

<sup>25</sup>Aconteceu que, depois de Raquel ter dado à luz José, Jacob disse a Labão: «Deixa-me partir, a fim de voltar para a minha casa e para a minha terra. <sup>26</sup>Dá-me os meus filhos e as minhas mulheres, pelas quais te servi e deixa-me partir, pois tu sabes bem a dedicação com que te servi». <sup>27</sup>Labão disse-lhe: «Possa eu encontrar favor diante dos teus olhos! Soube por adivinhação que o SENHOR me abençoou por tua causa». <sup>28</sup>Depois ele disse: «Fixa-me o teu salário e eu to darei». <sup>29</sup>Jacob respondeu: «Tu sabes como te servi e o que o teu gado se tornou comigo. <sup>30</sup>Pois o que tinhas antes de mim era pouco, mas aumentou prodigiosamente; o SENHOR abençoou-te por meio dos meus passos. Mas agora, quando poderei trabalhar também eu para a minha casa?» <sup>31</sup>Disse-lhe Labão: «Que te hei de dar?» Jacob respondeu: «Não tens de me dar nada. Mas aceita esta proposta: eu continuarei a apascentar e a guardar o teu rebanho. <sup>32</sup>Passarei hoje por todo o teu rebanho. Separa todos os animais malhados e com manchas; entre os cordeiros, todos os animais de cor escura; e, entre as cabras, as malhadas e com manchas. Seja essa a minha recompensa. <sup>33</sup>A minha retidão responderá por mim, no dia de amanhã, quando vieres verificar o meu salário. Tudo o que estiver comigo e não for malhado e com manchas, entre as cabras, e de cor escura, entre os cordeiros, será animal roubado».

<sup>34</sup>Labão respondeu: «Está bem, seja como dizes!» <sup>35</sup>E, no mesmo dia, separou os bodes listrados e com manchas, todos os cabritos malhados e com manchas,

<sup>a</sup> O nome de Issacar deriva do verbo *sakar*, que significa *pagar*.

<sup>b</sup> De acordo com a declaração de Lia, o nome de Zabulão soa como um eco dos verbos *zabad* (presentear), referido a *Deus presenteou-me*, e *zabal* (enaltecer), referido a: *o meu marido vai enaltecer-me*.

<sup>c</sup> Tal como aconteceu com o nome de Zabulão, também o nome de José recolhe significado de dois verbos: *asaf* (ceifar, recolher, retirar) e *yasaf* (acrescentar). Sobre o nascimento do décimo segundo filho de Jacob, o segundo de Raquel, cf. 35,16-20.

todos os cordeiros de cor escura, e pô-los na mão dos seus filhos<sup>d</sup>. <sup>36</sup>Depois, pô-los à distância de três dias de caminho entre ele e Jacob. E Jacob apascentava o resto do rebanho de Labão.

<sup>37</sup>Jacob tomou, então, varas verdes de choupo, de amendoeira e de plátano; tirou-lhes parte da casca, pondo a nu o branco das varas, <sup>38</sup>e colocou-as diante dos olhos das ovelhas, nos regueiros e nos bebedouros, aonde iam beber. Elas entravam em excitação quando iam beber <sup>39</sup>e, ao entrarem em excitação diante das varas, concebiam cordeiros listrados, malhados e com manchas. <sup>40</sup>Jacob colocava de lado esses cordeiros; e o gado de Labão ia ficando malhado e negro. E assim juntou rebanhos para si, que não reuniu ao gado de Labão. <sup>41</sup>Quando as ovelhas eram vigorosas e ficavam excitadas, Jacob punha-lhes as varas diante dos olhos, nos regueiros, para que concebessem perto das varas. <sup>42</sup>Mas, quando as ovelhas eram fracas, não o fazia, de modo que os cordeiros enfezados eram para Labão e os vigorosos para Jacob! <sup>43</sup>Este homem enriqueceu prodigiosamente e tinha numerosos rebanhos, servos e servas, camelos e jumentos.

### 31 Fuga de Jacob com a família e os rebanhos<sup>e</sup>

<sup>1</sup>Jacob ouviu as palavras dos filhos de Labão a dizerem: «Jacob apoderou-se de tudo o que era do nosso pai; e foi com tudo o que era do nosso pai que ele acumulou toda esta riqueza». <sup>2</sup>Jacob observou também pelo rosto de Labão que este não se mostrava para com ele como anteriormente. <sup>3</sup>E o SENHOR disse a Jacob: «Volta para a terra dos teus pais, para a tua terra natal que Eu estarei contigo». <sup>4</sup>Então Jacob mandou chamar Raquel e Lia ao campo, junto do seu rebanho, <sup>5</sup>e disse-lhes: «Vejo, pelo rosto do vosso pai, que ele não se mostra para comigo como anteriormente. Mas o Deus do meu pai tem estado comigo. <sup>6</sup>Quanto a vós, sabeis que servi o vosso pai com todas as minhas forças. <sup>7</sup>Mas o vosso pai enganou-me, mudando dez vezes o meu salário. Mas Deus não permitiu que ele me prejudicasse. <sup>8</sup>Se ele dizia: ‘Os animais malhados serão o teu salário, todo o gado produzia animais malhados; e se ele dizia: ‘Os animais listrados serão o teu salário’, todo o gado produzia animais listrados. <sup>9</sup>Foi, portanto, Deus que tomou o rebanho do vosso pai e mo deu a mim<sup>f</sup>.

<sup>d</sup> Este tipo de animais malhados era muito raro; por isso, Labão pensava ter realizado um acordo muito conveniente. No entanto, agiu com prudência, colocando de parte os cordeiros malhados ao cuidado dos seus filhos. Jacob conseguiu uma estratégia que fez multiplicar o rebanho segundo o que ele pretende. Mais adiante, em 31,7b-12, explicita-se que Deus esteve envolvido neste processo.

<sup>e</sup> A narrativa continua centrada na disputa que Jacob e Deus têm em relação ao comportamento opressor de Labão e nos episódios que se seguem à fuga de Jacob. Atinge o seu clímax no discurso de Jacob (vv. 36-42), de modo particular no seu reconhecimento de que Deus esteve do seu lado e viu sempre a sua aflição.

<sup>f</sup> Jacob reconhece que Deus está envolvido no seu enriquecimento. Este reconhecimento está em relação com as promessas feitas em Betel (28,10-22). A ordem divina de regressar deve ser entendida neste contexto de relação com Deus e de uma comprometida obediência de Jacob. Lia e Raquel respondem igualmente de forma positiva; porém, a ênfase dos seus motivos recaí no modo como o pai as tratou em relação aos seus direitos de herança (cf. 1Rs 12,16).

<sup>10</sup>Aconteceu que, no tempo em que os rebanhos andavam excitados, ergui os olhos e vi em sonhos que os machos que fecundavam o gado eram listrados, malhados e com manchas. <sup>11</sup>Então, um mensageiro de Deus disse-me em sonho: ‘Jacob!’ e eu respondi: ‘Eis-me aqui.’ <sup>12</sup>Ele continuou: ‘Levanta os olhos e vê. Todos os animais que fecundam o gado são listrados, malhados e com manchas, porque Eu vi o que Labão te fez. <sup>13</sup>Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma estela e onde fizeste um voto em minha honra. Agora levanta-te, sai deste país e regressa à terra em que nasceste’.

<sup>14</sup>Raquel e Lia, respondendo, disseram-lhe: «Não temos nós ainda uma porção e uma herança na casa do nosso pai? <sup>15</sup>Não fomos nós consideradas como estranhas para ele? Pois ele vendeu-nos e vai também consumir a nossa prata. <sup>16</sup>Pois toda a fortuna que Deus retirou ao nosso pai é nossa e dos nossos filhos. Faz, portanto, tudo o que Deus te disse». <sup>17</sup>Jacob levantou-se e mandou que os seus filhos e as suas mulheres montassem nos camelos; <sup>18</sup>e ele conduziu todo o seu gado e todos os bens que juntara, tudo o que lhe pertencia e que adquirira no território de Padan-Aram, e partiu para junto do seu pai, Isaac, para o país de Canaã. <sup>19</sup>E como Labão fora fazer a tosquia das suas ovelhas, Raquel roubou os deuses domésticos que eram do seu pai.<sup>a</sup> <sup>20</sup>Jacob ludibriou assim os planos<sup>b</sup> de Labão, o arameu; fugiu sem lhe dizer nada. <sup>21</sup>Fugiu com tudo o que lhe pertencia: levantou-se, atravessou o rio<sup>c</sup> e dirigiu-se para a montanha de Guilead. <sup>22</sup>Três dias depois, disseram a Labão que Jacob tinha fugido; <sup>23</sup>e ele tomou consigo os seus parentes e, durante sete dias, foi em sua perseguição, alcançando-o na montanha de Guilead. <sup>24</sup>Mas, de noite, Deus foi ter com Labão, o arameu, num sonho e disse-lhe: «Livra-te de dizer qualquer coisa a Jacob, seja para bem seja para mal». <sup>25</sup>Labão alcançou Jacob. Ora, Jacob tinha levantado a sua tenda sobre a montanha e, Labão com os seus irmãos levantou igualmente a sua sobre a montanha de Guilead.

### **Diálogo entre Jacob e Labão**

<sup>26</sup>Labão disse a Jacob: «Que fizeste? Ludibriaste os meus planos e levaste as minhas filhas como prisioneiras de guerra! <sup>27</sup>Por que fugiste em segredo, ludibriando-me sem me informar? Eu ter-te-ia deixado ir com alegria e cânticos, ao som de tambor e citara! <sup>28</sup>Nem me deste ocasião para beijar os meus filhos e as minhas filhas! Agiste realmente com insensatez. <sup>29</sup>Está ao alcance da minha mão fazer-vos mal; mas o Deus do vosso pai falou-me esta noite, dizendo: ‘Livra-te de dizer qualquer coisa a Jacob, seja para bem seja para mal’. <sup>30</sup>Mas, já que te puseste a caminho porque tens tantas saudades da casa de teu pai, por que razão roubaste os meus deuses?» <sup>31</sup>E, respondendo, Jacob disse a Labão: «Tive medo, porque pensei que tu poderias porventura

<sup>a</sup> Lit.: ... *terafim*. Trata-se de pequenos objetos utilizados no culto doméstico e que na tradição hebraica se mantiveram como instrumentos de adivinhação. No v. 30 são tratados por Labão como *os meus deuses*.

<sup>b</sup> Lit.: ... *coração*, que na Bíblia representa o pensamento, a vontade e os planos da pessoa.

<sup>c</sup> Trata-se provavelmente do rio Eufrates (15, 18), que na Bíblia é frequentemente referido com a simples expressão: *o rio*. *Guilead* é a região que será ocupada pelos israelitas a leste do Jordão.

tirar-me as tuas filhas. <sup>32</sup>Quanto àquela pessoa que encontrares na posse dos teus deuses, essa não viverá junto dos nossos parentes! Examina tu mesmo tudo aquilo que está comigo e recupera o que te pertence». Mas Jacob não sabia que Raquel os tinha roubado. <sup>33</sup>Labão entrou na tenda de Jacob, na tenda de Lia e na tenda das duas escravas e não os encontrou. Saindo da tenda de Lia, entrou na de Raquel. <sup>34</sup>No entanto, Raquel tinha pegado nos deuses domésticos, tinha-os escondido na sela do camelo, sentando-se em cima deles. Labão remexeu toda a tenda e não encontrou. <sup>35</sup>E Raquel disse ao pai: «Que o meu senhor não se ofenda por eu não poder levantar-me diante de ti, pois estou no período habitual das mulheres». E ele procurou, mas não encontrou os deuses domésticos.

<sup>36</sup>Jacob ficou irritado e discutiu com Labão<sup>d</sup>. Dirigindo-se a ele, disse a Labão: «Qual é o meu crime? Qual a minha falta, para me perseguires assim? <sup>37</sup>Agora que remexeste todas as minhas bagagens, encontraste algum objeto que pertença à tua casa? Apresenta-o aqui, diante dos meus irmãos e dos teus irmãos, e que eles sejam juízes entre nós os dois. <sup>38</sup>Estive estes vinte anos contigo; e nem as tuas ovelhas nem as tuas cabras abortaram e não comi os carneiros do teu rebanho. <sup>39</sup>Não te fui entregar nenhum animal despedaçado pelas feras. Eu próprio sofri esse prejuízo. Tu exigiste de mim o que foi roubado de dia e o que foi roubado de noite. <sup>40</sup>Durante o dia eu era consumido pelo calor e durante a noite, pelo frio; e o sono vagueava longe dos meus olhos. <sup>41</sup>Estive assim estes vinte anos na tua casa! Servi-te catorze anos pelas tuas duas filhas e seis anos pelo teu rebanho; mas tu mudaste dez vezes o meu salário. <sup>42</sup>Se o Deus do meu pai, o Deus de Abraão e o Terror de Isaac<sup>e</sup>, não tivesse estado comigo, agora ter-me-ias mandado embora de mãos vazias. Mas Deus viu a minha humilhação e o trabalho das minhas mãos e fez o aviso<sup>f</sup> ontem à noite». <sup>43</sup>Labão respondeu e disse a Jacob: «As filhas são minhas filhas, os filhos são meus filhos e este gado é o meu gado; tudo o que vês me pertence. Que posso eu fazer hoje pelas filhas e pelos filhos que elas tiveram? <sup>44</sup>Por isso, anda! Façamos uma aliança, tu e eu, e que ela seja um testemunho entre mim e ti». <sup>g</sup><sup>45</sup>Jacob pegou numa pedra e levantou-a como estela. <sup>46</sup>E Jacob disse aos seus irmãos: «Juntaí pedras». Eles pegaram em pedras, fizeram com elas um amontoado e comeram ali sobre aquele amontoado de pedras. <sup>47</sup>Labão chamou-lhe Jegar-Saaduta, e Jacob chamou-lhe Gal-Ed.

<sup>d</sup> Jacob toma agora a iniciativa e defende-se das acusações de Labão, desafiando-o a encontrar um motivo que o impeça de prosseguir para Canaã com as suas mulheres e bens. Esta defesa atinge o seu ponto mais alto, quando Jacob sustém que o Deus do seu pai esteve sempre com ele em tudo, revelando-se um Deus que está do lado do oprimido (cf. Dt 24,14-15; 1Sm 2,1-10; Sl 124).

<sup>e</sup> O *Terror de Isaac* é um epíteto que aparece no texto para nomear o Deus de Isaac, mas cujo significado específico é desconhecido (cf. v. 53).

<sup>f</sup> Cf. v. 29.

<sup>g</sup> A refeição e o amontoado de pedras servem para selar a aliança. O nome do *amontoado de pedras* corresponde ao nome da região de Guilead, que se divide em duas palavras, *Gal-Ed*, significando o *amontoado do testemunho*, referido por Jacob. A versão aramaica *Jegar-Saaduta*, referida por Labão tem o mesmo significado.

<sup>48</sup>E Labão disse: «Este amontoado de pedras fica hoje a ser um testemunho entre mim e ti». Por isso, chamou-lhe Gal-Ed <sup>49</sup>e também Mispá<sup>a</sup>, pois disse: «O SENHOR estará vigilante entre mim e ti, quando nos separarmos um do outro. <sup>50</sup>Se maltratares as minhas filhas e tomares outras mulheres contra as minhas filhas, repara que não haverá um homem entre nós, mas é Deus que serve de testemunha entre mim e ti».

<sup>51</sup>Labão disse ainda a Jacob: «Eis aqui este amontoado de pedras e esta estela<sup>b</sup> que eu ergui entre mim e ti! <sup>52</sup>Este amontoado de pedras servirá de testemunho e esta estela será testemunha de modo que nem eu possa transpor este amontoado e esta estela para o teu lado, nem tu possas transpor este amontoado e esta estela para o meu lado, para fazer mal algum. <sup>53</sup>Que o Deus de Abraão e o Deus de Naor julguem entre nós!», isto é, o Deus do pai deles<sup>c</sup>.

E Jacob jurou pelo Deus do seu pai, o Terror de Isaac. <sup>54</sup>Jacob ofereceu um sacrifício na montanha e convidou os seus irmãos para comerem pão. E eles comeram pão e passaram a noite na montanha.

## 32 Regresso de Jacob

<sup>1</sup>Labão levantou-se de manhã cedo, beijou os filhos e as filhas e abençoou-os; depois, pôs-se a caminho e voltou para sua casa. <sup>2</sup>Jacob prosseguiu o seu caminho e encontraram-se com ele uns mensageiros de Deus<sup>d</sup>. <sup>3</sup>Ao vê-los, disse: «Este é o acampamento de Deus!» E deu àquele lugar o nome de Maanaim<sup>e</sup>. <sup>4</sup>Jacob mandou mensageiros adiante de si ao seu irmão, Esaú, à terra de Seir, nos campos de Edom. <sup>5</sup>E deu-lhes ordens, dizendo: «Assim falareis ao meu senhor Esaú: “Assim fala o teu servo, Jacob: Residi como estrangeiro em casa de Labão e ali me demorei até agora. <sup>6</sup>Adquiri bois e jumentos, gado miúdo, escravos e escravas; e mandei informar o meu senhor, a fim de encontrar favor diante dos teus olhos.”» <sup>7</sup>Os mensageiros voltaram para junto de Jacob, dizendo: «Fomos ter com o teu irmão, Esaú; e também ele vem ao teu encontro e traz consigo quatrocentos homens». <sup>8</sup>Jacob ficou cheio de temor e de angústia. Dividiu em dois acampamentos os que estavam com ele, o gado miúdo e graúdo e os camelos. <sup>9</sup>E disse para consigo: «Se Esaú chegar junto de um dos nossos acampamentos e o atacar, o outro poderá escapar».

<sup>a</sup> *Mispá* significa um lugar de observação, onde alguém se mantém *vigilante*.

<sup>b</sup> O termo *estela* equivale ao sentido do nome de *Mispá*. As estelas representam monumentos religiosos frequentes na tradição de Canaã.

<sup>c</sup> *O Deus do pai deles* parece tratar-se de uma glosa, que não consta na tradução grega dos LXX; e aqueles que a introduziram no texto quiseram com ela exprimir a preocupação de afirmar, no seu tempo, que o Deus daqueles antepassados era na realidade o mesmo Deus.

<sup>d</sup> O narrador estrutura esta secção de um modo muito semelhante ao de 28,10-22. Jacob volta a ter a mesma experiência da presença de mensageiros de Deus que tivera quando deixara Canaã (28,12) e de quando estivera em Haran (32,1). Estes mensageiros podem considerar-se o próprio Deus.

<sup>e</sup> O nome que Jacob dá àquele lugar, *Maanaim*, significa dois acampamentos ou dois grupos, numa alusão ao exército de Deus e ao seu próprio acampamento, ou ao facto de ter dividido o seu acampamento em dois grupos (vv. 7-8). A sua exclamação é semelhante à de 28,16-17 e sugere a percepção que Jacob tem da presença e da protecção contínua de Deus.

<sup>10</sup>Depois, Jacob disse: «Ó SENHOR, Deus do meu pai Abraão e Deus do meu pai Isaac, Tu disseste-me: “Regressa ao teu país e à tua terra natal e Eu farei com que tudo te corra bem”<sup>f</sup>.

<sup>11</sup>Eu sou demasiado pequeno para todas as manifestações de misericórdia e para toda a fidelidade com que trataste o teu servo; passei este Jordão apenas com o meu bastão e transformei-me em dois acampamentos. <sup>12</sup>Livra-me, por favor, da mão do meu irmão, da mão de Esaú, pois eu tenho medo dele, não aconteça que ele chegue e me ataque com a mãe e os filhos. <sup>13</sup>Mas Tu disseste: “Farei com que tudo te corra bem e farei com que a tua posteridade venha a ser como a areia do mar, a qual, de tão numerosa, é incalculável”<sup>g</sup>. <sup>14</sup>Jacob passou ali aquela noite e escolheu, entre os seus bens, uma oferta para o seu irmão, Esaú: <sup>15</sup>duzentas cabras e vinte bodes, duzentas ovelhas e vinte carneiros, <sup>16</sup>trinta camelas que amamentavam, com as suas crias; quarenta vacas e dez touros; vinte jumentas e dez jumentos. <sup>17</sup>Entregou-os ao cuidado dos seus servos, cada rebanho à parte, dizendo-lhes: «Passai à minha frente e deixai um espaço entre cada um dos rebanhos». <sup>18</sup>E instruiu o primeiro, dizendo: «Quando o meu irmão, Esaú, te encontrar e te perguntar: “De quem és tu? Para onde vais? A quem pertencem estes gados que vão adiante de ti?” <sup>19</sup>Responderás: São do teu servo, Jacob. É uma oferta enviada ao meu senhor Esaú. E ele também vem aí atrás de nós”<sup>g</sup>. <sup>20</sup>E deu também ordens ao segundo, ao terceiro e a todos os que caminhavam atrás dos rebanhos, dizendo: «É desta maneira que falareis a Esaú, quando o encontrardes. <sup>21</sup>Dir-lhe-eis também: “O teu servo, Jacob, vem atrás de nós”<sup>g</sup>. Com efeito, Jacob dizia: «Quero aplacar o seu rosto com esta oferta que vai à minha frente e, depois disso, poderei ver a sua face. Talvez ele me faça levantar a cabeça». <sup>22</sup>E assim a oferta<sup>h</sup> avançou à sua frente e Jacob passou aquela noite no acampamento.

### Luta de Jacob com Deus<sup>i</sup>

<sup>23</sup>Durante a noite, Jacob levantou-se, tomou as suas duas mulheres, as duas escravas e os seus onze filhos e passou o vau do Jaboc<sup>j</sup>. <sup>24</sup>Pegando neles, fê-los atravessar a torrente e fez atravessar tudo aquilo que lhe pertencia.

<sup>f</sup> Lit.: ... *te farei bem*.

<sup>g</sup> A estrutura desta oração tem semelhanças com um lamento individual de libertação do inimigo (cf. Sl 31,15-16; 40,11-13; 69,13-14; 86,13-15). O uso dos termos *misericórdia* e *fidelidade* reflete a linguagem usada para falar de Deus em todo o AT (cf. 24,27).

<sup>h</sup> As quatro vezes que o termo *oferta* aparece (vv. 14.19.21.22), num contexto em que Jacob se refere a Esaú como *meu senhor*, sugerem tratar-se de uma espécie de tributo (cf. 2Sm 8,2.6; 1Rs 4,21).

<sup>i</sup> Esta narrativa situa-se entre duas aparições de Deus em Betel (cf. 28,10-22 e 35,9-13). Tal como Deus apareceu a Jacob quando ele fugiu de Canaã, por causa da ira do seu irmão, também lhe aparece neste momento de regresso, com a ira do seu irmão ainda presente no horizonte. Em ambas as situações, Jacob é descrito como um ser humano frágil, vulnerável e só.

<sup>j</sup> O *Jaboc* é um ribeiro que desagua no rio Jordão, na sua margem oriental e a sul do lago de Genesaré.

<sup>25</sup>E Jacob ficou sozinho. Um homem lutou<sup>a</sup> com ele até ao romper da aurora. <sup>26</sup>Vendo que não conseguia vencer Jacob, deu-lhe um toque na coxa, e a coxa de Jacob deslocou-se, enquanto aquele homem lutava com ele. <sup>27</sup>O homem disse: «Deixa-me partir, pois está a romper a aurora». Mas Jacob respondeu: «Não te deixarei partir, a não ser que me abençoes». <sup>28</sup>O outro perguntou-lhe: «Qual é o teu nome?» Ele respondeu: «Jacob». <sup>29</sup>E o outro continuou: «O teu nome não será mais Jacob, mas, sim, Israel<sup>b</sup>, pois mediste forças com Deus e com os homens e prevaleceste». <sup>30</sup>Jacob fez um pedido, dizendo: «Peço-te por favor que me digas o teu nome». Ele respondeu: «Por que razão me interrogas sobre o meu nome?» E ali mesmo o abençoou<sup>c</sup>.

<sup>31</sup>Jacob deu àquele lugar o nome de Penuel<sup>d</sup>, exclamando: «De facto, eu vi Deus face a face e preservei a minha vida». <sup>32</sup>E o sol brilhava sobre ele, quando Jacob passou por Penuel; ele ia a coxear, por causa da sua coxa. <sup>33</sup>É por isso que os filhos de Israel não comem, ainda hoje, o nervo ciático que está na articulação da coxa, porque ele tinha tocado na articulação da coxa de Jacob, no nervo ciático.

### 33 Jacob reencontra-se com Esaú

<sup>1</sup>Jacob levantou os olhos e viu que Esaú estava a chegar, trazendo consigo quatrocentos homens. Dividiu então os filhos por Lia e Raquel e pelas duas servas. <sup>2</sup>Colocou em primeiro lugar as servas com os seus filhos, a seguir Lia com os seus filhos, e Raquel, com José, em último lugar. <sup>3</sup>Ele passou para a frente deles e prostrou-se por terra sete vezes, até chegar junto do seu irmão.

<sup>4</sup>Esaú correu ao seu encontro, abraçou-o, atirou-se-lhe ao pescoço e beijou-o; e ambos choraram.<sup>e</sup> <sup>5</sup>Esaú levantou os olhos e viu as mulheres e as crianças e perguntou: «Quem são estes para ti?» Jacob respondeu: «São os filhos com que Deus favoreceu este teu servo». <sup>6</sup>As servas aproximaram-se também com os seus filhos e prostraram-se; <sup>7</sup>Lia também se aproximou com os seus filhos e prostraram-se; depois, aproximou-se José com Raquel e prostraram-se. <sup>8</sup>Esaú prosseguiu: «Que queres dizer com todo aquele acampamento, que encontrei?» Jacob respondeu: «Foi para encontrar favor diante dos olhos do meu senhor». <sup>9</sup>E Esaú disse: «Eu tenho bastantes coisas, meu irmão. Guarda para ti aquilo que é teu». <sup>10</sup>Jacob respondeu: «Oh, não! Peço-te! Se encontrei favor diante dos teus olhos, aceita da minha mão esta oferta, pois quando vi a tua face, foi como se visse a face de Deus. E tu trataste-me

<sup>a</sup> O verbo hebraico traduzido por *lutou* é único na Bíblia e deriva do substantivo que significa pó ou cinza, dando a entender que se tratou de uma luta travada por terra.

<sup>b</sup> O nome de *Israel* neste contexto parece significar *ele mede forças com Deus* ('El). Deste modo o autor bíblico procura dar uma explicação etiológica para o nome do seu povo.

<sup>c</sup> Deus aparece a Jacob de forma misteriosa e a sua identificação transparece de indícios como a referência ao nome que não se chega a declarar e ainda ao pedido de uma bênção. O novo nome, *Israel*, é também um modo de explicitar que a luta tinha sido com Deus.

<sup>d</sup> O nome *Penuel* significa *voltar a face para Deus* ('El). Daí a explicação do *face a face* da visão de Jacob.

<sup>e</sup> Esta sequência de verbos é única no livro do Génesis. O paralelo mais próximo é 45,14-15 quando José se revela aos seus irmãos (cf. também 29,11-13; 46,29; 48,10; 50,1).

com benevolência. <sup>11</sup>Aceita, pois, o meu presente que te foi enviado por mim. Pois, de facto, Deus foi generoso comigo e tenho tudo». E tanto insistiu que ele aceitou.

### Jacob separa-se de Esaú<sup>f</sup>

<sup>12</sup>Então Esaú disse: «Partamos, coloquemo-nos a caminho! Eu caminharei ao teu lado». <sup>13</sup>Jacob respondeu-lhe: «O meu senhor sabe que as crianças são delicadas e que o gado miúdo e graúdo ainda de mama está ao meu cuidado; se os apressam, mesmo só um dia, todo o gado perecerá. <sup>14</sup>Queira o meu senhor passar à frente do seu servo; eu caminharei com o meu vagar, ao ritmo da tarefa que tenho à minha frente e ao passo dos meninos, até chegar junto do meu senhor em Seir». <sup>15</sup>Esaú disse: «Permite-me, então, que deixe contigo alguns dos que estão comigo». Jacob respondeu: «Para quê? Eu queria apenas encontrar favor diante dos olhos do meu senhor!» <sup>16</sup>Nesse mesmo dia, Esaú retomou o seu caminho para Seir. <sup>17</sup>Mas Jacob dirigiu-se para Sucot; construiu para si uma casa e fez cabanas para o gado. Foi por isso que ele deu àquele lugar o nome de Sucot<sup>g</sup>.

### Conflitos com os cananeus em Siquém<sup>h</sup>

<sup>18</sup>Jacob chegou a Salém<sup>i</sup>, cidade de Siquém, na terra de Canaã, vindo de Padan-Aram, e acampou em frente da cidade. <sup>19</sup>E por cem moedas, adquiriu da mão dos filhos de Hamor, pai de Siquém, uma parcela de terreno; e ali estendeu a sua tenda. <sup>20</sup>Ergueu ali um altar e deu-lhe o nome de El, Deus de Israel.

**34**<sup>1</sup>Dina, a filha que Lia dera à luz a Jacob, saiu para ver as mulheres da terra. <sup>2</sup>Siquém, filho de Hamor, o heveu, governador da região, viu-a, agarrou-a, deitou-se com ela e violou-a. <sup>3</sup>Mas o seu coração prendeu-se a Dina, filha de Jacob; amou-a e falou ao coração da donzela. <sup>4</sup>E Siquém falou a Hamor, seu pai, dizendo: «Toma para mim esta jovem como mulher». <sup>5</sup>Jacob ouviu dizer que ele tinha desonrado a sua filha Dina. Os seus filhos estavam com o seu gado no campo; e, por isso, Jacob ficou calado até eles chegarem. <sup>6</sup>E Hamor, pai de Siquém, saiu ao encontro de Jacob, para falar com ele. <sup>7</sup>Mas os filhos de Jacob chegaram do campo e, ouvindo

<sup>f</sup> Jacob e Esaú separam-se e só voltarão a estar juntos no funeral do seu pai Isaac (cf. 35,29). Esta separação explica etiológicamente a autonomia de cada um dos dois povos: Edom e Israel.

<sup>g</sup> *Sucot* significa *abrigo*s ou *tendas*. Encontra-se a oriente do Jordão, no caminho de regresso de Jacob e é diferente da outra localidade com o mesmo nome de Sucot, que é mencionada no itinerário do êxodo (Ex 12,37; 13,20; Nm 33,5-6). Este nome coincide com o da festa das Tendas.

<sup>h</sup> A narrativa está construída em seis cenas: o acampamento de Jacob na região de Siquém (33,18-20); a violação de Dina e o pedido de Siquém de a tomar como sua esposa (34,1-4); as negociações entre as duas famílias e as condições impostas (34,5-18); o cumprimento da parte da família de Hamor (34,19-24); o ataque de Levi e Simeão à cidade de Siquém (34,25-29); e a reação de Jacob perante a ação dos seus filhos (34,30-31).

<sup>i</sup> Na sequência da tradução dos LXX e da Vulgata, *Salém* parece ser a tradução mais provável do hebraico *Shalem*, que é uma cidade atualmente chamada Salim, situada nas proximidades da antiga Siquém. Entretanto, a Neo-Vulgata e outras traduções recentes traduzem por *são* e *salvo*, associando a expressão com o conceito de *paz*.

isto, aqueles homens ficaram consternados com o que sucedera. A sua ira era muito grande, porque ele cometeu uma infâmia em Israel, deitando-se com a filha de Jacob, coisa que não se deve fazer<sup>1</sup>. <sup>8</sup>Hamor falou com eles nestes termos: «O coração do meu filho, Siquém, está afeiçoado à vossa filha; peço-vos que lha concedais por mulher. <sup>9</sup>Tornar-vos-eis nossos parentes: dar-nos-eis as vossas filhas e tomareis para vós as nossas; <sup>10</sup>e habitareis connosco. A terra está diante de vós: habitai nela, fazei comércio e adquiri propriedades nela».

<sup>11</sup>Siquém disse ao pai e aos irmãos da jovem: «Possa eu encontrar favor diante dos vossos olhos. E aquilo que me pedirdes, eu vo-lo darei. <sup>12</sup>Aumentai o valor do dote e da oferta; o que me pedirdes eu vo-lo darei. Mas dai-me a jovem por mulher». <sup>13</sup>Os filhos de Jacob responderam a Siquém e ao seu pai, Hamor, mas falaram com astúcia, porque ele tinha desonrado Dina, a irmã deles. <sup>14</sup>E disseram-lhes: «Não podemos fazer semelhante coisa: dar a nossa irmã a um homem que é incircunciso, porque isso seria uma injúria para nós. <sup>15</sup>Só concordaremos convosco na condição de serdes como nós, circuncidando todos os vossos homens. <sup>16</sup>Então dar-vos-emos as nossas filhas e receberemos as vossas; habitaremos convosco e formaremos um só povo. <sup>17</sup>Mas, se não quiserdes ouvir-nos e não fizerdes a circuncisão, tomaremos a nossa filha e iremos embora». <sup>18</sup>As suas palavras pareceram bem aos olhos de Hamor e aos olhos de Siquém, filho de Hamor.

<sup>19</sup>O jovem não tardou em fazer o que se lhe pedia, pois estava enamorado da filha de Jacob; além disso, ele era o mais considerado de toda a casa do seu pai. <sup>20</sup>Hamor chegou com Siquém, seu filho, à porta da cidade deles e falaram aos habitantes da cidade nestes termos: <sup>21</sup>«Estes homens estão connosco em paz. Que eles habitem na terra e a percorram negociando, pois a terra é suficientemente vasta para eles. Tomaremos as suas filhas para nós como mulheres e dar-lhes-emos as nossas. <sup>22</sup>Mas estes homens só concordam em habitar connosco, formando um só povo, com uma condição: que todos os homens que vivam entre nós sejam circuncidados como eles são circuncidados. <sup>23</sup>Não é verdade que todos os seus rebanhos, os seus bens e todo o seu gado será para nós? Concordemos, portanto, com eles e eles ficarão connosco». <sup>24</sup>Todos os que saíram pelas portas da cidade ouviram Hamor e Siquém, seu filho; e foram circuncidados todos os homens, todos os que saíram pela porta da sua cidade.

<sup>25</sup>E aconteceu que, no terceiro dia, quando eles ainda estavam em sofrimento, dois dos filhos de Jacob, Simeão e Levi, irmãos de Dina, tomaram cada um a sua espada, entraram em segurança na cidade e mataram todos os homens. <sup>26</sup>Passaram a fio da espada Hamor e Siquém, seu filho, levaram Dina da casa de Siquém e saíram. <sup>27</sup>Os filhos de Jacob lançaram-se sobre os mortos e saquearam a cidade, porque tinham desonrado a sua irmã. <sup>28</sup>E apoderaram-se do seu gado miúdo e graúdo, dos seus jumentos e do que estava na cidade e nos campos; <sup>29</sup>tomaram todos os seus bens e

---

<sup>1</sup> Esta indignação dos irmãos de Dina tem a ver com o modo como Israel considera este tipo de situações (cf. Jz 20,6; 2Sm 13,12).

levaram cativos os seus filhos e as suas mulheres e pilharam tudo o que estava nas suas casas. <sup>30</sup>Então Jacob disse a Simeão e a Levi: «Desgraçaste-me, tornando-me odioso entre os habitantes da terra, os cananeus e os perizeus. Eu tenho só um punhado de homens e eles vão juntar-se contra mim e atacar-me; e eu serei exterminado, eu e a minha família». <sup>31</sup>Eles responderam: «Devíamos, porventura, deixar tratar a nossa irmã como uma prostituta?»

### 35 Jacob regressa a Betel (28,10-22)

<sup>1</sup>Deus disse a Jacob: «Levanta-te e sobe a Betel. Permanece ali e constrói lá um altar ao Deus que te apareceu, quando fugias da presença de Esaú, teu irmão». <sup>b</sup>  
<sup>2</sup>Jacob disse à família e a todos os que estavam com ele: «Fazei desaparecer os deuses estrangeiros que estão no meio de vós; purificai-vos e mudai as vossas vestes». <sup>3</sup>Levantemo-nos e subamos a Betel. Construirei ali um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e que esteve comigo no caminho por onde andei». <sup>4</sup>Entregaram então a Jacob todos os deuses estrangeiros que tinham consigo e as argolas que traziam nas orelhas<sup>d</sup>. Jacob enterrou-os debaixo do carvalho que estava perto de Siquém. <sup>5</sup>E partiram. Um enorme terror caía sobre as cidades à sua volta, de modo que ninguém perseguia os filhos de Jacob. <sup>6</sup>Jacob chegou a Luz, ou seja, Betel, que está no país de Canaã, ele e todos os que o acompanhavam. <sup>7</sup>Construiu ali um altar e chamou àquela lugar El-Betel, porque foi ali que Deus se lhe revelou<sup>c</sup>, quando fugia da presença do seu irmão. <sup>8</sup>Entretanto, morreu Débora, ama de Rebeca, e foi enterrada abaixo de Betel, debaixo de um carvalho, ao qual Jacob chamou Carvalho do Pranto.

### Deus aparece de novo a Jacob<sup>f</sup>

<sup>9</sup>Deus apareceu novamente a Jacob, à sua chegada de Padan-Aram, e abençoou-o. <sup>10</sup>Deus disse-lhe: «O teu nome é Jacob; mas de futuro não mais te chamarás Jacob. Pelo contrário, o teu nome será Israel». E deu-lhe o nome de Israel. <sup>11</sup>E Deus disse-lhe: «Eu sou o Deus Todo-Poderoso. Que sejas fecundo e te multipliques. De ti surgirá um povo e uma multidão de povos, e das tuas entranhas sairão reis<sup>g</sup>. <sup>12</sup>Con-

<sup>b</sup> Este pedido de Deus é muito invulgar (cf. Ex 27,1). Normalmente, a construção de um altar ocorre como uma resposta humana à proteção ou intervenção de Deus.

<sup>c</sup> Cf. Ex 19,10; Dt 27,15; Js 24,14-15. Josué fará o mesmo pedido em Siquém, numa relação com a entrada na terra prometida (Jz 10,16; 1Sm 7,3-4). Esta necessidade de purificação relaciona-se com as atitudes de profanação em 34,5.13.27 (cf. Lv 11,47; 16,19).

<sup>d</sup> Cf. Ex 32,3-4; Jz 8,24-27.

<sup>e</sup> O texto hebraico atual diz: *pois foi ali que os deuses se lhe revelaram*, referindo-se provavelmente à visão dos *mensageiros de Deus que subiam e desciam* pela escada que Jacob contemplou (28,12).

<sup>f</sup> Todas as promessas feitas por Deus até este momento, de um modo especial as que foram feitas a Abraão, são aplicadas diretamente àquele que dará o seu nome ao povo no seu conjunto. A linguagem e a forma da aparição são semelhantes às usadas para Abraão (17,1); a repetição da promessa da terra (17,8; 26,3; 28,13) mantém continuidade entre Abraão, Isaac e Jacob.

<sup>g</sup> A ordem para frutificar e multiplicar-se aparece pela primeira vez em Gn 1-11 (1,28; 9,1.6). Toma forma de promessa com Abraão (17,6) e será lembrada também como promessa em 48,4.

cedo-te a terra que dei a Abraão e a Isaac; e darei a terra à tua posteridade depois de ti». <sup>13</sup>Depois, Deus subiu de junto dele, do lugar onde falara com ele. <sup>14</sup>Jacob levantou uma estela no lugar onde Deus lhe falara, uma estela de pedra, sobre a qual fez uma libação e derramou óleo sobre ela. <sup>15</sup>E Jacob deu àquele lugar onde Deus lhe falara o nome de Betel.

### Família de Jacob (1Cr 2,1-8)

<sup>16</sup>Eles partiram de Betel, e faltava ainda uma certa distância para chegarem a Efrata, quando Raquel deu à luz e passou por dificuldades no seu parto. <sup>17</sup>E aconteceu que, durante as dificuldades do parto, a parteira disse-lhe: «Não temas, pois este é mais um filho para ti!» <sup>18</sup>E aconteceu que, no momento do último suspiro, quando estava a morrer, ela deu-lhe o nome de Ben-Oni. Mas o seu pai deu-lhe o nome de Benjamim<sup>a</sup>. <sup>19</sup>Raquel morreu e foi sepultada no caminho de Efrata, que é Belém<sup>b</sup>. <sup>20</sup>Jacob levantou uma estela sobre o seu túmulo: é a estela do túmulo de Raquel, até ao dia de hoje. <sup>21</sup>Israel partiu e estendeu a sua tenda para além de Migdal-Éder<sup>c</sup>. <sup>22</sup>E aconteceu que, enquanto Israel permanecia nesta região, Rúben deitou-se com Bila, concubina do seu pai e Israel soube disso<sup>d</sup>.

Foram doze os filhos de Jacob<sup>e</sup>. <sup>23</sup>Filhos de Lia: o primogénito de Jacob, Rúben, depois Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulão. <sup>24</sup>Filhos de Raquel: José e Benjamim. <sup>25</sup>Filhos de Bila, escrava de Raquel: Dan e Neftali. <sup>26</sup>E filhos de Zilpa, escrava de Lia: Gad e Acher. Estes são os filhos de Jacob, que lhe nasceram no território de Padan-Aram. <sup>27</sup>Jacob chegou junto de Isaac, seu pai, em Mambré, em Quiriat-Arbá, que é Hebron, onde viveram Abraão e Isaac.

<sup>28</sup>Os dias de Isaac foram de cento e oitenta anos. <sup>29</sup>Expirando, Isaac morreu e foi juntar-se aos seus antepassados, velho e saciado de dias. E os seus filhos, Esaú e Jacob, sepultaram-no<sup>f</sup>.

<sup>a</sup> O desejo de Raquel de ter um segundo filho realiza-se, porém de uma forma dramática, que ela expressa pelo nome de *Ben-Oni, filho do meu sofrimento*. Jacob muda este nome para *Ben-yamin, filho da mão direita*, isto é, *do poder*, ou ainda *filho do Sul*, uma vez que os seus outros filhos tinham nascido a norte, na Síria mesopotâmica.

<sup>b</sup> Existem dois locais com o nome de Efrata em Israel, um em Belém e outro perto de Ramá, no território de Benjamim. Pensa-se que é neste último que se situa o túmulo de Raquel (cf. 1Sm 10,2; Jr 31,15).

<sup>c</sup> *Migdal-Éder*; isto é, *Torre do Rebanho*, parece ser o nome de uma colina de Jerusalém, situada a norte de Ofel, antiga Sião; este seria o lugar onde Salomão construiu o templo.

<sup>d</sup> Esta nota sobre a coabitação de Rúben com a escrava do seu pai (mãe de Dan e Neftali) explica, em parte, o motivo pelo qual Rúben parece perder o seu estatuto de filho primogénito (48,5; 49,3-4; 1Cr 5,1).

<sup>e</sup> O que se diz dos *doze* filhos de Jacob, já desde o seu nascimento, explica-se melhor do ponto de vista das doze tribos de Israel já formadas e com alguma história. As tribos de Israel são relacionadas com a linha patriarcal por meio dos doze filhos de Jacob. A apresentação do elenco das doze tribos passa por várias fases, com variantes. Em 29,31-30,24 chega a doze pela inclusão de Dina, que, depois, é substituída por Benjamim: 49,27-28. Os «doze filhos de Jacob» podem bem ser os antepassados epónimos das tribos já constituídas. Um *epónimo* é uma personagem que dá nome a um povo, a uma cidade, a um território. Aliás, na designação *doze tribos de Israel* há bastante sistematização artificiosa.

<sup>f</sup> Cf. 25,7-9.

## 36 Descendência de Esaú em Canaã<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Esta é a genealogia de Esaú, isto é, Edom. <sup>2</sup>Esaú tomou as suas mulheres de entre as filhas de Canaã: Ada, filha de Elon, o hitita, e Oolibama, filha de Aná, filho de Cibeon, o hurrita<sup>h</sup>; <sup>3</sup>Basemat, filha de Ismael e irmã de Nebaiot.

<sup>4</sup>Ada deu à luz Elifaz para Esaú; Basemat deu à luz Reuel; <sup>5</sup>e Oolibama deu à luz a Jeús, Jalam e Corá. São estes os filhos de Esaú, que lhe nasceram na terra de Canaã.

<sup>6</sup>Esaú tomou as suas mulheres, os seus filhos, as suas filhas e todas as pessoas da sua casa, os seus rebanhos, todos os seus animais e todos os bens que adquirira na terra de Canaã e foi para uma terra, longe do seu irmão, Jacob. <sup>7</sup>Pois os seus bens eram demasiados para poderem habitar juntos; e a terra por onde andavam como estrangeiros não tinha recursos para eles por causa dos seus rebanhos. <sup>8</sup>Então Esaú foi habitar sobre a montanha de Seir, isto é, Edom.

<sup>9</sup>Esta é a genealogia de Esaú, pai dos habitantes de Edom, na montanha de Seir.

<sup>10</sup>Eis os nomes dos filhos de Esaú: Elifaz, filho de Ada, mulher de Esaú; Reuel, filho de Basemat, mulher de Esaú. <sup>11</sup>Os filhos de Elifaz foram: Teman, Omar, Cefo, Gatam e Quenaz. <sup>12</sup>Timna tornou-se concubina de Elifaz, filho de Esaú, e deu-lhe à luz Amalec. São estes os filhos de Ada, mulher de Esaú. <sup>13</sup>Estes são os filhos de Reuel: Naat, Zera, Chamá e Miza. Estes eram os filhos de Basemat, mulher de Esaú.

<sup>14</sup>Estes foram os filhos de Oolibama, filha de Aná, filho de Cibeon, mulher de Esaú; ela deu à luz a Esaú: Jeús, Jalam e Corá. <sup>15</sup>Estes são os clãs dos filhos de Esaú. Filhos de Elifaz, primogénito de Esaú: o clã de Teman, o clã de Omar, o clã de Cefo, o clã de Quenaz, <sup>16</sup>o clã de Corá, o clã de Gatam e o clã de Amalec. São estes os clãs saídos de Elifaz, no país de Edom; estes eram filhos de Ada.

<sup>17</sup>E estes são os filhos de Reuel, filho de Esaú: o clã de Naat, o clã de Zera, o clã de Chamá e o clã de Miza. São estes os clãs saídos de Reuel, na terra de Edom; estes eram os filhos de Basemat, mulher de Esaú.

<sup>18</sup>Estes são os filhos de Oolibama, mulher de Esaú: o clã de Jeús, o clã de Jalam e o clã de Corá. São estes os clãs nascidos de Oolibama, filha de Aná e mulher de Esaú.

<sup>19</sup>São estes os filhos de Esaú e são estes os seus clãs. Isto é Edom.

## Descendência de Seir

<sup>20</sup>Estes são os filhos de Seir, os hurritas, que eram os habitantes da terra: Lotan, Chobal, Cibeon, Aná, <sup>21</sup>Dichon, Écer e Dichan. São estes os clãs dos hurritas, filhos de Seir, na terra de Edom. <sup>22</sup>Os filhos de Lotan foram Hori e Hemam; e a irmã de Lotan foi Timna. <sup>23</sup>Eis os filhos de Chobal: Alvan, Manaat, Ebal, Chefó e Onam.

<sup>24</sup>Eis os filhos de Cibeon: Aiá e Aná. Foi este Aná que encontrou nascentes de água

<sup>8</sup> Este capítulo oferece uma narrativa sobre os edomitas e os seus líderes futuros, cuja listagem terá sido elaborada durante a monarquia davídica, depois de Edom ter sido subjugado (cf. 2Sm 8,13-14; 1Rs 11,14; 1Cr 1,35-54).

<sup>h</sup> O texto massorético diz: *filha de Cibeon, o beveu*. Nos vv. 20-21 e segundo as traduções antigas, Cibeon é considerado um hurrita. Trata-se de descendentes de populações do norte da Mesopotâmia, que em tempos antigos tinham dominado na região de Canaã.

no deserto, quando apascentava os jumentos de Cibeon, seu pai. <sup>25</sup>Aná teve um filho, Dichon, e uma filha, Oolibama. <sup>26</sup>Eis os filhos de Dichon: Hemedan, Echeban, Jitran e Caran. <sup>27</sup>Eis os filhos de Écer: Bilean, Zaavan e Acan. <sup>28</sup>Eis os filhos de Dichan: Uce e Aran. <sup>29</sup>Estes são os clãs dos hurritas: o clã de Lotan, o clã de Chobal, o clã de Cibeon e o clã de Aná; <sup>30</sup>o clã de Dichon, o clã de Écer e o clã de Dichan. São estes os clãs dos hurritas, segundo as suas famílias, na terra de Seir.

### Os reis de Edom<sup>a</sup>

<sup>31</sup>São estes os reis que reinaram na terra de Edom, antes que um rei reinasse sobre os filhos de Israel. <sup>32</sup>em Edom reinou Bela, filho de Beor; e o nome da sua cidade era Dinaba; <sup>33</sup>Bela morreu e reinou em seu lugar Jobab, filho de Zera de Bosra; <sup>34</sup>Jobab morreu e reinou em seu lugar Hucham, da terra de Teman. <sup>35</sup>Hucham morreu e reinou em seu lugar Hadad, filho de Bedad, que derrotou Madian nos campos de Moab. O nome da sua cidade era Avit. <sup>36</sup>Hadad morreu e reinou em seu lugar Sámela, de Massereca. <sup>37</sup>Sámela morreu e reinou em seu lugar Saul, de Reobot, nas margens do rio<sup>b</sup>. <sup>38</sup>Saul morreu e reinou em seu lugar Baal-Hanan, filho de Acbor. <sup>39</sup>Baal-Hanan, filho de Acbor, morreu e reinou em seu lugar Hadar, cuja cidade era Paú; o nome da sua mulher era Metabiel, filha de Matred, filha de Mê-Zaab.

<sup>40</sup>Estes são os nomes dos clãs de Esaú, segundo as suas famílias, lugares e denominações: o clã de Timna, o clã de Alva, o clã de Jetet, <sup>41</sup>o clã de Oolibama, o clã de Elá, o clã de Pinon, <sup>42</sup>o clã de Quenaz, o clã de Teman, o clã de Mibçar, <sup>43</sup>o clã de Magdiel e o clã de Iram. São estes os clãs de Edom, conforme o lugar onde habitavam, na terra que era sua propriedade. Este era Esaú, o pai dos habitantes de Edom.

### Ciclo de José (37,1-50,26)

## 37 José e os seus irmãos

<sup>1</sup>Jacob instalou-se na terra em que o seu pai tinha vivido como estrangeiro, a terra de Canaã<sup>c</sup>. <sup>2</sup>Esta é a genealogia de Jacob. José, um jovem com dezassete anos, andava a apascentar as ovelhas com os seus irmãos. Era ajudante dos filhos de Bila e de Zilpa, mulheres do seu pai. E José fazia chegar ao seu pai o que se dizia de mal sobre eles. <sup>3</sup>Israel amava José mais do que qualquer dos outros filhos, porque era o filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica de mangas compridas. <sup>4</sup>Os irmãos, vendo que o pai o amava mais do que a todos os seus irmãos, ganharam-lhe ódio e não conseguiram falar-lhe amigavelmente<sup>d</sup>.

<sup>a</sup> Esta lista refere dinastias de reis de Edom (vv. 31-39) que não terão reinado sucessivamente sobre o mesmo território. Eles precedem a entrada de Israel em Canaã (cf. Nm 20,14; Jz 11,17) e mantêm-se até ao tempo em que David os conquista (2Sm 8,13-14; 1Rs 11,14-17). O último dos reis, Hadar, poderá ter sido contemporâneo de Saul, cujo neto é mencionado em 1Rs 11,14.

<sup>b</sup> Trata-se do rio Eufrates.

<sup>c</sup> A história de José aparece resumida no Sl 105,17-22.

<sup>d</sup> Cf. 45,15; 50,21

<sup>5</sup>José teve um sonho e contou-o aos irmãos; e estes ficaram a odiá-lo ainda mais. <sup>6</sup>José disse-lhes: «Peço-vos que escuteis este sonho que eu tive. <sup>7</sup>Estávamos todos a atar feixes no meio do campo e o meu feixe ergueu-se e ficou de pé, enquanto os vossos se puseram à volta e se prostraram diante do meu». <sup>8</sup>Os irmãos disseram-lhe: «Será que vais querer reinar sobre nós ou dominar-nos?» E odiavam-no ainda mais, por causa dos seus sonhos e por causa das suas palavras. <sup>9</sup>Mas ele teve ainda outro sonho e contou-o aos irmãos, dizendo: «Tive ainda outro sonho. Era o Sol, a Lua e onze estrelas a prostrarem-se diante de mim». <sup>10</sup>Contou-o ao seu pai e aos seus irmãos e o seu pai repreendeu-o, dizendo-lhe: «Que sonho é esse que sonhaste? Será que eu, a tua mãe e os teus irmãos vamos chegar e prostrar-nos por terra, diante de ti?» <sup>11</sup>Os seus irmãos encheram-se de inveja dele, mas o seu pai guardou memória do acontecido.

### José é vendido pelos irmãos

<sup>12</sup>Os irmãos de José levaram o rebanho do seu pai a pastar em Siquém. <sup>13</sup>E Israel disse a José: «Os teus irmãos estão a apascentar os rebanhos em Siquém. Anda! Quero enviar-te a eles». José respondeu-lhe: «Eis-me aqui!» <sup>14</sup>Ele, então, disse-lhe: «Peço-te que vás ver se os teus irmãos estão bem e se está bem o gado; e traz-me informação». Então enviou-o do vale de Hebron e José chegou a Siquém. <sup>15</sup>Um homem encontrou-o quando estava perdido pelo campo e perguntou-lhe: «Que procuras?» <sup>16</sup>José respondeu: «Procuro os meus irmãos. Indica-me, por favor, onde é que eles apascentam o rebanho». <sup>17</sup>O homem disse-lhe: «Partiram daqui, pois eu ouvi-os dizer: “Vamos para Dotain”». José seguiu os passos dos seus irmãos e encontrou-os em Dotain<sup>e</sup>. <sup>18</sup>Eles viram-no de longe e, antes que se aproximasse deles, fizeram planos para o matar. <sup>19</sup>Disseram uns aos outros: «Eis que chega o homem dos sonhos. <sup>20</sup>Vamos! Matemo-lo, atiremo-lo a uma das cisternas e diremos que um animal feroz o devorou. Vejamos, então, em que é que ficam os seus sonhos».

<sup>21</sup>Rúben ouviu e queria livrá-lo das suas mãos. Então disse: «Não atentemos contra a sua vida». <sup>22</sup>E disse-lhes ainda: «Não derrameis sangue! Atirai-o àquela cisterna que está no deserto, mas não levanteis a mão contra ele». Era para o livrar das suas mãos e o fazer regressar ao seu pai. <sup>23</sup>E aconteceu que quando José chegou junto dos irmãos, estes despojaram José da sua túnica, a túnica de mangas compridas que trazia; <sup>24</sup>e, agarrando-o, lançaram-no à cisterna. A cisterna estava vazia, não tinha água. <sup>25</sup>Depois, sentaram-se para comer. E, erguendo os seus olhos, viram uma caravana de ismaelitas que vinha de Guilead. Os seus camelos estavam carregados de especiarias, bálsamo e resinas<sup>f</sup> e caminhavam a descer para o Egito. <sup>26</sup>Judá disse aos irmãos: «Que vantagem há em matarmos o nosso irmão, ocultando o seu sangue? <sup>27</sup>Vamos! Vendamo-lo aos ismaelitas e que a nossa mão não caia sobre ele, porque ele é nosso

<sup>e</sup> Tal como acontece neste texto, *Dotain* e *Dotan* são provavelmente duas formas do mesmo nome de uma localidade situada a norte de Siquém.

<sup>f</sup> Trata-se de produtos de alto valor, cuja identificação concreta é difícil.

irmão e da nossa carne». E os seus irmãos concordaram<sup>a</sup>. <sup>28</sup>Quando os negociantes madianitas passaram por ali, os irmãos puxaram José e fizeram-no subir da cisterna e venderam-no aos ismaelitas por vinte peças de prata. E eles levaram José para o Egito. <sup>29</sup>Quando Rúben voltou à cisterna, José já não estava ali<sup>b</sup>; e Rúben rasgou as suas vestes. <sup>30</sup>E, voltando para junto dos irmãos, disse: «O menino já não está ali. E eu, para onde irei eu?» <sup>31</sup>Então, eles tomaram a túnica de José, degolaram um cabrito e mergulharam a túnica no sangue. <sup>32</sup>Depois, enviaram a túnica de mangas compridas, fazendo-a chegar ao seu pai, dizendo: «Encontrámos isto; verifica se é ou não a túnica do teu filho». <sup>33</sup>Ele reconheceu-a e exclamou: «É a túnica do meu filho! Um animal feroz devorou-o! José foi certamente despedaçado!» <sup>34</sup>E Jacob rasgou as suas vestes, cingiu os seus rins com saco e fez luto pelo seu filho durante muitos dias. <sup>35</sup>Todos os seus filhos e filhas vieram para o consolar, mas ele recusou toda a consolação, dizendo: «Descerei em luto para junto do meu filho, no mundo dos mortos!» E o seu pai continuou a chorá-lo<sup>c</sup>. <sup>36</sup>Quanto aos madianitas, foram para o Egito e venderam José a Potifar, um oficial do faraó e chefe dos guardas<sup>d</sup>.

## 38 História de Judá e Tamar

<sup>1</sup>E aconteceu que, naquele tempo, Judá afastou-se dos seus irmãos e foi até junto de um homem de Adulam, chamado Hirá. <sup>2</sup>Judá viu ali a filha de um cananeu, cujo nome era Chua: tomou-a por mulher e juntou-se com ela. <sup>3</sup>Ela concebeu e deu à luz um filho; e ele deu-lhe o nome de Er. <sup>4</sup>Ela voltou a conceber e teve um filho e deu-lhe o nome de Onan. <sup>5</sup>Concebeu de novo e deu à luz um filho e deu-lhe o nome de Chelá. Judá estava em Quesib, quando ela deu à luz este seu filho. <sup>6</sup>Judá escolheu para Er, seu primogénito, uma mulher chamada Tamar. <sup>7</sup>Mas Er, o primogénito de Judá, era mau aos olhos do SENHOR e o SENHOR fez com que ele morresse. <sup>8</sup>Então Judá disse a Onan: «Junta-te à mulher do teu irmão, cumpre para com ela o dever de cunhado e dá uma descendência ao teu irmão<sup>e</sup>». <sup>9</sup>Mas Onan percebeu que essa descendência não seria sua e, quando se juntava com a mulher do seu irmão, derramava no chão o sémen, a fim de não dar descendência ao seu irmão<sup>f</sup>. <sup>10</sup>Fez o mal aos olhos do SENHOR, que lhe deu a morte a ele também. <sup>11</sup>Então Judá disse a Tamar, sua nora: «Fica como viúva na casa do teu pai, até que o meu filho Chelá cresça». Pois ele pensava: «Que não morra também este como os seus irmãos». E Tamar foi-se embora e ficou a morar na casa do seu pai.

<sup>a</sup> A compreensão global dos vv. 18-28 é complexa: por um lado os irmãos tinham concordado em o vender aos ismaelitas (vv.27-28), mas o narrador menciona a venda aos comerciantes madianitas (v.28.36). É possível que o narrador tenha identificado madianitas com ismaelitas (cf. Jz 8,24), por se tratar de grupos que viviam em regiões parcialmente coincidentes.

<sup>b</sup> Cf. 42,22.

<sup>c</sup> Cf. 42,38.

<sup>d</sup> Estes títulos significam respetivamente *eunuco* e *chefe dos carneiros*, mas títulos deste género aparecem usados para designar altos cargos da corte, tanto no Egito como na Pérsia.

<sup>e</sup> Sobre esta tradição cf. Dt 25,5-10; Rt 1,15; 4.

<sup>f</sup> Este comportamento de Onan deu origem ao conceito de onanismo.

<sup>12</sup>Passaram-se muitos dias e morreu a filha de Chua, mulher de Judá. Quando terminou o luto, Judá subiu a Timna com o seu amigo Hirá, de Adulam, até junto dos tosquiadores dos seus rebanhos. <sup>13</sup>Informaram disso Tamar, dizendo: «O teu sogro está a subir para Timna, para a tosquia das suas ovelhas». <sup>14</sup>Então ela tirou as vestes de viúva, cobriu-se com um véu, tapou-se e sentou-se à entrada de Enaim, no caminho de Timna, porque via que Chelá já tinha crescido e ela ainda não lhe fora dada por mulher. <sup>15</sup>Judá viu-a e tomou-a por uma prostituta, porque tinha a cara coberta. <sup>16</sup>Desviou-se do caminho em direção a ela e disse-lhe: «Deixa-me ir contigo». Ele não sabia que ela era a sua nora. E ela respondeu: «O que me darás para vires comigo?» <sup>17</sup>Judá respondeu: «Mandar-te-ei um cabrito do rebanho». Tamar replicou: «Só se me deres algo como penhor, enquanto espero que o envies». <sup>18</sup>Judá perguntou-lhe: «Que penhor te hei de dar?» Ao que ela respondeu: «O teu selo, o teu cordão e o teu bastão que tens na mão». Judá deu-lhos, uniu-se a ela e ela ficou grávida dele. <sup>19</sup>Depois, levantando-se, partiu, tirou o véu da cabeça e voltou a colocar as suas vestes de viúva. <sup>20</sup>Judá enviou o cabrito por intermédio do seu amigo adulamita, a fim de recuperar o penhor das mãos daquela mulher; mas este não a encontrou. <sup>21</sup>Interrogou os habitantes da terra dela, dizendo: «Onde está a prostituta<sup>g</sup> que estava em Enaim, à beira do caminho?» Eles responderam: «Não houve aqui nenhuma prostituta». <sup>22</sup>Voltou então para junto de Judá e disse: «Não a encontrei e, além disso, os habitantes daquele lugar disseram que ali não houve nenhuma prostituta». <sup>23</sup>Judá disse: «Que ela fique com o que tem, para que não tenhamos de nos envergonhar. Eu enviei este cabrito e tu não a pudeste encontrar». <sup>24</sup>Aconteceu que, cerca de três meses depois, disseram a Judá: «Tamar, a tua nora, prostituiu-se e até ficou grávida com a sua prostituição. Judá respondeu: «Conduzi-a fora e que ela seja queimada<sup>h</sup>». <sup>25</sup>Quando a traziam para fora, ela mandou dizer ao sogro: «Estou grávida do homem a quem estes objetos pertencem». E continuou: «Verifica, peço-te, a quem pertencem este selo, estes cordões e este bastão». <sup>26</sup>Judá reconheceu-os e disse: «Ela é mais justa do que eu, pois é verdade que não a dei ao meu filho Chelá». E nunca mais voltou a conhecê-la<sup>i</sup>. <sup>27</sup>E quando chegou a ocasião de dar à luz, Tamar trazia dois gémeos no seio. <sup>28</sup>Quando ela estava a dar à luz, um deles estendeu a mão e a parteira pegou nela, atando-lhe um fio escarlate, e disse: «Este foi o que saiu primeiro». <sup>29</sup>Mas ele retirou a mão e nasceu o seu irmão. Então a parteira disse: «Como abriste para ti uma brecha!» E, por isso, lhe chamaram Peres<sup>j</sup>. <sup>30</sup>Em seguida, nasceu o irmão que trazia numa das mãos o fio escarlate; e chamaram-lhe Zera<sup>k</sup>.

<sup>g</sup> Para designar a prostituta, o hebraico utiliza a expressão *a santa*, designação alternativa usada tanto para homens como para mulheres que se dedicavam à prostituição associada a cultos de fertilidade.

<sup>h</sup> Logo que recebe a notícia de que a sua nora viúva estava grávida, Judá assume o papel de um juiz; uma vez que ela estaria sob a sua autoridade. A sentença é a pena de morte (cf. Lv 20,10; Dt 22,22).

<sup>i</sup> *Conhecê-la*, no sentido de ter relações sexuais.

<sup>j</sup> O termo hebraico *peres* significa brecha, fenda, rombo.

<sup>k</sup> O termo hebraico *zerah* exprime a cor avermelhada do nascer do sol. Daí o termo *mizrah* para designar o oriente.

### 39 José, prisioneiro no Egito<sup>a</sup>

<sup>1</sup>José foi levado para o Egito. Potifar, um egípcio, oficial do faraó e chefe dos guardas<sup>b</sup> comprou-o aos ismaelitas que o tinham levado para lá. <sup>2</sup>O SENHOR estava com José, que se tornou um homem bem-sucedido, permanecendo na casa do seu senhor egípcio. <sup>3</sup>O seu senhor viu que o SENHOR estava com ele. E o SENHOR fazia prosperar tudo o que ele empreendia. <sup>4</sup>José encontrou favor diante dos seus olhos e ficou ao seu serviço. Potifar pô-lo à frente da sua casa e confiou-lhe tudo o que possuía. <sup>5</sup>E aconteceu que, a partir do momento em que o pôs à frente da sua casa e de tudo aquilo que ele tinha, o SENHOR abençoou a casa do egípcio, por causa de José; e a bênção do SENHOR estendeu-se sobre todos os seus bens, tanto em casa como no campo. <sup>6</sup>Então, abandonou nas mãos de José tudo o que possuía e não quis saber de mais nada, a não ser do pão que comia.

E aconteceu que José era belo de aspeto e belo de figura. <sup>7</sup>E aconteceu que, depois de tudo isto, a mulher do seu senhor ergueu os seus olhos para José e disse: «Deita-te comigo». <sup>8</sup>Mas ele recusou e disse à mulher do seu senhor: «Olha! Comigo aqui, o meu senhor não se preocupa com nada da sua casa; e entregou nas minhas mãos tudo o que tem. <sup>9</sup>Ele mesmo não está acima de mim nesta casa, nem me proibiu coisa alguma, com exceção de ti, porque és sua esposa. Como poderei cometer uma tão grande falta e assim ofender a Deus?»<sup>c</sup> <sup>10</sup>E apesar de ela repetir o convite todos os dias a José, ele não a escutou no sentido de se deitar com ela e de estar com ela. <sup>11</sup>Mas aconteceu que, certo dia, ao entrar em casa para fazer o seu trabalho, quando não havia lá em casa nenhum dos homens da casa, <sup>12</sup>ela segurou-o pelo manto, dizendo: «Deita-te, comigo». Mas ele abandonou o manto na mão dela, fugiu e saiu para fora. <sup>13</sup>Quando ela viu que ele lhe abandonara o manto na sua mão e fugira para fora, <sup>14</sup>chamou pelos homens da sua casa e disse-lhes: «Vede! Ele trouxe-nos um homem hebreu para se rir de nós! Ele chegou-se a mim para se deitar comigo e eu tive de gritar bem alto. <sup>15</sup>E quando me ouviu levantar a voz e gritar, abandonou o seu manto junto de mim, fugiu e saiu para fora». <sup>16</sup>Depois ela poisou o manto dele junto dela, até que o senhor dele regressasse à sua casa. <sup>17</sup>E ela referiu-lhe aquelas coisas, dizendo: «O escravo hebreu que nos trouxeste chegou-se a mim para se rir de mim. <sup>18</sup>Depois, como levantei a voz e gritei, deixou o seu manto junto de mim e fugiu para fora». <sup>19</sup>Quando o seu senhor ouviu as palavras da sua mulher, que lhe dizia: «Foi isto o que o teu escravo me fez», ficou enfurecido.

<sup>a</sup> Os cc. 39–41 constituem uma narrativa centrada nos problemas e sucessos relacionados com a vida e ascensão de José no Egito. No interior da narrativa, o autor dividiu o c. 39 em três cenas: as primeiras duas na casa de Potifar (vv. 1-6 e 7-20) e a terceira na prisão (vv. 21-23).

<sup>b</sup> Cf. 37,36.

<sup>c</sup> José tem a percepção de que cometer semelhante ofensa para com o seu senhor é fazê-lo igualmente a Deus. Por isso ele permanece fiel a Deus, permanecendo fiel ao seu senhor. Ele entende o adultério como um uso irresponsável de poder e uma violação da relação de confiança que ele tem com ambos: Potifar e Deus. Sobre esta dupla vertente do agir humano, cf. 40,1; 42,22; 43,9.

<sup>20</sup>O senhor de José mandou-o agarrar e colocou-o na prisão, no lugar onde estavam detidos os prisioneiros do rei. E José ficou lá na prisão<sup>d</sup>. <sup>21</sup>O SENHOR estava com José, concedeu-lhe misericórdia e fê-lo encontrar favor aos olhos do chefe da prisão. <sup>22</sup>O chefe da prisão confiou ao cuidado de José todos os prisioneiros que estavam na prisão; e tudo o que eles faziam era ele que o mandava fazer. <sup>23</sup>O chefe da prisão não se preocupava com coisa alguma do que estava na sua mão, porque o SENHOR estava com ele; e o SENHOR fazia com que ele fosse bem-sucedido em tudo o que empreendia.

## 40 José interpreta os sonhos

<sup>1</sup>Depois destes acontecimentos, sucedeu que o copeiro-mor do rei do Egito e o seu padeiro ofenderam o seu senhor, o rei do Egito. <sup>2</sup>O faraó irritou-se com estes dois eunucos, o copeiro-mor e o padeiro-mor, <sup>3</sup>e colocou-os em prisão na casa do chefe dos guardas, no mesmo lugar onde José estava detido. <sup>4</sup>O chefe dos guardas encarregou José de cuidar deles e este ficou ao serviço deles. Depois de terem passado algum tempo em prisão, <sup>5</sup>o copeiro-mor e o padeiro-mor do rei do Egito, que estavam detidos na prisão, tiveram ambos, numa mesma noite, um sonho cada um e cada sonho tinha o seu significado. <sup>6</sup>De manhã, José chegou junto deles e viu que estavam preocupados. <sup>7</sup>Então perguntou aos eunucos do faraó que estavam em prisão juntamente com ele na casa do seu senhor: «Por que razão o vosso rosto está hoje assim abatido?» <sup>8</sup>Responderam-lhe: «Tivemos um sonho e não há ninguém que o possa interpretar». José disse-lhes: «Porventura não pertence a Deus fazer interpretações? Contai-me, por favor!»

<sup>9</sup>O copeiro-mor contou o seu sonho a José, dizendo-lhe: «No meu sonho, uma videira estava diante de mim. <sup>10</sup>E nessa videira havia três ramos. Mal ela floriu, as flores cresceram e os rebentos da videira deram uvas maduras. <sup>11</sup>A taça do faraó estava na minha mão; eu colhia as uvas e espremia-as para a taça do faraó e colocava a taça na mão do faraó». <sup>12</sup>José respondeu: «Eis a explicação do sonho: os três ramos são três dias. <sup>13</sup>Dentro de três dias, o faraó levantar-te-á a cabeça<sup>e</sup>, fazendo-te voltar ao teu posto; e tu colocarás a taça do faraó na sua mão, como na anterior posição em que eras o seu copeiro. <sup>14</sup>Mas lembra-te de mim, quando tudo estiver bem contigo, trata-me, por favor, com benevolência<sup>f</sup>: lembra-te de mim junto do faraó para que ele me faça sair desta casa. <sup>15</sup>Pois fui arrebatado da terra dos hebreus e também aqui nada fiz para me colocarem nesta masmorra». <sup>16</sup>Quando o padeiro-mor viu que ele tinha feito uma interpretação favorável, disse a José: «Eu também sonhei que estavam três cestos de bolos sobre a minha cabeça. <sup>17</sup>No cesto de cima havia todo o

<sup>d</sup> A prisão seria a mais leve das penas numa tal situação, que habitualmente previa a pena de morte (cf. Lv 20,10; Dt 22,22).

<sup>e</sup> Lit.: ... *levantar-te-á a cabeça*. É uma metáfora frequente para indicar a libertação de uma acusação.

<sup>f</sup> Ao usar o termo hebraico *benevolência*, José pede que este copeiro-mor proceda como Deus, cuja ação para com os homens se caracteriza pela misericórdia (*bened*). Cf. 39,21.

tipo de manjares que o padeiro preparava para o faraó, mas as aves comiam-nos do cesto que estava sobre a minha cabeça». <sup>18</sup>José tomou a palavra e disse: «Esta é a sua interpretação: os três cestos são três dias. <sup>19</sup>Dentro de três dias, o faraó levantará a tua cabeça, tirando-a de cima de ti, suspender-te-á num madeiro e as aves comerão da tua carne». <sup>20</sup>Aconteceu que, no terceiro dia, aniversário do nascimento do faraó, este deu um banquete a todos os seus servos e levantou a cabeça do copeiro-mor e do padeiro-mor: <sup>21</sup>fez voltar o copeiro-mor para lhe dar de beber e ele voltou a colocar a taça na mão do faraó. <sup>22</sup>Mas quanto ao padeiro-mor, suspendeu-o num madeiro, como José lhes tinha interpretado. <sup>23</sup>Porém, o copeiro-mor não se lembrou mais de José e esqueceu-se dele.

## 41 Os sonhos do faraó

<sup>1</sup>Aconteceu que, ao fim de dois anos, o faraó teve um sonho. Ele estava de pé junto do Nilo. <sup>2</sup>E do Nilo subiam sete vacas de belo aspeto e gordas, que se puseram a pastar entre os juncos. <sup>3</sup>Depois destas, subiam do Nilo outras sete vacas, de mau aspeto e magras; elas pararam junto das primeiras vacas, na margem do Nilo. <sup>4</sup>E as vacas de mau aspeto e magras devoraram as sete vacas de belo aspeto e gordas. Nisto, o faraó acordou. <sup>5</sup>Depois adormeceu e sonhou pela segunda vez. Sete espigas de trigo germinaram de uma mesma haste, gordas e boas. <sup>6</sup>Mas logo a seguir, sete espigas magras e ressequidas pelo vento leste germinaram a seguir às primeiras. <sup>7</sup>E as espigas magras engoliram as sete espigas gordas e cheias. E nisto o faraó acordou: era um sonho. <sup>8</sup>Aconteceu que, de manhã, o seu espírito estava agitado e mandou chamar todos os magos do Egito e todos os seus sábios. E o faraó contou-lhes o seu sonho, mas ninguém conseguia interpretá-los para o faraó. <sup>9</sup>Então o copeiro-mor falou ao faraó nestes termos: «Hoje recordo a minha falta. <sup>10</sup>O faraó estava irritado com os seus servos; colocou-me em prisão, a mim e ao padeiro-mor, na casa do chefe dos guardas. <sup>11</sup>Eu e ele tivemos um sonho na mesma noite e os nossos sonhos tinham, cada um, o seu significado. <sup>12</sup>Estava lá connosco um jovem hebreu, escravo do chefe dos guardas. Contámos-lhe os nossos sonhos e ele interpretou-os: interpretou a cada um o seu sonho. <sup>13</sup>E tudo aconteceu como ele tinha interpretado: a mim, fez-me voltar para o meu posto; e ao outro, mandou-o suspender».

## José diante do faraó

<sup>14</sup>O faraó mandou chamar José e tiraram-no rapidamente da masmorra. Fez a barba, mudou as vestes e apresentou-se diante do faraó. <sup>15</sup>O faraó disse a José: «Tive um sonho e ninguém o consegue interpretar. Mas eu ouvi dizer a teu respeito que basta escutares um sonho para o interpretares». <sup>16</sup>José respondeu ao faraó, dizendo: «Não sou eu, é Deus que dará ao faraó uma resposta favorável». <sup>17</sup>Então o faraó disse assim a José: «No meu sonho, eu estava junto à margem do Nilo. <sup>18</sup>E do rio subiam sete vacas, gordas e de belo aspeto, que se puseram a pastar entre o junco. <sup>19</sup>Depois destas, subiam outras sete vacas miseráveis, de muito mau aspeto e descarnadas; nunca vi

outras tão más como estas em toda a terra do Egito. <sup>20</sup>As vacas magras e enfezadas devoraram as sete primeiras vacas gordas. <sup>21</sup>Estas entraram para o seu ventre, mas não se notava que tivessem ali entrado, porque o seu aspeto permaneceu enfezado como antes. E nisto acordei. <sup>22</sup>Depois, vi no meu sonho sete espigas germinarem sobre uma mesma haste, cheias e boas. <sup>23</sup>Mas depois destas germinaram outras sete espigas, magras e ressequidas pelo vento leste. <sup>24</sup>E estas espigas magras engoliram as sete espigas boas. Contei isto aos magos e nenhum me deu qualquer explicação». <sup>25</sup>José disse ao faraó: «O sonho do faraó é só um. Deus anunciou ao faraó aquilo que vai fazer. <sup>26</sup>As sete vacas boas são sete anos; as sete espigas boas são sete anos; elas são um mesmo sonho. <sup>27</sup>E as sete vacas magras e más que subiam atrás delas são sete anos; e as sete espigas magras e ressequidas pelo vento leste serão sete anos de fome. <sup>28</sup>Esta é a palavra que eu disse ao faraó: o que Deus vai fazer, mostrou-o ao faraó. <sup>29</sup>Sim, vão chegar sete anos de grande abundância para toda a terra do Egito. <sup>30</sup>Mas a seguir surgirão sete anos de fome<sup>a</sup>; toda a abundância do Egito será esquecida e a fome devastará a terra. <sup>31</sup>Não mais se conhecerá a abundância na terra, devido à fome que se seguirá, porque será muito severa. <sup>32</sup>E o facto de o sonho se ter repetido duas vezes para o faraó é porque esta coisa está estabelecida da parte de Deus e porque Deus está para realizá-la em breve. <sup>33</sup>Portanto, que o faraó procure um homem inteligente e sábio<sup>b</sup> e o estabeleça sobre o país do Egito. <sup>34</sup>Que o faraó procure estabelecer comissários para a terra e um imposto de um quinto sobre as colheitas do Egito, durante os sete anos de abundância. <sup>35</sup>Que eles recolham todo o alimento que sobra durante estes anos bons que se aproximam e o armazenem nas cidades, sob a autoridade do faraó, e o guardem para alimento. <sup>36</sup>Este alimento será para prover aos sete anos de fome que acontecerão na terra do Egito; e a terra não perecerá pela fome».

### **José, representante do faraó**

<sup>37</sup>Estas palavras agradaram aos olhos do faraó e aos olhos de todos os seus servos. <sup>38</sup>Então o faraó disse aos seus servos: «Poderemos nós encontrar outro homem como este, que tem nele o espírito de Deus?» <sup>39</sup>E o faraó disse a José: «Depois de Deus te ter dado a conhecer tudo isto, não há ninguém tão inteligente e tão sábio como tu. <sup>40</sup>Tu mesmo serás superintendente sobre a minha casa; todo o meu povo obedecerá às tuas ordens e somente pelo trono é que eu serei maior do que tu». <sup>41</sup>E o faraó disse ainda a José: «Repara que eu te coloco acima de toda a terra do Egito».

<sup>42</sup>Então o faraó tirou da mão o seu anel de selar, colocou-o na mão de José, mandou-o vestir com vestes de linho fino e pôs-lhe um colar de ouro ao pescoço. <sup>43</sup>Mandou-o subir para o segundo dos seus carros e gritavam diante dele: «Prestem

<sup>a</sup> As circunstâncias de fome são referidas em Israel (2Sm 24,13) e não eram desconhecidas no Egito e na Mesopotâmia.

<sup>b</sup> Cf. Dt 4,6; 1Rs 3,12.

homenagem!»<sup>a</sup> E assim ele foi estabelecido acima de toda a terra do Egito. <sup>44</sup>O faraó disse a José: «Eu sou o faraó; mas, sem a tua permissão, ninguém poderá erguer a mão ou o pé em toda a terra do Egito». <sup>45</sup>O faraó deu a José o nome de Safnat-Panéa<sup>b</sup> e deu-lhe por mulher Assenat, filha de Potifera, sacerdote de On. E assim José se tornou chefe da terra do Egito. <sup>46</sup>José tinha trinta anos quando se apresentou diante do faraó, rei do Egito. E saindo da presença do faraó, José percorreu todo o país do Egito. <sup>47</sup>Durante os sete anos de fertilidade, a terra produziu colheitas abundantes. <sup>48</sup>Ele juntou todas as provisões dos sete anos de abundância que houve na terra do Egito. E fez aprovisionamento de alimento nas cidades. As provisões dos campos à volta de cada cidade guardaram-nas em cada uma delas. <sup>49</sup>José acumulou trigo como a areia do mar, em tão grande quantidade que deixaram de o medir, pois era incalculável.

<sup>50</sup>Antes de chegar o ano da fome, nasceram a José dois filhos, que lhe deu Assenat, filha de Potifera, sacerdote de On. <sup>51</sup>José deu ao primogénito o nome de Manassés: «Porque – disse ele – Deus fez-me esquecer toda a minha tribulação e toda a casa do meu pai». <sup>52</sup>Ao segundo deu o nome de Efraim: «Porque – disse ele – Deus fez-me frutificar na terra da minha aflição». <sup>53</sup>Terminaram os sete anos de abundância que houve na terra do Egito; <sup>54</sup>e começaram a vir os sete anos de fome, tal como José predissera. Houve fome em todos os países, mas em todo o país do Egito havia pão. <sup>55</sup>Houve fome por toda a terra do Egito e o povo clamou por pão junto do faraó. O faraó respondeu a todos os egípcios: «Ide ter com José e fazei o que ele vos disser». <sup>56</sup>A fome estendeu-se por toda a superfície do país e José abriu todos os celeiros e vendeu trigo aos egípcios. Mas a fome tornou-se severa no país do Egito. <sup>57</sup>E de todos os países vinham ao Egito comprar trigo a José, pois a fome era severa em toda a terra.

## 42 Os irmãos de José no Egito

<sup>1</sup>Jacob viu que havia trigo no Egito e disse aos seus filhos: «Por que ficais a olhar?» <sup>2</sup>E disse: «Ouvi dizer que há trigo no Egito. Descei até lá e comprai para nós, para vivermos e não morrermos». <sup>3</sup>Os irmãos de José desceram então, em número de dez, para comprar trigo do Egito. <sup>4</sup>Quanto a Benjamim, irmão de José, Jacob não o deixou ir com os irmãos, pois dizia para si mesmo: «Pode acontecer-lhe alguma desgraça». <sup>5</sup>Os filhos de Israel<sup>c</sup> chegaram para comprar trigo, juntamente com outros que chegavam, pois havia fome na terra de Canaã.

<sup>a</sup> A tradução dos LXX e a Vulgata entenderam o termo original, *abrek*, como vindo de uma raiz *barak*, derivada do substantivo *berek* (*joelho*), com o sentido de *ajoelhar*, *inclinár*. Uma eventual origem egípcia da expressão daria um sentido algo semelhante ao de: *Prestai atenção*.

<sup>b</sup> A transcrição do nome *Panéa* registada em hebraico corresponde ao egípcio *pa'ankh*, que significa a vida e é conhecido como um conceito e símbolo dos deuses e do faraó. O nome de *Assenet* tem ligação com a deusa Neit; *Potifera*, tal como o nome de *Potifar* de 37,36 significa *dom de Ré*. *On* é o nome egípcio de da cidade de Heliópolis, que era um santuário de grande influência cultural e política no Baixo Egito.

<sup>c</sup> A expressão *filhos de Israel* (cf. 46,5.8) pode aqui ter alguma ambiguidade. Refere-se em primeiro lugar ao patriarca Israel, que na narração é sobretudo designado por Jacob. Porém, também pode ser uma referência aos *filhos de Israel* enquanto designação do futuro povo, antecipando o Israel do Êxodo.

<sup>6</sup>Ora José era governador da terra e era ele que mandava vender o trigo a toda a população do país. Quando os irmãos de José chegaram, prostraram-se diante dele com o rosto por terra<sup>d</sup>. <sup>7</sup>Vendo os irmãos, José reconheceu-os, mas comportou-se como estrangeiro para eles e falou com eles com dureza, dizendo-lhes: «De onde vindes?» Eles responderam: «Da terra de Canaã, para comprar alimento». <sup>8</sup>José reconheceu os irmãos, mas eles não o reconheceram.

<sup>9</sup>José recordou-se, então, dos sonhos que tivera acerca deles e disse-lhes: «Vós sois espíões! Viestes para ver as fraquezas da terra». <sup>10</sup>Responderam-lhe: «Não, meu senhor! Os teus servos vieram para comprar alimento. <sup>11</sup>Somos todos filhos de um mesmo homem; somos pessoas corretas<sup>e</sup>. Os teus servos não são espíões». <sup>12</sup>Ele disse-lhes: «Não! Viestes reconhecer as fraquezas da terra». <sup>13</sup>Eles responderam-lhe: «Nós, os teus servos, éramos doze irmãos, filhos de um mesmo homem na terra de Canaã. O mais pequeno está junto do nosso pai neste momento e o outro já não existe». <sup>14</sup>José disse-lhes: «É aquilo que eu vos disse: vós sois espíões! <sup>15</sup>Por isto sereis postos à prova. Pela vida do faraó<sup>f</sup>! Não saireis daqui enquanto o vosso irmão mais pequeno não vier aqui. <sup>16</sup>Mandai um de vós buscar o vosso irmão e vós ficareis prisioneiros. E que sejam comprovadas as vossas palavras, para saber se falais verdade ou não. Mas se não, sois mesmo espíões. Pela vida do faraó!» <sup>17</sup>E colocou-os em prisão durante três dias.

<sup>18</sup>No terceiro dia, José disse-lhes: «Fazei o seguinte e vivereis. Eu sou temente a Deus. <sup>19</sup>Se sois corretos, que um dos vossos irmãos fique detido por vós na prisão. E vós, os outros, ide e levai trigo para matar a fome das vossas casas. <sup>20</sup>Depois, trazei-me o vosso irmão mais pequeno. Assim as vossas palavras serão confirmadas e não morrereis». E eles assim fizeram. <sup>21</sup>Disseram, então, uns aos outros: «Na verdade, nós somos culpados relativamente ao nosso irmão, pois vimos a sua angústia, quando nos implorou compaixão, e não demos ouvidos. Por isso veio sobre nós esta desgraça».

<sup>22</sup>Rúben respondeu-lhes nestes termos: «Eu bem vos dizia, então: “Não pequeis contra o menino!” Mas não me escutastes. E agora pedem-nos contas do seu sangue». <sup>23</sup>Ora eles não sabiam que José os compreendia, porque falavam entre si por meio de um intérprete. <sup>24</sup>José afastou-se deles e chorou. Depois voltou para junto deles e falou-lhes. Escolheu de entre eles Simeão e mandou-o para a prisão à vista deles.

<sup>d</sup> Inicia aqui (vv. 6-24) um dos quatro diálogos mais importantes entre José e os seus irmãos (cf. 43,27-31; 44,15-13; 50,15-21). O facto de se prostrarem diante de José realiza o sonho descrito em 37,7; reforçado pelo modo como eles o tratam: meu senhor, vossos servos (vv. 10.11.13.30.33).

<sup>e</sup> Esta referência à sua honestidade e integridade ocorre nos vv. 11.19.31.33.34 e parece querer evocar o seu comportamento para com José e para com o seu pai, comportamento que foi precisamente o oposto. É isto que José parece querer pôr à prova.

<sup>f</sup> O juramento *pela vida do faraó* reflete um uso que Israel faz em relação a Deus e aos reis nos seus juramentos (cf. 1Sm 17,55; 2Sm 15,21).

### Regresso dos filhos de Jacob a Canaã

<sup>25</sup>José ordenou que enchessem os seus sacos de trigo, que lhes devolvessem o dinheiro, a cada um no seu saco, e que lhes dessem provisões para a viagem. Tudo isso lhes foi feito. <sup>26</sup>Eles carregaram o seu trigo nos seus jumentos e partiram dali. <sup>27</sup>Quando um deles abriu o saco para dar ração ao seu jumento, no lugar onde pernoitaram, encontrou o seu dinheiro. Estava na boca do seu saco. <sup>28</sup>E disse aos seus irmãos: «Devolveram-me também o meu dinheiro; está aqui na minha saca». Estremeceu-lhes o coração e, aterrorizados, diziam uns para os outros: «O que é isto que Deus<sup>a</sup> nos fez?» <sup>29</sup>Chegando junto de Jacob, seu pai, na terra de Canaã, contaram-lhe tudo o que lhes tinha acontecido, dizendo: <sup>30</sup>«O homem que é senhor daquela terra falou-nos com dureza; e tratou-nos como se estivéssemos a espiar o país. <sup>31</sup>Nós dissemos-lhe: “Somos pessoas corretas. Não somos espíões. <sup>32</sup>Éramos doze irmãos, filhos do nosso pai, um já não existe e o mais pequeno está agora com o nosso pai na terra de Canaã”. <sup>33</sup>E o homem que é senhor daquela terra respondeu-nos: “Nisto reconhecerei que sois corretos, se deixardes junto de mim um dos vossos irmãos; tomai o que é preciso para matar a fome das vossas casas e parti. <sup>34</sup>Depois, trazei-me o vosso irmão mais pequeno. Reconhecerei assim que não sois espíões e que sois pessoas corretas. Entregar-vos-ei, então, o vosso irmão e podereis percorrer a terra, fazendo comércio”».

<sup>35</sup>E aconteceu que, ao esvaziarem os seus sacos, cada um encontrou a sua bolsa de dinheiro dentro do seu saco. Quando viram as suas bolsas de dinheiro, eles e o seu pai ficaram com medo. <sup>36</sup>Então Jacob, seu pai, disse-lhes: «Ainda me fazeis ficar sem os meus filhos! José não existe, Simeão não existe e quereis agora levar Benjamim! Tudo isto cai sobre mim». <sup>37</sup>Rúben disse ao seu pai: «Podes tirar a vida aos meus dois filhos, se eu to não trouxer. Entrega-o nas minhas mãos e trá-lo-ei para junto de ti». <sup>38</sup>Jacob respondeu: «Não! O meu filho não descerá convosco, porque o seu irmão morreu e restou apenas este<sup>b</sup>. Se, durante a viagem que ides fazer, lhe acontecesse algum mal, faríeis com que os meus cabelos brancos descessem em angústia ao mundo dos mortos».

## 43 Os filhos de Jacob regressam ao Egito<sup>c</sup>

<sup>1</sup>Entretanto, a fome era pesada na terra. <sup>2</sup>E aconteceu que, quando eles terminaram de consumir todo o trigo que tinham trazido do Egito, o seu pai disse-lhes: «Voltai e comprai-nos mais algum alimento». <sup>3</sup>Judá respondeu-lhe: «Aquele

<sup>a</sup> Embora tenha sido José a realizar esta ação, o narrador permite que os irmãos o interpretem no seu justo sentido: é algo que Deus permite. Esta referência a Deus representa um passo importante no desenvolvimento da narrativa (cf. 44,16; 50,17). Em 50,20 José dará a resposta a esta pergunta: Deus esteve sempre presente na sua vida, transformando tudo para o seu bem.

<sup>b</sup> Apenas este refere-se a Benjamim, o único que restava dos dois filhos de Raquel.

<sup>c</sup> Este capítulo inicia com um diálogo entre Jacob e os seus filhos (1-15), prossegue com a descrição de uma nova viagem dos filhos de Jacob ao Egito e o seu encontro com o superintendente (16-25), seguido de uma audiência com José (26-34).

homem advertiu-nos severamente, dizendo: “Não torneis a ver a minha face sem que o vosso irmão esteja convosco”. <sup>4</sup>Se estás disposto a enviar o nosso irmão connosco, então desceremos e comprar-te-emos alimento. <sup>5</sup>Mas se tu não o enviases, não desceremos, pois aquele homem disse-nos: “Não torneis a ver a minha face sem que o vosso irmão esteja convosco”». <sup>6</sup>E Israel replicou: «Por que me fizestes a maldade de informar esse homem de que tínheis ainda outro irmão?» <sup>7</sup>Eles responderam: «Aquele homem interrogou-nos cuidadosamente sobre nós e sobre a nossa terra natal, dizendo: “O vosso pai vive ainda? Tendes mais algum irmão?” Nós apenas o informámos sobre estas coisas. Como poderíamos saber que ele iria dizer: “Fazei descer o vosso irmão?”»

<sup>8</sup>E Judá disse a Israel, seu pai: «Envia o jovem comigo, a fim de que possamos levantar-nos e partir, para que possamos viver e não morrer, nós, tu e as nossas crianças. <sup>9</sup>Sou eu que respondo por ele; é de mim que o deves reclamar. Se eu não o trazer e não o puser diante de ti, fico culpado diante de ti para todo o sempre. <sup>10</sup>Pois se não nos tivéssemos demorado, já estaríamos de volta pela segunda vez!» <sup>11</sup>Israel, o seu pai, disse-lhes: «Já que tem de ser assim, fazei isto: metei nas vossas bagagens os melhores produtos do país e levai-os a esse homem como oferta: um pouco de bálsamo, um pouco de mel, especiarias, resinas, pistácios e amêndoas. <sup>12</sup>Levai também convosco o dobro do dinheiro e devolvei o dinheiro que encontrastes na boca das vossas bolsas. Foi certamente um engano. <sup>13</sup>Levai o vosso irmão e erguei-vos para voltar até junto desse homem. <sup>14</sup>Que o Deus Todo-Poderoso vos faça encontrar compaixão diante desse homem, a fim de que vos deixe vir com o outro vosso irmão e com Benjamim. Quanto a mim, se tiver de ficar sem filhos, ficarei».

### Encontro com José

<sup>15</sup>Os homens tomaram consigo estes presentes, levaram consigo o dobro do dinheiro e também Benjamim. Puseram-se a caminho, desceram ao Egito e apresentaram-se diante de José. <sup>16</sup>Logo que José viu Benjamim entre eles, disse ao que superintendia sobre a sua casa: «Manda entrar esses homens em minha casa; manda matar um animal e prepara-o, porque esses homens comerão comigo ao meio-dia». <sup>17</sup>O homem fez como José lhe dissera e introduziu os homens na casa de José. <sup>18</sup>Mas, ao serem introduzidos na casa de José, os homens sentiram medo e disseram: «Isto é por causa do dinheiro reposto nas nossas sacas da primeira vez. Fomos trazidos para aqui para nos agredirem, para caírem sobre nós e nos tornarem escravos, com os nossos jumentos».

<sup>19</sup>Aproximaram-se então do homem que superintendia sobre a casa de José e falaram-lhe à entrada da casa, <sup>20</sup>dizendo: «Por favor, meu senhor! Já aqui viemos uma primeira vez para comprar alimento. <sup>21</sup>Ora aconteceu que, ao chegarmos ao lugar onde pernoitámos, abrimos as nossas sacas e encontramos o dinheiro de cada um na boca de cada saca. Era o nosso dinheiro no seu peso exato e trouxemo-lo de volta em nossas mãos. <sup>22</sup>E trouxemos connosco outra quantia de dinheiro para comprar

alimento. Não sabemos quem colocou o nosso dinheiro nas nossas sacas». <sup>23</sup>Ele disse: «Ficai em paz! Não vos atemorizeis. O vosso Deus e Deus do vosso pai é que vos colocou um tesouro nas vossas sacas; o vosso dinheiro tinha chegado até mim». E mandou sair Simeão para junto deles. <sup>24</sup>O homem mandou-os entrar na casa de José; deu-lhes água e eles lavaram os pés; e deu forragem aos seus jumentos. <sup>25</sup>Eles prepararam os presentes antes de José chegar ao meio-dia, porque ouviram dizer que comeriam ali.

<sup>26</sup>Quando José entrou em casa, levaram-lhe para dentro de casa os presentes que tinham trazido em mão e prostraram-se por terra diante dele<sup>a</sup>. <sup>27</sup>José perguntou-lhes se estavam bem e depois disse: «O vosso pai, esse ancião do qual me falastes, está bem? Ainda é vivo?». <sup>28</sup>Eles responderam: «O teu servo, o nosso pai, está bem e ainda vive.» Então inclinaram-se e prostraram-se. <sup>29</sup>Levantando os olhos, José viu Benjamim, seu irmão, filho da sua mãe, e disse: «É este o vosso irmão mais pequeno, do qual me falastes?» E continuou: «Que Deus te seja favorável, meu filho!» <sup>30</sup>E José apressou-se a sair, porque as suas entranhas estremeceram perante o seu irmão. E como tinha necessidade de chorar, entrou nos seus aposentos e foi ali chorar. <sup>31</sup>Depois, lavou o seu rosto e voltou a sair. E, procurando dominar-se, disse: «Servi a refeição». <sup>32</sup>Serviram-no a ele à parte e a eles também à parte. E os egípcios que comiam com ele ficaram à parte também, porque não é permitido aos egípcios comer com os hebreus, pois isso era uma abominação para os egípcios<sup>b</sup>. <sup>33</sup>Sentaram-se à mesa diante dele, o primogénito, de acordo com o direito da sua primogenitura, e os mais jovens, segundo a sua idade até ao mais pequeno. E os homens olhavam uns para os outros com assombro. <sup>34</sup>Ele fez distribuir da sua frente porções para eles e a porção de Benjamim foi cinco vezes maior que a de todos os outros. E eles beberam com ele e inebriaram-se.

#### 44 José retém Benjamim<sup>c</sup>

<sup>1</sup>José deu a seguinte ordem ao superintendente da sua casa: «Enche as sacas destes homens de alimento, tanto quanto possam conter e coloca o dinheiro de cada um na boca da sua saca. <sup>2</sup>Coloca também a minha taça, a taça de prata na boca da saca do mais pequeno, juntamente com o dinheiro do seu trigo». E ele cumpriu, tal como José lhe tinha ordenado. <sup>3</sup>Quando chegou a manhã, deixaram partir os homens com os seus jumentos. <sup>4</sup>Tinham acabado de sair da cidade e ainda estavam

<sup>a</sup> O uso do verbo *prostrar-se* pode surpreender, uma vez que ele tem sempre Deus como objeto (cf. 24,26.48; 50,19) e o próprio José refere que ele não é Deus e não se sente digno de uma tal reverência. Este gesto de prostrarem-se, que se repetirá no v. 28, confirma a realização do sonho de José (37,7).

<sup>b</sup> *Hebreus* é uma designação que aparece aplicada aos filhos de Israel, sobretudo em contextos relacionados com o Egito. Este nome pode estar associado a certos nómadas (*'apiru*), dos quais os egípcios se aproveitavam ocasionalmente, mas também desconfiavam e procuravam defender-se.

<sup>c</sup> José domina a situação desde o início até ao fim. O narrador coloca, em simultâneo, Judá, agora o líder do grupo, a realizar um discurso veemente e persuasivo, que prepara a revelação de José aos seus irmãos (c. 45).

a pouca distância, quando José disse ao superintendente da sua casa: «Levanta-te e persegue esses homens e, assim que os alcançares, diz-lhes: “Por que pagastes o bem com o mal? <sup>5</sup>É precisamente por essa taça que o meu senhor bebe; e é dela que ele se serve para fazer adivinhação. Procedestes mal ao fazeres isto!”» <sup>6</sup>Tendo-os alcançado, ele disse-lhes estas mesmas palavras. <sup>7</sup>Eles responderam-lhe: «Por que diz o meu senhor estas palavras? Longe dos teus servos terem cometido uma tal ação! <sup>8</sup>Vê! Trouxemos-te do país de Canaã o dinheiro que encontrámos na boca das nossas sacas.

Como poderíamos, então, roubar da casa do teu senhor prata ou ouro? <sup>9</sup>Aquele dos teus servos que tiver consigo a taça morrerá e nós mesmos seremos servos do meu senhor!» <sup>10</sup>Então, o superintendente disse: «Muito bem! Também agora seja conforme as vossas palavras. Aquele com quem se encontrar a taça será meu servo e vós ficareis livres».

<sup>11</sup>Todos eles se apressaram a pousar por terra as sacas e cada um abriu a sua. <sup>12</sup>E o superintendente revistou-os, começando pelo maior e acabando no mais pequeno. E a taça foi encontrada na saca de Benjamim. <sup>13</sup>Eles rasgaram as suas vestes; carregou cada um o seu jumento e voltaram para a cidade.

<sup>14</sup>Judá entrou com os irmãos na casa de José, que ainda se encontrava ali e caíram com o rosto por terra diante dele. <sup>15</sup>José disse-lhes: «Que procedimento foi esse que tivestes? Não sabíeis que um homem como eu tem poder de adivinhar?» <sup>16</sup>Judá respondeu: «Que havemos de dizer ao meu senhor? Como falar e como justificar-nos? Deus descobriu a iniquidade dos teus servos. Seremos agora escravos do meu senhor, tanto nós como aquele na mão do qual se encontrou a taça». <sup>17</sup>E José replicou: «Longe de mim proceder assim! O homem na mão do qual se encontrou a taça é que será meu escravo. Quanto a vós, subi em paz<sup>d</sup> para junto do vosso pai».

<sup>18</sup>Então Judá aproximou-se de José e disse-lhe: «Por favor, meu senhor, permite que o teu servo possa dizer uma palavra aos ouvidos do meu senhor e que a tua cólera não se inflame contra o teu servo! Pois tu és como o faraó. <sup>19</sup>Quando o meu senhor interrogou os seus servos, dizendo: “Tendes ainda pai ou outro irmão?”, <sup>20</sup>nós respondemos ao meu senhor: “Temos um pai idoso e um filho pequeno da sua velhice. O seu irmão morreu e ele é o único filho da sua mãe; e o seu pai ama-o”. <sup>21</sup>Tu disseste então aos teus servos: “Trazei-mo, para que eu ponha nele os meus olhos”. <sup>22</sup>E nós respondemos ao meu senhor: “O menino não pode deixar o pai; se o deixar, o pai morrerá”.

<sup>d</sup> Esta referência à paz é irónica, considerando aquilo que o seu pai tinha dito sobre Benjamim (cf. 42,38; 43,14). A sua proposta parece generosa e magnânima, mas José sabe que eles não podem voltar para o seu pai sem Benjamim.

<sup>e</sup> Judá responde com um discurso veemente, o mais longo de todo o livro do Génesis, uma obra-prima literária, semelhante no seu poder retórico ao de Jacob em 43,3-10. Judá usa parte de diálogos prévios com José (vv. 20-23 com 42,12-20) e Jacob (vv. 24-29.32 com 37,33-35; 42,36-38; 43,2-14), e José escuta pela primeira vez a reação do seu pai ao seu desaparecimento e que ele ainda o lembra e chora (v. 28 com 37,33).

<sup>23</sup>Mas tu disseste aos teus servos: ‘Se o vosso irmão mais pequeno não descer convosco, não voltareis a ver a minha face’.<sup>24</sup>E aconteceu que, ao subirmos para junto do teu servo, o meu pai, contámos-lhe as palavras do meu senhor.<sup>25</sup>Quando o nosso pai nos disse: ‘Voltaí, comprai-nos algum alimento’.<sup>26</sup>Dissemos-lhe: ‘Não podemos descer. Se o nosso irmão mais pequeno não for connosco, não podemos descer para lá; porque não podemos aparecer diante daquele homem, se o nosso irmão mais pequeno não estiver connosco’.<sup>27</sup>O teu servo e meu pai disse-nos: ‘Vós sabeis que a minha mulher me deu dois filhos.<sup>28</sup>Um desapareceu de junto de mim e eu disse que certamente foi devorado; e desde então não tornei a vê-lo.<sup>29</sup>Se agora me tirardes também este da minha presença e se lhe acontecer algum mal, fareis descer os meus cabelos brancos em angústia ao mundo dos mortos’.<sup>30</sup>E agora, se eu voltar sem ter o menino connosco para junto do teu servo e meu pai, que tem a sua vida ligada à vida dele,<sup>31</sup>acontecerá que, não vendo o menino, ele morrerá; e os teus servos terão feito descer em angústia os cabelos brancos do teu servo e nosso pai ao mundo dos mortos.<sup>32</sup>Pois foi este teu servo que ficou responsável pelo menino perante meu pai, dizendo: ‘Se não o trouxer para junto de ti, eu serei para sempre culpado para com o meu pai’.<sup>33</sup>Agora, pois, permite que seja o teu servo a ficar como escravo do meu senhor, em lugar do menino, e que o menino suba com os seus irmãos.<sup>34</sup>Pois como poderei voltar para junto do meu pai, sem ter o menino comigo? Que eu não tenha de ver a desgraça que cairia sobre o meu pai!»<sup>a</sup>

## 45 José revela-se aos irmãos

<sup>1</sup>José não pôde conter-se diante de todos os que estavam junto dele e clamou: «Mandai sair todos da minha presença!» E não ficou ninguém com ele, quando José se deu a conhecer aos seus irmãos.<sup>2</sup>Mas ele levantou de tal modo a sua voz em choro, que os egípcios o ouviram e ouviu-o o palácio do faraó.<sup>3</sup>José disse então aos seus irmãos: «Eu sou José! O meu pai ainda é vivo?» Os seus irmãos não puderam responder-lhe, porque ficaram perturbados diante dele.<sup>4</sup>José disse aos seus irmãos: «Aproximai-vos de mim, peço-vos!» Eles aproximaram-se e José continuou: «Eu sou José, vosso irmão, que vós vendestes para o Egito.<sup>5</sup>Mas não vos entristeçais, nem vos irriteis convosco mesmos por me terdes vendido para aqui, pois foi para dar vida que Deus me enviou à vossa frente.<sup>b</sup>Pois já há dois anos que há fome na terra e ainda faltam cinco anos, em que não haverá lavoura nem colheita.

<sup>a</sup> Num surpreendente contraste com a preocupação dos irmãos com o seu pai em 37,31-35, Judá sublinha o sofrimento do pai, evidenciando que está disposto a cumprir até ao fim a promessa que lhe fez (43,9). Este discurso de Judá afirma a sua integridade, embora correndo o risco de se tornar um escravo, tal como eles fizeram com o seu irmão (37,26-27).

<sup>b</sup> O modo como José se revela aos seus irmãos toma aspetos de uma epifania: autoidentifica-se, pede para não temerem e anuncia o que Deus realizou através dele (cf. Gn 26,24). Ele é o objeto direto de todos os verbos, dos quais Deus é o sujeito (vv. 5.7-9): *Deus enviou-me*. Esta estratégia literária apresenta-o como *senhor, pai e governador do Egito* (vv. 8-9.13).

<sup>7</sup>Deus enviou-me à vossa frente para vos garantir um resto de descendentes na terra e para vos conservar a vida e serdes um grande grupo de sobreviventes. <sup>8</sup>Por isso, não fostes vós que me fizestes vir para aqui, mas foi Deus. Ele estabeleceu-me como pai para o faraó e como senhor de toda a sua casa e governador de todo o país do Egito. <sup>9</sup>Apressai-vos a voltar para junto do meu pai e dizei-lhe: “Assim fala o teu filho José: Deus fez-me senhor de todo o Egito. Desce para junto de mim; não te demores! <sup>10</sup>Habitáras na terra de Góchen e estarás perto de mim, tu e os teus filhos e os filhos dos teus filhos, o teu gado miúdo e graúdo e tudo o que te pertence. <sup>11</sup>Sustentar-te-ei ali, porque vai haver fome durante mais cinco anos. Para que não fiques em privação, tu, a tua casa e tudo o que te pertence”. <sup>12</sup>Os vossos próprios olhos, assim como os olhos do meu irmão Benjamim, estão a ver que é a minha própria boca que vos fala. <sup>13</sup>Contai ao meu pai toda a minha glória no Egito e tudo o que vestes; e apressai-vos a fazer com que o meu pai desça para aqui».

<sup>14</sup>Então lançou-se aos ombros de Benjamim, seu irmão, e chorou; e Benjamim também chorou nos ombros dele. <sup>15</sup>José beijou todos os seus irmãos e chorou com eles. E depois disto os seus irmãos puseram-se a falar com ele.

<sup>16</sup>Na casa do faraó fez-se ouvir a notícia: «Chegaram os irmãos de José!» Isto agradou aos olhos do faraó e aos olhos dos seus servos. <sup>17</sup>E o faraó disse a José: «Diz aos teus irmãos: “Fazei assim: tornai a carregar os vossos animais e ponde-vos a caminho e ide à terra de Canaã. <sup>18</sup>Trazei o vosso pai e as vossas famílias e vinde para junto de mim; dar-vos-ei o melhor da terra do Egito e comereis da fartura da terra”. <sup>19</sup>E tu ficas encarregado disto. Fazei, portanto, assim: tomai carros para as vossas crianças e para as vossas mulheres, no país do Egito. Ponde o vosso pai num carro e vinde. <sup>20</sup>Não olheis com pena para os vossos bens, porque o melhor de toda a terra do Egito será para vós».

<sup>21</sup>E os filhos de Israel assim fizeram. José deu-lhes carros, segundo as ordens do faraó; e forneceu-lhes provisões para o caminho. <sup>22</sup>A todos eles e a cada um deu mudas de roupa; e a Benjamim deu trezentas peças de prata e cinco mudas de roupa.

<sup>23</sup>E enviou ao seu pai dez jumentos carregados com os melhores produtos do Egito e dez jumentas carregadas de grão, trigo e alimento para o seu pai, para o caminho.

<sup>24</sup>Despediu-se dos irmãos e eles partiram. E disse-lhes: «Não entreis em discussões pelo caminho». <sup>25</sup>Eles subiram do Egito e chegaram à terra de Canaã, junto do seu pai, Jacob. <sup>26</sup>Informaram-no de que José estava vivo e que governava toda a terra do Egito. Porém o seu coração permaneceu frio, porque não acreditava neles.

<sup>27</sup>Repetiram-lhe então todas as palavras que José lhes dissera e, quando viu os carros que José enviara para o levar, o espírito de Jacob, seu pai, voltou a ganhar vida. <sup>28</sup>E Israel exclamou: «Basta que o meu filho José ainda esteja vivo! Vou vê-lo antes de morrer!»

---

<sup>c</sup> Os LXX e a Vulgata apresentam uma variante que acentua a responsabilidade de José sobre os seus irmãos: *dá-lhes esta ordem*.

## 46<sup>a</sup> **Jacob desce ao Egito** (12,10-20; Ex 1,1-7; Mt 2,13-15)

<sup>1</sup>Israel partiu com tudo o que lhe pertencia e chegou a Bercheba, onde ofereceu sacrifícios ao Deus do seu pai, Isaac.<sup>2</sup> Deus falou a Israel em visões da noite<sup>b</sup> e disse-lhe: «Jacob! Jacob!»<sup>c</sup> E ele respondeu: «Eis-me aqui!»<sup>3</sup> Então Deus disse: «Eu sou El<sup>d</sup>, o Deus do teu pai! Não temas em descer ao Egito, porque tornar-te-ei ali um grande povo.<sup>4</sup> Eu mesmo descerei contigo ao Egito; e, depois, Eu mesmo te farei subir de lá. E será José quem colocará a sua mão sobre os teus olhos».

<sup>5</sup>Jacob partiu de Bercheba. E os filhos de Israel transportaram Jacob, seu pai, assim como as suas crianças e as suas mulheres, nos carros que o faraó tinha enviado para o transportar.<sup>6</sup> Tomaram os seus rebanhos e os bens que tinham adquirido na terra de Canaã e chegaram ao Egito, Jacob e toda a sua descendência com ele.<sup>7</sup> Os seus filhos e os seus netos, as suas filhas e as suas netas e toda a sua descendência chegaram com ele ao Egito.

## **Família de Jacob** (Nm 26,1-51.57-62)

<sup>8</sup>Eis os nomes dos filhos de Israel que entraram no Egito<sup>e</sup>, Jacob e seus filhos: Rúben, o primogênito de Jacob,<sup>9</sup> e os filhos de Rúben: Henoc, Palú, Hesron e Carmi;<sup>10</sup> e os filhos de Simeão: Jemuel, Jamin e Oad, Jaquin e Soar; e Saul, filho da cananea.<sup>11</sup> Os filhos de Levi são: Gérson, Queat e Merari.<sup>12</sup> Os filhos de Judá: Er, Onan, Chelá, Peres e Zera. Er e Onan morreram na terra de Canaã; e os filhos de Peres foram Hesron e Hamul.<sup>13</sup> Os filhos de Issacar foram: Tola, Puvá, Job e Chimeron.<sup>14</sup> Os filhos de Zabulão foram: Séred, Elon e Jaliel.<sup>15</sup> São estes os filhos que Lia deu à luz para Jacob no território de Padan-Aram, e ainda Dina, sua filha. O total dos seus filhos e das suas filhas era de trinta e três pessoas.

<sup>16</sup>Os filhos de Gad foram: Cifion, Hagui, Chuni, Ecebon, Eri, Arodi e Areli.<sup>17</sup> Os filhos de Acher foram: Jimna, Jisva, Jisvi, Beria e sua irmã Sera; e os filhos de Beria foram: Héber e Malquiel.<sup>18</sup> São estes os filhos de Zilpa, que Labão dera à sua filha Lia; foi ela que os deu à luz a Jacob; eram ao todo dezasseis pessoas.<sup>19</sup> Os filhos de Raquel, mulher de Jacob, foram: José e Benjamim.<sup>20</sup> Assenat, filha de Potifera, sacer-

<sup>a</sup> Jacob inicia a sua viagem em Hebron (cf. 37,14) e chega a Bercheba, onde Deus tinha aparecido ao seu pai (26,23-25). Ali presta culto a Deus sobre o altar que o seu pai Isaac tinha construído, ainda antes de ter as visões. Este gesto sacrificial, raro no livro do Génesis (cf. 31,54), serve para ligar a fé de Jacob à dos seus ascendentes, a fé no *Deus do pai*. Deus confirma-o aparecendo-lhe em visões durante a noite (cf. 15,1; 28,11).

<sup>b</sup> Esta é a última teofania do período dos patriarcas. Deus ordena a Jacob que desça ao Egito, do mesmo modo que ordenara a Abraão que partisse para Canaã (12,1).

<sup>c</sup> Este duplo chamamento e a obediência imediata de Jacob são semelhantes à de Abraão (22,11).

<sup>d</sup> *El* é o nome do deus supremo do panteão canaico, conhecido desde a literatura de Ugarit; aqui é identificado com o *Deus do pai*. Contrariamente ao que aconteceu com Baal, o nome de *El* foi pacificamente associado a Javé e aparece na composição de títulos divinos.

<sup>e</sup> O autor oferece uma longa lista da descendência de Jacob, colocando os nomes individualmente e não por clãs. A sua relação com outras listas é muito complexa (cf. Nm 26,1; 1 Cr 1-9). Baseia-se no número 70 (v. 27; cf. Ex 1,5) e segue a ordem das mulheres de Jacob (vv. 15.18.22.25), designadas como mães, e dos filhos e dos netos (v. 22).

dote de On, deu-lhe à luz, no Egito, Manassés e Efraim.<sup>21</sup>E os filhos de Benjamim foram: Bela, Béquer, Achebel, Guera, Naaman, Eí, Rós, Mupim, Hupim e Ard.<sup>22</sup>São estes os filhos que Raquel deu à luz a Jacob; ao todo eram catorze pessoas.<sup>23</sup>Filho de Dan: Huchim.<sup>24</sup>Filhos de Neftali foram: Jaciel, Guni, Jécer e Chilém.<sup>25</sup>São estes os filhos de Bila, que Labão dera a Raquel, sua filha; foi ela que os deu à luz a Jacob, ao todo sete pessoas.<sup>26</sup>E todas as pessoas que entraram no Egito com Jacob nascidas dele, sem contar as mulheres dos filhos de Jacob, eram ao todo sessenta e seis pessoas.<sup>27</sup>Depois, os filhos de José que lhe nasceram no Egito: duas pessoas. O total das pessoas da casa de Jacob que foram para o Egito eram setenta pessoas.

### Encontro de Jacob com José

<sup>28</sup>Jacob mandou Judá à sua frente ter com José a Góchen, para preparar as coisas antes dele. E depois chegaram à terra de Góchen.<sup>29</sup>José mandou atrelar o seu carro e foi a Góchen, ao encontro de Israel, o seu pai. Apareceu diante dele, lançou-se-lhe ao pescoço e chorou longamente abraçado a ele.<sup>30</sup>E Israel disse a José: «Agora posso morrer, depois de ter visto o teu rosto, pois ainda estás vivo!»<sup>31</sup>José disse aos irmãos e à família do seu pai: «Vou subir, a fim de informar o faraó. Dir-lhe-ei: “Os meus irmãos e a família do meu pai, que estavam no país de Canaã, vieram para junto de mim.<sup>32</sup>Estes homens são pastores de rebanhos, pois têm sido criadores de gado; trouxeram o seu gado miúdo e graúdo e tudo o que possuíam”.<sup>33</sup>E acontecerá que quando o faraó vos mandar chamar e disser: “Qual é o vosso trabalho?”,<sup>34</sup>vós direis: “Os teus servos têm sido criadores de gado, desde a nossa juventude até ao presente, tanto nós como os nossos pais”. Deste modo, podereis viver na terra de Góchen, porque os egípcios abominam todos os pastores de gado miúdo».

### 47 Audiência com o faraó

<sup>1</sup>José chegou junto do faraó e informou-o, dizendo: «O meu pai e os meus irmãos chegaram da terra de Canaã com o seu gado miúdo e graúdo e com tudo o que possuem. Eles estão já na terra de Góchen».<sup>f</sup><sup>2</sup>Do conjunto dos seus irmãos tomou cinco homens e apresentou-os diante do faraó.<sup>3</sup>O faraó disse aos seus irmãos: «Quais são as vossas ocupações?» Eles responderam ao faraó: «Os teus servos são pastores de gado miúdo, tanto nós como os nossos pais». <sup>4</sup>Disseram ainda ao faraó: «Viemos residir como estrangeiros nesta terra, porque não há pastagens para os rebanhos dos teus servos e a fome é pesada no país de Canaã. Permite, então, aos teus servos que se estabeleçam na terra de Góchen». <sup>5</sup>O faraó disse a José: «O teu pai e os teus irmãos vieram para junto de ti. <sup>6</sup>A terra do Egito está à tua disposição; estabelece o teu pai e os teus irmãos na sua melhor terra. Que eles se estabeleçam na terra de Góchen e, se vires que entre eles há pessoas de valor, coloca-os como chefes para o gado sobre o que é meu». <sup>7</sup>José introduziu Jacob, seu pai, e apresentou-o

<sup>f</sup> Cf. Ex 1,11 onde Góchen, chamada também Ramsés (v. 11), aparece referida como uma cidade.

diante do faraó; e Jacob abençoou o faraó. <sup>8</sup>E o faraó disse a Jacob: «Quantos são os teus anos de vida?» <sup>9</sup>Jacob respondeu ao faraó: «Os anos das minhas migrações são cento e trinta. Breves e infelizes foram os anos da minha vida e não atingem os anos de vida dos meus pais, nos dias das suas migrações»<sup>a</sup>. <sup>10</sup>Jacob abençoou o faraó e retirou-se da sua presença. <sup>11</sup>José estabeleceu o seu pai e os seus irmãos e concedeu-lhes propriedade na terra do Egito, no melhor território, o de Ramsés, como o faraó lhe tinha ordenado<sup>b</sup>. <sup>12</sup>E José sustentou o seu pai, os seus irmãos e toda a casa do seu pai com alimento de acordo com os dependentes.

### **Estratégia agrária de José<sup>c</sup>**

<sup>13</sup>Faltava o pão em toda a terra; a fome era pesada. A terra do Egito e a terra de Canaã estavam esgotadas por causa da fome. <sup>14</sup>José recolheu todo o dinheiro que havia na terra do Egito e na de Canaã, em troca do trigo que eles compravam. E José fez entrar o dinheiro no palácio do faraó.

<sup>15</sup>Quando o dinheiro estava esgotado na terra do Egito e na de Canaã, todos os egípcios se dirigiram a José, dizendo: «Dá-nos pão. Por que havemos de morrer diante de ti? Pois não há dinheiro». <sup>16</sup>José respondeu: «Entregai os vossos animais e dar-vos-ei pão em troca deles, uma vez que não há dinheiro». <sup>17</sup>Trouxeram os seus gados a José e José deu-lhes pão em troca dos cavalos, do gado miúdo, do gado graúdo e dos jumentos; e forneceu-lhes alimentação em troca de todo o seu gado, durante aquele ano.

<sup>18</sup>Completado aquele ano, chegaram junto dele no segundo ano e disseram-lhe: «Não podemos esconder ao meu senhor que, tendo o dinheiro e o gado passado por completo para o meu senhor, não nos resta diante do meu senhor senão o nosso corpo e a nossa terra. <sup>19</sup>Por que havemos de morrer na tua frente, tanto nós como as nossas terras? Compra-nos a nós mesmos e às nossas terras em troca de alimento. Nós e as nossas terras seremos escravos do faraó. Dá-nos as sementes para vivermos e não percermos e para que a nossa terra não se torne um deserto». <sup>20</sup>José comprou, assim, toda a terra do Egito para o faraó, pois todos os egípcios venderam cada um o seu campo, porque a fome era forte sobre eles. E a terra ficou a pertencer ao faraó. <sup>21</sup>Quanto ao povo, José reduziu-o à servidão<sup>d</sup>, de um extremo do território do Egito até ao outro extremo. <sup>22</sup>Contudo, não comprou a terra dos sacerdotes. Pois havia um decreto para os sacerdotes da parte do faraó e eles comiam segundo o que o faraó

<sup>a</sup> Cf. 25,7 e 35,28.

<sup>b</sup> Este diálogo com o faraó sugere que o Egito não será nunca a casa definitiva deste povo. Eles não são integrados no meio do povo egípcio; permanecem um grupo de transeuntes, que, forçados pela fome, desceram até àquele lugar, ao qual nunca chamarão casa, não obstante a hospitalidade com que foram recebidos e a oportunidade que lhes foi dada de crescerem como grupo durante várias gerações (cf. Ex 1,7).

<sup>c</sup> Os vv. 13-26 ilustram a sabedoria administrativa de José, embora as medidas coercivas utilizadas possam ser consideradas também como pouco sábias (cf. Ex 1,8), principalmente quando se tornaram prolongadas.

<sup>d</sup> Esta é a versão transmitida pelo grego dos LXX. O texto hebraico diz: *mandou-o passar para as cidades*.

lhes deu por decreto; e foi por isso que eles não venderam a sua terra.<sup>23</sup> E José disse ao povo: «Hoje eu comprei-vos, a vós e às vossas terras, para o faraó. Aqui tendes as sementes para semeardes a terra;<sup>24</sup> depois, na altura da produção, dareis um quinto ao faraó; as outras quatro partes serão para vós, para semear os campos e para vosso alimento e de quem está nas vossas casas e como alimento para as vossas crianças». <sup>25</sup> Eles responderam: «Tu conservaste-nos a vida! Possamos alcançar o favor diante dos olhos do meu senhor e seremos servos do faraó». <sup>26</sup> José impôs à terra do Egito um quinto para o faraó, até ao dia de hoje. Só a terra dos sacerdotes é que não passou para o faraó.

### Últimos desejos de Jacob<sup>c</sup>

<sup>27</sup> Israel estabeleceu-se, então, na terra do Egito, na terra de Góchen; eles adquiriram ali propriedades, foram fecundos e multiplicaram-se muito. <sup>28</sup> Jacob viveu dezassete anos na terra do Egito; os seus dias de Jacob, os anos da sua vida foram cento e quarenta e sete anos. <sup>29</sup> Quando se aproximaram os dias da morte de Israel, ele mandou chamar o seu filho, José, e disse-lhe: «Se alcancei algum favor diante dos teus olhos, peço-te que ponhas a tua mão por baixo da minha coxa, jurando que vais proceder com benevolência e fidelidade para comigo. Por favor, não me sepultes no Egito. <sup>30</sup> Quando eu me deitar com os meus pais<sup>f</sup>, debes transportar-me para fora do Egito e enterrar-me no túmulo deles». José respondeu: «Procederei conforme a tua palavra». <sup>31</sup> Ele disse: «Jura-me!». Ele jurou e Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama.

## 48 Jacob abençoa os filhos de José

<sup>1</sup> Aconteceu que depois destes factos, vieram dizer a José: «Eis que o teu pai está doente». Então José tomou consigo os seus dois filhos Manassés e Efraim. <sup>2</sup> E anunciaram-no a Jacob, dizendo: «O teu filho José está a chegar junto de ti». Israel juntou as suas forças e sentou-se na cama. <sup>3</sup> E Jacob disse a José: «O Todo-Poderoso<sup>g</sup> apareceu-me em Luz, na terra de Canaã, abençoou-me<sup>4</sup> e disse-me: “Eis que te tornarei fecundo e te multiplicarei; tornar-te-ei um agrupamento de povos e darei esta terra à tua descendência, depois de ti, como propriedade perpétua<sup>h</sup>”. <sup>5</sup> E agora, os teus dois filhos que te nasceram na terra do Egito, antes da minha vinda para junto de ti, para o Egito, são meus. Efraim e Manassés serão meus, como Rúben e Simeão. <sup>6</sup> Quanto aos filhos que tiveste depois deles, ficarão para ti; e será com o

<sup>c</sup> Este momento da narrativa centra-se no final da vida de Jacob; na sua atividade testamentária, sua morte e enterro, mostrando que ele morreu em paz (cf. 46,30), apesar das várias indicações de que tal poderia não acontecer (cf. 37,35; 42,38; 44,29-31).

<sup>f</sup> ... *deitar-me com os meus pais* é uma expressão idiomática da antropologia bíblica para referir a morte (cf. 15,15; 25,8).

<sup>g</sup> Lit.: ...*El Shadday*.

<sup>h</sup> Os elementos da promessa são: o crescimento progressivo da família e da descendência (47,27) e a perspetiva de se tornarem um povo (28,3) que receberá a terra de Canaã como *propriedade perpétua*.

nome dos seus irmãos que eles serão chamados para receber a sua herança. <sup>7</sup>Quanto a mim, quando eu vinha de Padan, Raquel morreu-me no país de Canaã, durante a viagem, quando me faltava um pouco de caminho para chegar a Efrata. Sepultei-a lá, no caminho de Efrata, isto é, Belém»<sup>a</sup>.

<sup>8</sup>Israel reparou nos filhos de José e disse: «Quem são estes?» <sup>9</sup>José respondeu ao seu pai: «São os meus filhos, que Deus me deu nesta terra». E ele disse: «Aproxima-os de mim, por favor, para que eu os abençoe». <sup>10</sup>Mas os olhos de Israel estavam pesados por causa da velhice; já não conseguia ver bem. José fê-los aproximar dele e Israel beijou-os e abraçou-os. <sup>11</sup>Israel disse então a José: «Não contava tornar a ver o teu rosto. No entanto, Deus deu-me a ver também a tua descendência!» <sup>12</sup>José retirou-os de entre os joelhos dele e prostrou-se de rosto por terra. <sup>13</sup>Depois, José tomou-os a ambos, Efraim à sua direita, do lado esquerdo de Israel, e Manassés à sua esquerda, do lado direito de Israel; e aproximou-os dele. <sup>14</sup>Israel estendeu a sua mão direita, pondo-a sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e pôs a mão esquerda sobre a cabeça de Manassés. Cruzou as mãos, pois Manassés era o mais velho. <sup>15</sup>Abençoou José<sup>c</sup> e depois disse:

«Que o Deus, na presença do qual  
caminharam os meus pais, Abraão e Isaac,  
o Deus que, como pastor, me conduz  
desde que existo até este dia,

<sup>16</sup>que o mensageiro que me livrou de todo o mal,  
abençoe estes meninos.

Que neles seja evocado o meu nome  
e o nome dos meus pais, Abraão e Isaac.  
E que eles se multipliquem como peixes  
no meio da terra».

<sup>17</sup>José reparou que o seu pai tinha a mão direita colocada sobre a cabeça de Efraim e isso desagradou aos seus olhos. Então pegou na mão do seu pai, para a mudar da cabeça de Efraim para a de Manassés. <sup>18</sup>E José disse ao pai: «Assim não, meu pai! Pois este é o primogénito. Põe a tua mão direita sobre a sua cabeça». <sup>19</sup>Mas o seu pai recusou, dizendo: «Eu sei, meu filho, eu sei; também ele se tornará um povo e também ele será grande. No entanto, o seu irmão mais pequeno será maior do que

<sup>a</sup> Por razões que o autor não explicita, Jacob refere a morte de Raquel no momento da sua própria morte. A narrativa parece sugerir uma relação entre Raquel e a adoção dos filhos de José como algo que se enraíza no amor especial de Jacob pela sua esposa, que morrera ao dar à luz.

<sup>b</sup> Os vv. 8-20 descrevem um ritual de bênção que acontece depois de uma cerimónia de adoção, composta por uma verificação da identidade dos filhos (cf. 27,18) e pela confirmação de José, de eles serem um dom de Deus (41,51).

<sup>c</sup> O texto dos LXX diz: ... *abençoa-os*.

ele e a sua descendência tornar-se-á um grande entre os povos»<sup>d</sup>. <sup>20</sup>E abençoou-os, naquele dia, dizendo:

«Referindo-se a ti, Israel abençoará, dizendo:

“Deus te faça como Efraim e Manassés!”»

E assim colocou Efraim à frente de Manassés. <sup>21</sup>Depois Israel disse a José: «Eis que vou morrer, mas Deus estará convosco e vos fará voltar para a terra dos vossos pais. <sup>22</sup>Quanto a mim, dou-te Siquém<sup>e</sup>, uma porção a mais que aos teus irmãos, que conquistei aos amorreus com a minha espada e o meu arco».

## 49 **Bênçãos de Jacob (Dt 33,1-29)<sup>f</sup>**

<sup>1</sup>Jacob mandou chamar os seus filhos e disse:

«Reuni-vos, que eu vou anunciar-vos  
o que há de acontecer-vos nos dias futuros.

<sup>2</sup>Juntai-vos e escutai, filhos de Jacob,  
escutai Israel, vosso pai.

<sup>3</sup>Rúben, tu és o meu primogénito,  
a minha força e as primícias da minha virilidade,  
transbordante de atrevimento,  
transbordante de poder.

<sup>4</sup>Impetuoso como as águas, tu não terás vantagem,<sup>g</sup>  
porque subiste à cama do teu pai.  
Tu profanaste o meu leito, ao subir a ele.

<sup>5</sup>Simeão e Levi são irmãos!  
As suas lanças são instrumentos de violência<sup>h</sup>.

<sup>6</sup>Que a minha alma não se associe aos seus intentos!  
Que a minha honra não se junte à sua assembleia!  
Porque, na sua cólera, mataram homens

<sup>d</sup> Esta precedência dada por Jacob a Efraim, contrariando a ordem do nascimento dos filhos de José, contém uma dimensão etiológica que espelha a realidade histórica presente ao longo da Bíblia. Ela sublinha a importância de Jacob como antepassado de todo o povo e a apresentação de Efraim como tribo que está na base da memória histórica do povo de Israel na sua imagem global. De facto, Efraim tornar-se-á a mais importante das tribos do Reino do Norte. Esta primazia de Efraim condiz bem com a imagem proporcionada pela arqueologia e pela historiografia atuais, segundo as quais se confirma uma clara superioridade política e cultural do Reino do Norte.

<sup>e</sup> Aqui o termo hebraico *sbekem* com o significado de *ombro* joga com o nome da cidade Siquém, que será devolvida aos filhos de José, onde eles o enterrarão (Js 24,32).

<sup>f</sup> Jacob pede aos seus filhos que se juntem para escutar uma palavra sua sobre o futuro deles. Em foco estão características e realidades pertinentes no horizonte do narrador na época em que o texto recebeu a sua forma literária, tendo em conta a história e a especificidade de cada uma das tribos de Israel. Existe um movimento que vai do indivíduo, cada um dos filhos, à entidade tribal caracterizada ao longo das suas gerações (46,8; 47,27).

<sup>g</sup> O futuro de instabilidade que Jacob prevê para o seu filho, para a tribo de Rúben, irá acontecer no processo histórico de Israel (cf. Dt 33,6). A tribo, cujo território ficava a leste do mar Morto, foi progressivamente absorvida pelos moabitas.

<sup>h</sup> Cf. 34,25-31.

e, na sua exaltação, mutilaram touros.

<sup>7</sup>Maldita seja a sua cólera, que é tão forte,  
e a sua ira, que é tão cruel!

Dividi-los-ei em Jacob  
e dispersá-los-ei em Israel.

<sup>8</sup>A ti, Judá, os teus irmãos te louvarão.

A tua mão está sobre o pescoço dos teus inimigos;  
os filhos do teu pai inclinar-se-ão diante de ti!

<sup>9</sup>Tu és um jovem leão, Judá<sup>a</sup>,

quando sobes com a tua presa, meu filho!  
Ele deita-se, repousa como um leão ou uma leoa.

Quem o conseguirá levantar?

<sup>10</sup>O cetro não se afastará de Judá,  
nem o bastão de comando de entre os seus pés<sup>b</sup>,  
até que chegue aquele a quem ele pertence<sup>c</sup>  
e a quem é devida a obediência dos povos.

<sup>11</sup>Prende o seu jumentinho à videira  
e o filho da sua jumenta a um pé de vinha.

Ele lavou a sua roupa em vinho;  
e a sua túnica, no sangue das uvas.

<sup>12</sup>Os seus olhos estão turvos de vinho;  
e os dentes, brancos de leite<sup>d</sup>.

<sup>13</sup>Zabulão estará assente no litoral dos mares;  
servirá de porto aos navios  
e a sua fronteira estender-se-á até Sídon.

<sup>14</sup>Issacar é um jumento ossudo  
deitado entre duas colinas<sup>e</sup>.

<sup>15</sup>Ele viu que o descanso é bom  
e que a terra é agradável.

Mas estendeu o seu ombro para receber o jugo  
e entregou-se a um trabalho de escravo.

<sup>a</sup> Sobre a metáfora do leão e da expressão leão de Judá, cf. Nm 24,9.

<sup>b</sup> Ou: ... *de entre a sua descendência*, entendendo *os seus pés* no sentido bíblico da conhecida metáfora sexual e associando-lhe a ideia de genealogia.

<sup>c</sup> ...*a quem ele pertence*. Apesar das dificuldades do texto hebraico, este significado consta já na tradução grega dos LXX e parece referir-se a uma descendência ligada à tribo de Judá (cf. Ez 21,32; 34,23; 37,24). Mais tarde atribui-se a esta expressão uma conotação messiânica.

<sup>d</sup> O recurso insistente à metáfora do vinho e do sangue das uvas esmagadas exprime exercício de poder com dureza e eficácia. A sequência de metáforas dos vv. 11-12 refere-se possivelmente também à prosperidade de Judá. A abundância será tal que ele poderá lavar as suas vestes no vinho e ele próprio será uma pessoa de grande beleza (cf. Sl 45,2; e também Nm 24,5-7).

<sup>e</sup> A imagem parece aludir à planície de Esdrelon, no norte de Canaã, situada junto dos montes Tabor e Hermon.

- <sup>16</sup>Dan julgará o seu povo  
como uma das tribos de Israel<sup>f</sup>.
- <sup>17</sup>Dan será uma serpente junto ao caminho,  
uma víbora junto à vereda;  
ela morde os calcanhares do cavalo,  
e o seu cavaleiro cairá de costas.
- <sup>18</sup>Espero a tua salvação, ó SENHOR<sup>g</sup>!
- <sup>19</sup>Gad será assaltado por assaltantes,  
mas ele assaltá-los-á pelas costas<sup>h</sup>.
- <sup>20</sup>Acher, o seu pão será de abundância;  
e produzirá delícias dignas de um rei<sup>i</sup>.
- <sup>21</sup>Neftali é uma corça à solta,  
que dá crias formosas<sup>i</sup>.
- <sup>22</sup>José é uma a árvore produtiva,  
uma árvore produtiva junto à nascente<sup>k</sup>;  
os seus ramos estendem-se sobre o muro.
- <sup>23</sup>Os flecheiros causaram-lhe amargura,  
acusaram-no e atiraram contra ele.
- <sup>24</sup>Mas o seu arco manteve-se firme  
e ligeiros, os seus braços e mãos,  
pela mão do Poderoso de Jacob,  
pelo nome do Pastor, Rochedo de Israel,  
<sup>25</sup>graças ao Deus do teu pai<sup>l</sup>, que te ajudará,  
ao Todo-Poderoso, que te abençoará,  
com bênçãos do céu em cima,  
com bênçãos do abismo profundo,

<sup>f</sup> Não obstante o sentido positivo oferecido pela etimologia da palavra Dan, juiz, a imagem da víbora sugere que Dan, por ser uma pequena tribo, terá de lutar pela sua sobrevivência. O seu sucesso dever-se-á sempre à ajuda de outros grupos mais poderosos. A história desta tribo, que teve sempre dificuldade em fixar as suas fronteiras, é muito complexa (cf. Jz 18).

<sup>g</sup> Esta afirmação de inteira confiança no Senhor estabelece um interlúdio semelhante ao dos salmos (25,5; 38,15; 119,166). Poderia tratar-se de uma glosa, naturalmente introduzida em contexto de leitura devota.

<sup>h</sup> O próprio nome de *Gad* tem a ver com os assaltos mútuos que se repetem com frequência entre grupos que coexistem na região situada a oriente do rio Jordão.

<sup>i</sup> A situação geográfica numa zona favorável à agricultura oferece a esta tribo condições de grande fertilidade.

<sup>j</sup> A metáfora sugere que esta tribo gozará sempre de uma grande liberdade.

<sup>k</sup> Esta metáfora entrevê o crescimento da casa de José que se movimentará por todo o território. Os seus inimigos poderão atacá-la, mas ela prevalecerá sempre, na sua coragem e agilidade, devido ao auxílio divino, expresso nas imagens retiradas da prática cultual (cf. 48,15-16), o *Poderoso de Jacob* (Sl 132,2.5; Is 49,26; 60,16; *pastor* (48,15), *Rochedo de Israel* (Dt 32,15.31; 1Sm 7,12), sublinham a força e constância de Deus.

<sup>l</sup> A expressão *Deus do teu pai* (cf. Ex 3,6) estabelece uma continuidade entre as gerações, sublinhando a fidelidade de Deus à sua promessa.

com bênçãos dos seios e do ventre materno!

<sup>26</sup>As bênçãos do teu pai  
excedem as bênçãos das montanhas antigas,  
os desejos das colinas eternas.  
Que elas estejam sobre a cabeça de José,  
sobre a fronte do consagrado<sup>a</sup> entre os seus irmãos!

<sup>27</sup>Benjamim é um lobo predador<sup>b</sup>:  
pela manhã apanha a presa  
e de tarde reparte os despojos».

<sup>28</sup>Todos estes são as doze tribos de Israel. E foi isto que o seu pai lhes declarou e abençoou-os. Abençoou-os a cada um com a sua bênção.

### Morte e sepultura de Jacob

<sup>29</sup>Jacob deu-lhes ordens, dizendo: «Eu vou juntar-me aos meus antepassados. Sepultai-me junto dos meus pais, na gruta que está no campo de Efron, o hitita, <sup>30</sup>na gruta que está no campo de Macpela, diante de Mambré, na terra de Canaã, o campo que Abraão comprou a Efron, o hitita, para propriedade de sepultura. <sup>31</sup>Ali sepultaram Abraão e Sara, sua esposa; ali sepultaram Isaac e Rebeca, sua esposa e lá sepultei Lia. <sup>32</sup>O campo e a gruta que ali se encontra foram comprados aos filhos dos hititas». <sup>33</sup>Jacob terminou de dar estas instruções aos seus filhos. E depois juntou os pés na sua cama, expirou e juntou-se aos seus antepassados.

### 50 Exéquias de Jacob

<sup>1</sup>José lançou-se sobre o rosto do seu pai, chorou inclinado sobre ele e beijou-o. <sup>2</sup>José ordenou aos médicos, seus servidores, que embalsamassem o seu pai; e os médicos embalsamaram Israel. <sup>3</sup>Cumpriram para com ele os quarenta dias, porque estes são os dias do embalsamamento; e os egípcios choraram-no durante setenta dias. <sup>4</sup>Quando passaram os dias de chorar por ele, José declarou à casa do faraó, dizendo: «Se encontrei favor diante dos vossos olhos, transmiti, por favor, estas palavras aos ouvidos do faraó: <sup>5</sup>“O meu pai fez-me jurar dizendo: ‘Quando eu tiver morrido, é no meu sepulcro, aquele que eu abri para mim na terra de Canaã, é lá que deves sepultar-me’. Por isso, deixa-me subir para sepultar o meu pai e depois regressarei». <sup>6</sup>O faraó respondeu: «Sobe, sepulta o teu pai, como ele te fez jurar». <sup>7</sup>E José subiu, a fim de sepultar o seu pai; e com ele subiram todos os servos do faraó, os anciãos da sua casa, todos os anciãos da terra do Egito, <sup>8</sup>bem como toda a casa de José, os seus irmãos e a casa do seu pai. Deixaram apenas na terra de Góchen as suas crianças e o

<sup>a</sup> Deus continuará a ajudar e aabençoar José, na sequência de uma promessa feita aos seus antepassados (12,2-3). O termo hebraico *nazir*, traduzido por *consagrado*, também significa dedicado, separado, posto à parte, escolhido. Sublinha a maneira como a história de José desde o princípio destacava a sua figura de eleito relativamente aos irmãos e à família.

<sup>b</sup> A metáfora guerreira e feroz de Benjamim, encontra um suporte na narrativa (cf. Jz 3,15s; 5,14; 19,20).

seu gado miúdo e graúdo. <sup>9</sup>Subiram também com ele os carros e os cavaleiros; era um cortejo muito importante.

<sup>10</sup>Chegaram a Góren Atad, situada do outro lado do Jordão, fizeram ali um lamento grande e muito pesado; e José fez luto de sete dias em honra do seu pai. <sup>11</sup>Os habitantes da terra, os cananeus, presenciaram o luto em Góren Atad e disseram: «Este é um luto pesado para os egípcios!» Por isso chamaram Abel-Misraim<sup>d</sup> ao lugar situado no outro lado do Jordão. <sup>12</sup>Os filhos fizeram por ele tudo o que ele lhes tinha ordenado: <sup>13</sup>levaram-no para a terra de Canaã e enterraram-no na gruta do campo de Macpela, o campo que Abraão comprou como propriedade de sepulcro, a Efron, o hitita, em frente de Mambré. <sup>14</sup>Depois de sepultar o seu pai, José voltou para o Egito com os seus irmãos e com todos os que tinham subido com ele para sepultar o seu pai.

### Morte de José<sup>e</sup>

<sup>15</sup>Ao verem que o seu pai tinha morrido, os irmãos de José disseram: «Será que José nos guarda rancor e vai vingar-se de todo o mal que fizemos contra ele?» <sup>16</sup>Mandaram então dizer a José: «Antes da sua morte, o teu pai deu uma ordem: <sup>17</sup>“Falai assim a José! Perdoa, por favor, a ofensa dos teus irmãos, a sua falta e o mal que fizeram contra ti! Por isso, perdoa, por favor, o erro dos servos do Deus do teu pai!”» E José chorou quando eles lhe falaram. <sup>18</sup>Depois os seus irmãos vieram e caíram aos seus pés, dizendo: «Aqui estamos nós, para sermos teus servos». <sup>19</sup>Mas José respondeu-lhes: «Não temais! Acaso estou eu no lugar de Deus?<sup>f</sup> <sup>20</sup>Vós planeastes o mal contra mim, mas Deus planeou-o para o bem, para realizar o que aconteceu neste dia: dar vida a um povo numeroso. <sup>21</sup>Portanto, não temais! Eu sustentarei-vos e às vossas crianças». E assim os reconfortou e lhes falou ao coração. <sup>22</sup>José residiu no Egito, ele e a casa do seu pai. E José viveu cento e dez anos. <sup>23</sup>José viu os filhos de Efraim até à terceira geração; e os filhos de Maquir, filho de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José. <sup>24</sup>José disse aos seus irmãos: «Eu vou morrer! Mas Deus cuidará de vós, fazendo-vos subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaac e a Jacob». <sup>25</sup>E José fez jurar aos filhos de Israel, dizendo: «Deus tomará cuidado de vós e então deveis fazer subir desta terra os meus ossos»<sup>g</sup>. <sup>26</sup>José morreu com a idade de cento e dez anos. E embalsamaram-no e puseram-no num sarcófago, na terra do Egito.

<sup>c</sup> Trata-se de uma prática comum entre os israelitas (cf. 1Sm 31,13).

<sup>d</sup> O texto estabelece um jogo de palavras entre *'abel*, que significa *prado*, e *'ebel*, que significa *pranto*. São lugares desconhecidos que podem sugerir uma tradição diferente da de Macpela; segundo esta tradição, Jacob teria sido enterrado na Transjordânia.

<sup>e</sup> Este epílogo descreve os últimos anos de José, mas também serve como transição para a próxima etapa da história de Israel, tal como indica a referência à sepultura de José em Canaã (Js 24,32; cf. Ex 13,19). A menção a Abraão, Isaac e Jacob confere uma unidade à narrativa precedente.

<sup>f</sup> O apelo a não temer inicia e termina a resposta de José ao apelo de perdão dos seus irmãos (vv. 19-21), associando-o a um oráculo de salvação. Trata-se de uma linguagem comum que abre as teofanias de Deus (cf. 21,17; 26,24; 46,3).

<sup>g</sup> Ao saírem do Egito, os israelitas deram cumprimento a este pedido de José (Ex 13,19).

## PARALELOS

**1,2:** Jb 38,39; Sl 8; 104; Pr 8,22-31 | **1,7:** Pr 8,28 | **1,14:** Jr 31,35; Is 40,26 | **1,16:** Sl 136,7 | **1,20:** Jb 12,7-42 |  
**1,26:** Sir 17,3-4; Sb 2,23 | **1,28:** Sl 8,6-9; Sir 17,2-4; Sb 9,2.  
**2,2:** Ex 20,8 | **2,4:** Jr 10,11s | **2,5:** Sir 3,20s | **2,6:** Jo 34,14c | 2,9: Pr 3,18 | **2,10:** Ez 47,1 | **1,18:** Sir 3,20.  
**3,2:** Sb 2,24 | **3,5:** Is 14,14 | **3,14:** Is 65,25 | **3,17:** Os 4,3; Is 11,6 | **3,19:** Jb 34,15; Sl 90,3; 104,29; Sir 3,20.  
**4,5:** Ex 34,19; Lv 3,16 | **4,8:** Sb 10,3 | **4,26:** Ex 3,14.  
**5,1:** 1Cr 1,1-4 | **5,21:** Sir 44,16 | **5,24:** Sb 4,10-11.  
**6,3:** Sir 17,2 | **6,4:** Dt 1,28 | **6,5:** Sl 14,2-3 | **6,6:** 1Sm 15,11.35; Jr 18,10 | **2,7:** 2Sm 24,16 | **6,9:** Sir 44,17.  
**7,2:** Lv 11,1s | **7,11:** Is 24,18; 44,27; Sl 78,15; 104,1s.  
**9,3:** Dt 12,15 | **9,5:** Lv 1,5; Ex 20,13 | **8,13:** Ez 1,28.  
**10,1:** 1Cr 1,5-23 | **10,8:** 1Rs 10,1.  
**11,3:** Sir 40,19 | 11,8: Jr 51,53; Is 14,12 | **11,10:** 1Cr 1,17-27.  
**12,1:** Sb 10,5; At 7,2-3; Hb 11,8 | **12,3:** Jr 4,2; Sir 44,21; At 3,25; Gl 3,8 | **12,6:** 33,18-20 | **12,7:** 13,15.18;  
17,8.26; At 7,5; Gl 3,16.  
**14,5:** Dt 1,28 | **14,7:** Ex 17,8; Dt 7,1 | **14,18:** Sl 110,4; Hb 5-7.  
**15,5:** Ex 1,10; Hb 11,12 | **15,6:** 1Mc 2,52; Rm 4; Gl 3,6; Tg 2,23 | **15,13:** At 7,6-7 | **15,14:** Ex 12,40; Jt 5,9; Gl  
3,17; At 13,20.  
**16,5:** 21,10-19 | **16,7:** Ex 15,22 | **16,12:** 25,12-18.  
**17,5:** Ne 9,7 | **17,12:** Lv 12,3 | **17,17:** 18,12; 21,6.9 | **17,20:** 25,13-16.  
**18,2:** Hb 13,2 | **18,9:** 15,2-4; 17,15-21; Rm 9,9 | **18,13:** Lc 1,37 | **18,17:** Tg 5,16 |  
**18,18:** Ex 32,11; Am 3,7 | **18,32:** Ex 22,30.  
**19,4:** Jz 19,22-24 | **19,5:** Lv 20,13 | **19,11:** 2Rs 6,18 | **19,17:** Mt 24,15 | **19,26:** Sb 10,7; Lc 17,32 |  
**19,27:** 18,16.33 | **19,28:** Is 34,9-10.  
**20,1:** 12,10-20; 26,1-11  
**21,4:** 17,12; At 7,8 | **21,7:** 17,7 | **21,8:** Gl 4,22-31; Jo 8,31-37 | **21,13:** Rm 9,7; Hb 11,18 | 21,15: 1Rs 19,3-4 |  
**21,22:** 26,15-33 | **21,33:** Is 40,28.  
**22,1:** Sb 10,5; Sir 44,20; Heb 11,7; Tg 2,21-22 | **22,2:** 31,11; 46,2; Ex 3,4; 1Sm 3,4 | **22,6:** Jo 19,17 | **22,9:** Tg  
2,21 | **22,13:** Ex 20,20; Dt 6,2; Jo 3,16; Rm 8,32; Heb 11,17 | **22,17:** 12,2; 15,5; 16,10; 32,13; 24,60; Is 14,12 |  
**22,23:** 24,15; 25,20; 28,2.  
**24,1:** 12,2-3 | **24,2:** 47,29 | **24,3:** 28,1s | **24,7:** 12,7 | **24,11:** 29,2s; Ex 2,16s | **24,13:** 1Sm 14,10 | **24,60:**  
22,17 | **24,62:** 16,13-14.  
**25,1:** 1Cr 1,32-33 | **25,11:** 24,42 | **25,12:** 1Cr 1,29.31 | **25,18:** 16,12 | **25,20:** 24,1 | **25,23:** Ml 1,2-5; Rm  
9,12 | **25,26:** Os 12,4 | **25,31:** Dt 21,17 | **25,34:** Heb 12,16.  
**26,1:** 12,10-20 | **26,2:** 12,1 | **26,4:** 22,17-18; 12,7 | **26,15:** 21,25-31 | **26,26:** 21,22-23 | **26,34:** 36,1-5 |  
26,35; 24,3; 28,1.  
**27,6:** Gn 25,28 | 27,11; 25,25 | **27,27:** 27,17-18 | **27,29:** 25,23 | **27,35:** 25,26; 29,34 | **27,36:** Jr 9,3; Os 12,4;  
Is 43,27 | **27,42:** Sb 10,10 | **27,43:** 24,29 | **27,46:** 27,41-45.  
**28,3:** 17,1-5 | **28,8:** 25,12-13 | **28,10:** Sb 10,10 | **28,14:** 12,12; 13,14s; 15,5s; 18,8; 22,17s; 26,4b | **28,17:** Ex  
19,12 | **28,18:** Ex 23,24 | **28,19:** 35,6; 48,3; Jz 1,23 | **28,22:** Am 4,4.  
**29,2:** 24,11; Ex 2,16s | **29,27:** Jz 14,12.17; Tb 8,20; 10,7.

**31,3:** 26,3; 28,15; **31,11:** 16,7 | **31,13:** 28,18-22 | **31,19:** Jz 17,5; 15m 19,13; 2Rs 23,24; Os 3,4 | **31,34:** 31,19; Lv 15,19-20 | **31,39:** Ex 22,2 | **31,42:** 31,24-29.

**32,13:** 22,16-17; 28,14 | **32,23:** Ex 4,24-26; Os 12,4-6; Sb 19,12 | **32,30:** Jz 13,17 | **32,31:** Ex 33,20.

**33,19:** Js 24,32.

**35,1:** 28,10-22 | **35,4:** 12,6 | **35,5:** 34,30 | **35,6:** 28,19 | **35,10:** 32,29 | **35,19:** Mq 5,1 | **35,21:** 49,3-4 | **35,23:** 29,31-30,24.

**36,2:** 26,34; 28,9 | **36,7:** 32,4; 13,5-9 | **36,9:** 1Cr 1,35 | **36,31:** 1Cr 1,43-50; Nm 20,14 | **36,40:** 1Cr 1,51-54.

**37,3:** 37,23.31-33 | **37,11:** Dn 7,28 | **37,27:** Jb 16,18; Is 26,21; Ez 24,7 | **37,35:** Jr 31,15.

**38,8:** Dt 25,5; Rt 1,11.13; Mt 22,24 | **38,30:** Rt 4,12; Mt 1,3; Lc 3,33

**39,20:** Sl 105,18.

**40,8:** 41,16 | 40,12 Ex 21,16; Dt 24,7.

**41,8:** Ex 7,11.22; 8,1-3 | **41,16:** 40,8 | 41,37: Dn 13,45 | **41,40:** Sl 105,21 | **41,54:** Sl 105,16.

**42,9:** 37,5-11 | **42,21:** 37,18-21 | **42,22:** 37,22 | **42,24:** 43,30 | **42,38:** 42,4; **37,35:** Nm 16,33.

**43,8:** 42,37 | **43,11:** 37,25 | **43,14:** 42,24 | **43,21:** 42,27-28 | **43,30:** 42,24.

**45,9:** Ex 8,18; 9,26.

**46,8:** Nm 26,5s | **46,26:** Ex 1,5; Dt 10,22.

**47,11:** Ex 1,11; 12,37 | **47,31:** 1Rs 1,47.

**48,15:** Sl 23,1; Gn 16,7 | **48,19:** Dt 33,17.

**49,1:** Jr 5,1ss; Dt 33,1ss | **49,10:** Nm 24,17; Mq 5,1-3; Is 9,5; 11,1s; Zc 9,9; 2Sm 7,1s | **49,16:** 2Sm 20,18 | **49,18:** Is 25,9; Dt 33,34 | **49,22:** Dt 33,13-17.

**50,24:** Ex 12,41 | **50,25:** Ex 15,19; Js 24,32.